

RENATA BARRETO FERNANDES DE ALMEIDA

O CAMINHO DAS PEDRAS: CULTURA DE USO DE CRACK EM PERNAMBUCO

Tese apresentada à Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina para obtenção do título de doutor em Ciências.

São Paulo

2017

RENATA BARRETO FERNANDES DE ALMEIDA

O CAMINHO DAS PEDRAS: CULTURA DE USO DE CRACK EM PERNAMBUCO

Tese apresentada à Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina para obtenção do título de doutor em Ciências.

Orientadora:

Profª Drª Solange Aparecida Nappo

Coorientadora:

Profª Drª Naíde Teodósio Valois Santos

São Paulo

2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO/ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE MEDICINA PREVENTIVA/CENTRO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES
SOBRE DROGAS PSICOTRÓPICAS-CEBRID
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

Chefe do departamento de Medicina Preventiva:

Profa. Dra. Rosemarie Andrezza

Coordenador do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva:

Prof. Dr. Pedro Paulo Gomes Pereira

RENATA BARRETO FERNANDES DE ALMEIDA

O CAMINHO DAS PEDRAS: CULTURA DE USO DE CRACK DE PERNAMBUCO

Presidente da Banca:

Profa. Dra. Solange Aparecida Nappo

Banca Examinadora

Profª. Drª. Eroy Aparecida da Silva
Coordenadora Clínica Escola-Unidade de Dependência de Drogas – Disciplina de
Medicina e Sociologia do Abuso de Drogas –DIMESAD-UNIFESP

Prof. Dr. Lucio Garcia de Oliveira
Pesquisador do Departamento de Medicina Legal, Ética Médica e Medicina Social e
do Trabalho, FMUSP

Prof. Dr. Marcelo Dalla Vecchia
Professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia/ Universidade Federal de
São João Del Rei

Profª. Drª. Maristela de Melo Moraes
Professora/ Departamento de Psicologia/Universidade Federal de Campina Grande
(UFCG)

Aprovada em:

Esta tese foi realizada no Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina, com o apoio do Departamento de Saúde Coletiva do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz – Pernambuco e do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, e com apoio financeiro do Ministério da Saúde – Secretaria de Vigilância em Saúde.

“As pulgas sonham em comprar um cão, e os ninguéns com deixar a pobreza, que em algum dia mágico de sorte chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chova ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura.

Os ninguéns: os filhos de ninguém, os dono de nada.
Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos:

Que não são embora sejam.

Que não falam idiomas, falam dialetos.

Que não praticam religiões, praticam superstições.

Que não fazem arte, fazem artesanato.

Que não são seres humanos, são recursos humanos.

Que não tem cultura, têm folclore.

Que não têm cara, têm braços.

Que não têm nome, têm número.

Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.

Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.”

Eduardo Galeando

Os Ninguéns. O livro dos Abraços

Dedico este trabalho mais uma vez as minhas duas grandes pedras preciosas: meu filho Caio Henrique e minha mãe Maria Antonia (Lilia)

AGRADECIMENTOS

Este momento se torna muito especial pra mim. Sair um pouco da árdua escrita da tese e pensar nas pedras preciosas que cruzaram o meu caminho nesses quatro anos do doutorado. Cruzaram de uma forma singular, verdadeira e recheada de afetos. Ladrilharam as ruas que passei com valiosas contribuições, abrilhantaram momentos que vivi, deram vida, força, luz, determinação para que esse momento fosse possível. Algumas dessas pedras já faziam parte de minha vida, da minha história, mas nossas relações foram sendo lapidadas durante esse período na construção de uma amizade cada vez mais intensa e fortalecida. Outras, são pedras preciosas que fui encontrando nesse meu caminhar acadêmico e que tornaram minha vida muito mais leve, prazerosa e possível de ser vivida da forma mais intensa possível.

Gostaria de começar agradecendo a Deus, pois é... agradecendo a Deus. Mas o agradecimento não é direcionado a esse Deus dogmático, da igreja católica ou evangélica, a qual fiz parte durante boa parte de minha vida. Esse Deus louvado pelas pessoas religiosas, intolerante e ditador não faz parte dos meus agradecimentos. Principalmente, nesse momento de tanta intolerância religiosa. Esse Deus foi criado por pessoas, que não conseguem enxergar o próximo com fraternidade e usam a religião para defender seus princípios, sem respeitar diferenças. Vivem impondo palavras e regras que não foram criadas por Deus. Gostaria de agradecer ao **meu** Deus, que esteve comigo em diversos momentos de introspecção. Momentos que achei que não chegaria ao final desse caminho, mas, em nossas conversas, Ele sempre sinalizou que tenho uma fortaleza dentro de mim e que eu precisava seguir em frente. Obrigada Deus, esses momentos e sua força sempre foram preciosas no meu caminhar!

A minha mãe por sempre estar ao meu lado, de forma incondicional. Alguns caminhos escolhidos por mim não a deixava feliz, mesmo assim, esteve presente com a mão estendida, em prontidão para fazer o que fosse possível por mim. Minha mãe o meu eterno obrigada, por tudo. Sua presença em minha vida é sempre combustível para enfrentar todos os meus desafios!

Ao meu filho Caio Henrique por ser minha maior pedra preciosa. Seu incentivo e compreensão nas horas mais difíceis foram importantes demais nesse doutorado. Minhas ausências se transformarão em parcerias e ainda curtiremos momentos incríveis juntos. Me aguarde, filhão, estaremos cada vez mais juntos!

A Solange Nappo, minha querida orientadora. Nossa parceria foi muito além de orientações de um trabalho acadêmico. Foram momentos de trocas incríveis, onde a dor e a delícia de ser mulher foram compartilhadas, vividas, sofridas e vencidas. Aprendi e aprendo muito com você. És especial demais!

A Naíde Teodósio, minha amiga, não apenas, uma coorientadora. Aprendi que precisamos ser mais leves, que a forma como nos colocamos no mundo faz a diferença nas nossas relações. Obrigada pela amizade. Amizade que foi construída com muito afeto e admiração. Essa vou guardar do lado esquerdo do peito, num lugar muito especial para poder eterniza-la. Suas palavras sempre são muito significativas em minhas reflexões de vida!

A Keila Brito pelo precioso aprendizado em pesquisa qualitativa junto ao NVivo. Porém, o agradecimento vai muito além desse aprendizado. Agradeço pela figura incrível que tive o privilégio de conhecer no decorrer desse doutorado. Sua sensibilidade, doçura, compreensão e ajuda fizeram a diferença na minha escrita. E como deixar de fora nossas boas gargalhadas... agora o foco é curtir um pouco mais a vida e desejo muitos momentos com você ao lado. Você sabe que fez a diferença, muito obrigada!

As moradoras da Casa Azul o que dizer? Vocês são parte de mim. Nuca vou esquecer nossos momentos juntas! Esse tesouro não tem preço. Aninha e sua forma doce e inteligente de viver a vida, como aprendi com você. A felicidade está na sua porta, junto com a família linda que está construindo. Polly você pra mim é sinônimo de fortaleza. Minha admiração é indescritível por você. Das minhas pedras preciosas a mais forte, a mais determinada, a mais linda! Rossana, o que dizer da pessoa que se transformou em minha irmã... Tantas dores e delícias foram compartilhadas nesses anos. Estamos concluindo o nosso doutorado, por mais que a vida tenha se apresentado de forma tão adversa, conseguimos! Começamos e finalizamos essa

etapa juntas. Fomos guerreiras e chegamos na linha de chegada. Obrigada meninas, a Casa Azul estará sempre em meu coração, vocês sempre serão meu porto seguro!

As mais bonitas de Apipucos por serem abrigo nos meus momentos de desespero, por serem porto nos meus momentos de insegurança, por serem afeto, nos meus momentos de carência, por serem família nos meus momentos de solidão, por serem amigas, nos momentos que mais precisei, por serem alegria nos meus momentos de tristeza. Vocês foram minha grande fortaleza durante a escrita dessa tese. Foram palavras de incentivo, taças de vinho, leituras de revisão e tantos outros momentos que contribuíram para a finalização desse trabalho. Adriana, Alda, Ielma, Lays, Marcela, Rossana, Tânia e Isis dividir o espaço de morada com vocês é precioso demais! Minha eterna gratidão!

Ao saia apertada, amigas que carrego na minha vida desde o Colégio Nóbrega. Vocês me ensinam a viver melhor a cada dia. Nossas trocas são indescritíveis. Só quem vive nossos momentos sabe o quanto somos importantes uma para outra. Ana Paula, Paulinha, Gabi, Ju e Rebeca que a vida nos presenteie sempre com o fortalecimento da nossa amizade e que ela seja eterna. Obrigada por fazerem parte de minha vida!

Aos amigos de São João Del Rei, pessoas incríveis que o mundo das drogas me deu de presente. O que era pra ser um Congresso desprezioso, se transformou num marco de uma amizade, com cheirinho de café, que quero levar pro resto de minha vida. Nossos encontros, apesar de efêmeros, são regados a muito afeto, sentimentos de luta, resistência e militância. Que nossas consonâncias ideológicas continuem nos aproximando cada vez mais e que nossa amizade seja sempre símbolo de alegria e amor. Ter vocês nessa caminhada me fez ter a certeza que o caminho que tracei para minha vida profissional é o melhor. Eroy, Yone, Rossana, Evaldo e Naíde, Nery e Angélica, Telmo, Marcelo e Fernanda, vocês já fazem morada no meu coração. Muito obrigada!

A R3M, minhas queridas amigas do peito e do pulmão não poderia finalizar esse trabalho sem dizer o quanto vocês são importantes na minha vida e na minha trajetória profissional. Em momentos de desespero vocês souberam me tranquilizar da melhor forma. Nossa parceria é de uma vida. Alda **Roberta** você esteve ao meu lado em tantos momentos, que caberia um texto inteiro para te agradecer tanto carinho e

disponibilidade. Um pequeno desencontro nosso quase me deixou no chão, sua presença em minha vida é fundamental. **Marilyn**, minha querida Marilyn, o Mais Vida me presenteou com sua amizade. Já foram muitas trocas e terminamos vivendo as delicias e dissabores do doutorado juntas também. Obrigada por tanto carinho. **Rossana**, já deu né amiga... você já está em tantos agradecimentos. Nossas vidas estão misturadas e ainda temos muito a viver. Amo vocês!

Aos meus queridos amigos Saulo, Joca, Deborah (minha eterna marida rrsrs), Keka e Marcelo por fazerem parte da minha vida de uma forma tão intensa. Já vivemos muitas histórias juntos e, com vocês sei, exatamente, o sentido da palavra amizade. Obrigada pela presença, incondicional, nos momentos que mais precisei. Amo vocês!

Ao grupo de supervisão do Programa ATITUDE, com vocês aprendi muito, iniciei muitas reflexões acerca do cuidado as pessoas que fazem uso de crack. Tantas foram as inquietações com reuniões empolgantes e o desejo de fazer mais e melhor, pelo Programa e por essas pessoas. Evaldo, Naíde, Edna, Michelle, Paula, Joana, Egéria, Catarina, Carol, Cristiane, Diane, Alda e Maristela vocês fizeram parte dessa minha história e aqui fica meu eterno agradecimento por todos os momentos que dividimos nossas angústias, saberes e desejos. Ainda quero cruzar muito com vocês nesses espaços de aprendizado. Gratidão!

A equipe da pesquisa “*Vulnerabilidade de usuários de crack ao HIV e outras doenças transmissíveis: estudo sociocomportamental e de prevalência no estado de Pernambuco*”, desenvolvida pelo Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz – Pernambuco. Vocês fizeram esse sonho se tornar realidade. O empenho, a alegria e dedicação de cada um de vocês no campo fez com que essa pesquisa tivesse um gostinho de afeto e de amizade. Um agradecimento especial a Naíde e Ana Brito por confiarem no trabalho desenvolvido durante a pesquisa e a meus queridos amigos Alex, Anamaria, Claudinha, Dayana, Debora, Iracema, Luigi, Marcio, Suzana, Luziclea, Thais, Geraldo, Rayanne Adriana Marques, Adriana Cysneiros e Carla a minha eterna gratidão. O que poderia ter sido penoso foi gratificante, leve e divertido. Vocês fizeram a diferença!

Ao meu grupo de atividade funcional, meu eterno agradecimento, especialmente a nossa professora Juraneide. Vocês foram minha válvula de escape. Aliviaram minhas

dores musculares e meus momentos de ansiedade. As boas risadas eram alimento no dia a dia de escrita. Perceber que para o bom funcionamento de sua mente o corpo precisa estar em sintonia foi essencial nessa reta final. Muito obrigada por cada corrida e momento vivido com vocês.

Aos profissionais do Programa ATITUDE por toda a dedicação junto a equipe da pesquisa. Sem vocês nada seria possível. Obrigada não só pela disponibilidade, mas também pela preocupação e empenho no cuidado junto as pessoas que usam drogas e vivem em situação de grande vulnerabilidade em nosso Estado. Vocês são especiais e imprescindíveis!

Aos meus amigos do GEAD agradeço cada passo acadêmico. Vocês me instigaram e inspiraram em todos os momentos da trajetória desse doutorado. Aqui fica a minha eterna gratidão e admiração por cada um de vocês. Esse grupo tem a missão de se fortalecer cada vez mais. Nossos estudos podem fazer a diferença nesses dias tão difíceis junto as políticas de atenção e cuidado as pessoas que fazem uso de drogas em Pernambuco. Arturo (para você o agradecimento é mais do que especial por toda a ajuda nessa caminhada do doutorado), Marcela, Marilyn, Naíde, Polly, Roberta, Rossana, Magda, Lúcia, Fernanda, Iracema, Antonio, Wagner Jaqueline e Paula a vocês o meu muito obrigada! Ainda temos muito para caminhar no mundo das drogas!

Aos colegas, amigos e parceiros do Projeto REDES o meu eterno agradecimento por serem alimento em momentos políticos tão difíceis. A militância nos instiga e nossas consonâncias ideológicas me fazem acreditar que precisamos lutar por um cuidado em rede, um cuidado humanizado, que leve em consideração todas as singularidades das pessoas que fazem uso de drogas. Gostaria de fazer um agradecimento especial aos profissionais e gestores dos municípios de Caruaru, Aracaju e Betim por terem me dado a oportunidade de tantas trocas e reflexões. A experiência vivida com vocês foi indescritível. Gratidão!

Aos meus colegas da UNIFAVIP, em especial a nossa coordenadora Raffaella por todo o incentivo nesse momento tão importante das nossas vidas acadêmicas. Alguns estiveram mais próximos, outros nem tanto, mas o meu sentimento de unidade para com esse grupo me fez agradecer a todos e a cada um de forma muito especial! A paixão pela docência ganhou força quando comecei a dividir esse espaço com vocês.

E, claro, não poderia deixar de agradecer aos meus alunos. Dividir a sala de aula com vocês é o processo mais instigante e apaixonante que um professor pode viver, e a busca pela qualificação também é fruto desse apaixonamento. Obrigada por tudo!

Aos membros da banca examinadora por aceitarem mergulhar em minhas reflexões lançando outros olhares em forma de contribuições. Sei que terei muito a agradecer!

Aos colegas e amigos da Pós Graduação da UNIFESP, em especial um anjinho que caiu do céu para me ajudar, Josi Cruz. Esse figurinha nunca mediu esforços para ajudar essa pernambucana nos processos burocráticos do doutorado que exigiam entrega de documentos e outras coisas mais. Sem você muita coisa não seria possível, você sabe disso. Muito, muito obrigada!

Ao CEBRID, espaço de estudo e pesquisa que tenho muito orgulho de fazer parte. Mesmo tão distante fisicamente, tive o privilégio de acompanhar o trabalho sério de tantos profissionais que investem de corpo e alma no desvelar dos segredos do “mundo das drogas”. Para vocês parabéns pela resistência de sempre!

A Sandrinha, Sandra Fagundes que foi muito mais que uma responsável pela secretaria, também foi um anjo que sempre esteve disponível para ajudar no que fosse preciso. Sua doçura me cativou desde o início e você será eternamente responsável por isso. Só gratidão!

Finalmente, gostaria de agradecer a todos/as os/as participantes da pesquisa. Conhecer melhor a história de cada um de vocês me fez querer continuar na militância. Continuar acreditando que é possível um cuidado mais humanizado e singular. Precisamos nos voltar para a realidade social de cada um e perceber que o uso de crack é só mais um grito diante de tantas desigualdades. Obrigada por cada reflexão desse trabalho, obrigada pela transparência e paciência. Vocês são verdadeiras pedras preciosas!

E, ao final, as lágrimas são incontáveis por perceber quanta gente boa esteve ao meu lado, quantas pedras preciosas ganhei, lapidei e guardarei pelo resto de minha vida. Nesse último momento o sentimento é de gratidão pela riqueza da presença de vocês em minha vida. Obrigada a todos e a cada um de forma singular e especial. Vocês são o meu maior tesouro!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	24
1.1 Alguns estudos diante de pedras preciosas	25
1.2 No meio do caminho tinham várias pedras – a vulnerabilidade e a invisibilidade dos usuários de crack.....	31
OBJETIVOS	39
2. OBJETIVOS	40
2.1 OBJETIVO GERAL	40
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	40
3. MATERIAIS E MÉTODO.....	42
3.1 O caminho escolhido para chegar às pedras preciosas: Desenho do Estudo	42
3.2 Onde estão as pedras preciosas? Local do estudo.....	43
3.3 Quem são as nossas pedras preciosas? Atores do estudo	44
3.4 Como acessamos nossas pedras preciosas? A coleta de dados	46
3.5 Como compreendemos nossas pedras preciosas? O plano de análise	47
3.6 Como protegemos eticamente nossas pedras preciosas? Aspectos éticos	50
RESULTADOS E DISCUSSÃO	52
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	53
4.1 O encontro com o crack: início de uma experiência.....	58
4.1.1 A curiosidade e a influência dos amigos como motivação	58
4.1.2 O ambiente social também como motivador.....	61
4.1.3 Em momentos de dificuldades: o crack para “tomar coragem”	65
4.2 A sensação dos efeitos do crack: o que sentem as pedras preciosas.....	68
4.2.1 O prazer indescritível	68
4.2.2 No início apenas o prazer	69
4.2.3 Do prazer à paranoia e a fissura.....	71
4.2.4 Diante da abstinência: o crack como remédio.....	74
4.2.5 Durante o consumo: a “borra” do crack é a melhor sensação.....	75
4.2.6 A <i>overdose</i> : uma sensação de quase morte	76
4.3 Formas de uso do crack: quais as escolhas das pedras preciosas	78
4.3.1 Qual a melhor companhia para usar o crack?	79
4.3.1.1 Pedras preciosas solitárias	79
4.3.1.2 A companhia como segurança	82
4.3.2 As pedras preciosas e suas parafernalias: como usam o crack.....	84
4.3.2.1 O “tiro”	85
4.3.2.2 O cachimbo artesanal	86
4.3.2.3 A lata	88
4.3.2.4 O compartilhamento do cachimbo	91

4.3.3 Tá virando, “Virado” virou.....	94
4.4.3.1 Compreendendo o virado.....	94
4.4.3.2 O virado nas festas	100
4.4.3.3 A dependência do virado	101
4.4. Ambiente de uso do crack: onde brilham as pedras preciosas	102
4.4.1 Ambientes privados: aqui ninguém me vê	103
4.4.2 Ambientes insalubres: eu não gostaria de estar aqui.....	105
4.4.3 Ambientes conflituosos: a confusão está por aqui.....	106
4.4.4 Ambientes comerciais: a prostituição como principal fonte de renda.....	107
4.4.5 Ambientes oferecidos pelo tráfico: as “crack houses”	109
4.5 A dependência do crack.....	114
4.5.1 Doido de pedra: a descrição do descontrole do crack.....	115
4.5.2 Uso controlado	120
4.5.3 Associação com outras drogas	122
4.5.3.1 Associação com o álcool: os dois lados de uma mesma moeda	123
4.5.3.2 Associação com a maconha	128
4.6 As marcas no caminho das pedras preciosas	133
4.6.1 Perdas afetivas e materiais com o uso do crack	133
4.6.2 Lá vem o “noiado”: um estigma social, a perda da identidade	136
4.7 Caminhos para conseguir o crack	139
4.7.1 A prostituição: meu corpo pela pedra	141
4.7.2 Roubos e atividades ilícitas: tudo pelo crack	143
4.7.3 Tráfico: uma ajuda pela pedra	145
4.8 Acessibilidade ao crack.....	147
4.8.1 A pedra de crack: em todo lugar tem!.....	147
4.8.2 As estratégias de funcionamento do tráfico.....	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
6. REFERÊNCIAS.....	159
APÊNDICE A.....	169
APÊNDICE B.....	170

RESUMO

Nas últimas décadas, o consumo de drogas tem tomado dimensões preocupantes, com graves consequências para o indivíduo, sua família e comunidade, comprometendo as diversas interfaces da vida cotidiana. O crack emergiu no Brasil no final da década de 1980, apresentando-se como um fenômeno de rápida expansão. Várias pesquisas veem apontando para uma estreita relação entre o uso dessa droga e situações de vulnerabilidade vivida por essas pessoas. Considerando a relevância da questão, o presente trabalho objetivou descrever a cultura de uso do crack no Estado de Pernambuco, considerando o conjunto de conhecimentos, práticas e visões de mundo compartilhadas por esses usuários. Para o desenvolvimento do estudo foi utilizada uma metodologia qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com 39 pessoas maiores de 18 anos, que faziam uso de crack atendidas no Programa ATITUDE – Programa de atenção integral aos usuários de drogas e seus familiares, da Secretaria Executiva de Políticas sobre Drogas de Pernambuco. Trata-se de um estudo exploratório acerca dos diversos aspectos relacionados à cultura de uso de crack. A análise dos dados coletados foi realizada com base na técnica de análise de conteúdo, utilizando o software NVivo 10.0. Os resultados revelaram como os aspectos relacionados ao contexto social do consumo do crack têm estreita relação com o aumento de situações de vulnerabilidade vividas por esses usuários. Vários são os fatores que levam as pessoas a usarem o crack, porém a curiosidade e a influência dos amigos foram os mais presentes. Os entrevistados descreveram preferir usar o crack sozinhos, em cachimbos artesanais, sem a mistura com outras drogas. A dependência do crack foi vivenciada por quase todos os entrevistados. Poucos participantes acreditam na possibilidade de um uso controlado do crack. A compulsão é uma característica bem presente nos relatos. Diante do consumo abusivo do crack percebeu-se o grande envolvimento com atos ilícitos para obter a droga. Sob efeito da fissura e com o objetivo de continuar o uso, foi comum a descrição de atividades ilícitas de rápido retorno financeiro, gerando, além de significativo comprometimento moral e social, importante risco à vida dos entrevistados. Situações conflitantes entre os usuários e riscos eminentes de morte ou prisão estiveram presentes em vários relatos, apontando para a necessidade de intervenções do poder público. Finalmente, é importante destacar que as pesquisas qualitativas relacionadas ao consumo de crack no Brasil ainda são escassas. Diante da complexidade dessa problemática, maiores investimentos científicos precisam ser priorizados para que políticas públicas de atenção aos usuários de crack possam ser repensadas e melhor elaboradas para atender todas as particularidades relacionadas à atenção integral dessas pessoas.

Palavras Chaves: Cocaína/crack; Cultura de uso; Vulnerabilidade; Exclusão Social

ABSTRACT

In the last decades, drug use problems had become worrying, with serious consequences for the individual, his family and community, compromising the daily life of hundreds. Crack cocaine consumption emerged in Brazil in the late 1980's, and rapidly the phenomenon expanded and spreaded in whole country. Several researches point to a close relationship between the use of this drug and situations of vulnerability experienced by users. Considering the relevance of the issue, our work aimed to describe the culture of crack cocaine use in the State of Pernambuco, taking into account the set of knowledge, practices and worldviews shared by these users. For the development of this study we used a qualitative approach in which 39 semi-structured interviews of people over 18 years who used crack cocaine attended in the ATTITUDE Program – Comprehensive Care Program for Drug Users and their Families, managed by the Executive Secretary on Drug Policy of Pernambuco. It is an exploratory research on various aspects related to the culture of crack cocaine use. The analysis of the narrative data was performed based on the technique of content analysis, using the software NVivo v. 10.0. The results revealed the relationship between the social context in crack cocaine use and the increase of vulnerability situations experienced by these users. Several factors lead people to use the drug, but the curiosity and influence of friends were the most common. The interviewees described preference to use crack cocaine by oneself, in handmade pipes, without mixing of other drugs. The addiction on crack cocaine was observed in almost all the interviewees. Just few participants believed in the possibility of a controlled use of the drug. Compulsive use in binge pattern, and evolving with illicit or criminal acts to obtain the drug was recorded. Some criminal activities were informed to be realized on craving behavior to get fast financial return and to obtain the drug. Conflictive situations among users and imminent threats of death or imprisonment were observed in several reports. Finally, it is important to note that qualitative research related to crack consumption in Brazil is still scarce. Given the complexity of this problem, larger scientific investments need to be done to subsidize public policies on care and treatment turned to crack cocaine users attention to crack users.

Keywords: Crack/cocaine; Drug use culture; Vulnerability; Social exclusion.

APRESENTAÇÃO

*“Ajuntei todas as pedras que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta e no alto subi.
Teci um tapete floreado e no sonho me perdi.
Uma estrada, um leito, uma casa, um companheiro.
Tudo de pedra. Entre pedras cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras e plantando flores.
Entre pedras que me esmagavam Levantei a pedra rude dos meus versos.”*

Cora Coralina
Meu livro de cordel

E assim, continuei a questão

Na minha trajetória profissional, no campo de atenção às pessoas que fazem uso de álcool e outras drogas, atuando como técnica e gestora, a palavra “drogas” sempre fez parte do cotidiano. Várias eram as inquietações frente a essa temática tão cheia de significados individuais e sociais. Inquietar-se, acredito, é característico do ser humano e fundamental para um pesquisador. Assim, procurava sempre um sentido diante do que era dito e vivido pelos jovens em situação de vulnerabilidade com os quais eu trabalhava; do que era posto, enquanto verdade, pela mídia quando se referia ao tema; e do que era aceito de forma preconceituosa pela sociedade que faço parte.

Na militância pela Política de Redução de Danos tive a certeza de que excluir ou marginalizar as pessoas que usam drogas consideradas ilícitas, não ajuda a minimizar os danos causados por esse uso. Era e ainda é preciso conhecer melhor esses usuários para que políticas públicas de saúde, assistência social, educação, entre outras, possam ser elaboradas de forma a atender as necessidades dessas pessoas. As estratégias proibicionistas e excludentes em quase nada contribuem para o desenvolvimento de uma prática de cuidado que possa melhorar a qualidade de vida dessas pessoas.

Movida por essas questões, no mestrado comecei a estudar, de forma mais aprofundada, como, em nossa existência, o ser humano começou a usar drogas? Como este fenômeno começou a interferir nas nossas relações, causando danos difíceis de serem contornados? E ainda, como o crack começou a ter esse lugar tão

destruidor em nossa sociedade? O mergulho na temática resultou em uma dissertação que teve como objetivo cartografar a experiência de usuários de crack no município de Recife, o qual apontou para resultados relacionados à experiência de ser dependente do crack; aos fatores que levaram ao consumo dessa substância; ao significado do crack na vida desses usuários; às sensações vividas no consumo desta droga; as dificuldades e sucessos no tratamento; entre outras. Nesse momento, as primeiras pedras preciosas começaram a fazer parte de minha vida acadêmica. Escolhi chamar meus entrevistados pelo nome de pedras preciosas por perceber o valor de suas vidas, o valor de suas histórias tão pouco percebidas, quando não, ignoradas pela sociedade tão excludente.

Diante da complexidade das indagações trazidas nessas experiências, percebi que grandes desafios estão postos para as equipes que trabalham no tratamento das pessoas que fazem uso nocivo do crack e que essas questões eram só o início dos meus estudos. A pesquisa do mestrado aflorou ainda mais preocupações, interrogações, provocações... Sentia que meus achados ainda não eram suficientes para a complexidade do tema. Muitas perguntas ainda ficaram no ar. Quanto mais eu lia sobre as pesquisas junto a pessoas que faziam uso de crack, mais eu percebia grandes estudos epidemiológicos e menos compreensões acerca de quem eram esses sujeitos que se afastavam de suas atividades e relações diárias para viver, de forma intensa, o prazer descrito pelo uso do crack.

Dessa forma, seguia questionando: em que contexto essas pessoas usam o crack? Que estratégias utilizam para se protegerem diante de situações de uso abusivo, violência e discriminação? Como se percebiam diante do uso do crack? E principalmente, quem são, como usam, onde usam, como vivem fazendo o uso problemático dessa substância?

Algumas pesquisas qualitativas, nacionais e internacionais, já apontavam para algumas questões. Entretanto, em qualquer tentativa de responder aos meus questionamentos, sempre faltava algum elemento que não se mostrava claro em minhas experiências profissionais, acadêmicas e pessoais. Tentava sempre encontrar outros sentidos, outras configurações, outros horizontes, outras experiências diferentes das que eram postas pela academia. Queria encontrar uma nova forma de

olhar, uma nova forma de compreender o que leva pessoas a consumirem o crack e porque boa parte delas se torna dependente dessa droga.

Minhas inquietações aumentavam, ainda mais, quando percebia a escassez de estudos desenvolvidos no nordeste do nosso país, especialmente no estado de Pernambuco. Como pensar, propor e organizar espaços de cuidado para esses usuários sem conhecer a realidade vivida na nossa região? Acredito que comecei a chegar no cerne de minha questão. Tantos anos dedicados profissionalmente ao cuidado de pessoas que fazem uso problemático de substâncias psicoativas apontavam para esse desvelar. Precisava conhecer de perto a cultura de uso de crack do estado de Pernambuco. Não havia mais espaço para reproduzir informações desenvolvidas a partir de estudos em outras regiões do país, pensando na diversidade cultural e social existente. Precisávamos desenvolver um estudo qualitativo na nossa região, no nosso estado.

Nesse sentido, o desejo de encarar um doutorado foi tomando um formato particular frente a minha vontade de encontrar respostas às minhas perguntas. Sentia a necessidade de encontrar outras pedras preciosas, compreende-las e questioná-las diante do contexto de uso do crack e assim, minimizar as angústias diante de minhas inquietações. Nesse momento, surge a possibilidade de desenvolver um estudo sobre a cultura de uso de crack no estado. Este estudo seria alinhado com uma pesquisa sobre ações inovadoras para a prevenção da infecção do HIV e hepatites virais em populações em situação de maior vulnerabilidade, tendo um dos grupos prioritários os **usuários de drogas**, financiada pelo Edital 20/2013 da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (SVS/MS).

A pesquisa financiada pela SVS/MS teve por objetivo contribuir não só com dados epidemiológicos acerca do perfil e comportamentos de risco entre usuários de drogas no nosso estado, mas também desenvolver um braço qualitativo para estudar a cultura de uso de crack. O projeto foi desenvolvido pelo Departamento de Saúde Coletiva do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz - Pernambuco, do qual participei da elaboração e execução.

A presente tese, estruturada em *seis capítulos* é, portanto, fruto dessa busca incessante para dar conta das minhas inquietações. Ao final dessa trajetória, o presente estudo se propôs a responder os seguintes questionamentos: Quais as

formas de consumo do crack em Pernambuco? Há especificidades em relação as estratégias e utilização de parafernália para esse consumo? Existem situações de vulnerabilidade diante desse uso e são adotadas estratégias de proteção? E as situações de violência vivenciadas na relação com o tráfico, a polícia e a família? Como esses usuários lidam com essas situações?

Na *introdução* desse trabalho iniciei abordando a cultura de uso de drogas, em especial, a de crack. Também foi necessário traçar um percurso diante de algumas pesquisas de caráter epidemiológico e qualitativo, para conhecer o perfil dos usuários de crack, as situações vivenciadas por essas pessoas diante do uso abusivo, bem como compreender seus comportamentos e estratégias de proteção diante do consumo.

Fez-se ainda necessário percorrer conceitos importantes que dialogassem para o melhor entendimento do comportamento das pessoas que fazem uso abusivo do crack. Considerando que este fenômeno vem sendo apontado como um problema decorrente da exclusão social, foi necessário discorrer sobre invisibilidade e vulnerabilidade social, questões primordiais para a compreensão do consumo do crack.

Após a apresentação dos *objetivos*, foi descrito o *percurso metodológico* adotado, caracterizando o local do estudo, o Programa ATITUDE, os participantes da pesquisa, os procedimentos de coleta e análise dos dados, bem como todos os aspectos éticos necessários diante de uma pesquisa com seres humanos.

Nos *resultados e discussão* apresento e problematizo os achados do estudo acerca dos seguintes temas: os motivos que levam as pessoas a iniciarem o consumo de crack; as sensações e efeitos descritos pelos entrevistados diante deste uso; as formas de consumo; os ambientes; a dependência e as consequências diante desse consumo abusivo; como os entrevistados conseguem o crack, bem como a acessibilidade desta droga. Finalmente, as *considerações finais* e as *referências bibliográficas* estruturadas em ordem alfabética e com base na norma de Vancouver.

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Para estudar a cultura de uso de crack em Pernambuco, torna-se importante destacar o que compreendemos acerca de cultura de uso de drogas. Elaborada por Becker (2008), este conceito tem como objetivo descrever o conjunto de conhecimentos, práticas e visões de mundo compartilhadas por usuários de uma mesma substância. Fernandez (1997) e MacRae (2003), complementam que podemos fazer referência a culturas ou mesmo subculturas específicas ligadas ao uso regular de diferentes drogas, quando compreendemos que “... o conhecimento sobre as drogas está distribuído na estrutura social de acordo com a posição de classe e o saber experimental das redes de consumidores adquirido através da prática...” (Fernandez, 1997, p. 6)

Para Raupp (2011) é necessário compreender a utilidade desse conceito para abarcar vidas que “giram em torno de outros ritmos, temporalidades, objetivos e significados abrangendo uma série de conhecimentos empíricos compartilhados que são de difícil acesso a pessoas de fora do pedaço” (Raupp, 2011, p.152-153)

O ambiente real das grandes cidades se apresenta com diferentes mundos, extremamente complexos, sobrepostos uns aos outros. Dessa forma podemos compreender o mundo dos usuários de crack – o mundo “dos noias” – como um lugar social no qual são compartilhados linguagens específicas, significados, performances, conhecimentos empíricos sobre formas de uso e modos de sobrevivência (Magnani, 2005).

Diante dessa concepção sobre a cultura de uso do crack, faz-se necessário a compreensão de como foi se caracterizando a problemática do uso do crack, bem como percorrer algumas pesquisas, de caráter epidemiológico e qualitativo, para conhecer o perfil desses usuários e situações vivenciadas diante do uso abusivo, bem como compreender seus comportamentos.

1.1 Alguns estudos diante de pedras preciosas

O consumo de drogas data de tempos remotos e envolve questões culturais, religiosas, econômicas, políticas e sociais (Carneiro, 2002; Escohotado, 1994 e 1996). Nas diversas culturas, sociedades e épocas, o ser humano sempre consumiu drogas lícitas ou ilícitas, o que, na maioria das vezes, não se constituiu em problemas e motivos para alarmes sociais, sendo consumidas com finalidades diversas, sendo esse uso entendido como uma manifestação cultural e humana. Assim, esse consumo de drogas tinha um lugar definido, não representando risco significativo para as pessoas (Bucher e Lucchini, 1992; Nery Filho, Macrae, Tavares et al, 2009; Bastos e Cotrim, 1998).

No decorrer dos anos percebe-se uma maior diversidade de consumo, tanto no que se refere ao tipo quanto na forma de utilização das drogas. Ao identificar uma substância psicoativa, descobre-se formas diferentes para alcançar os efeitos desejados, tornando-a mais um produto de mercado em nossa sociedade. Nas últimas décadas, o consumo de drogas tem tomado dimensões preocupantes, com graves consequências para o indivíduo, sua família e comunidade, comprometendo as diversas interfaces da vida cotidiana (Bastos e Cotrim, 1998; Zaluar, 2004; Saporì e Medeiros, 2010). Para Jorge, Quinderé, Yasui et al (2013) o consumo do crack representa uma busca constante pela novidade, principal característica da sociedade de consumo atual.

O incremento do uso de drogas, além de estar associado à cultura capitalista do consumo e do prazer imediato (Soares, 2007), também se relaciona à situação de vulnerabilidade social vivida, sobretudo, pelas classes socialmente desfavorecidas. Considera-se que ampla parcela da sociedade vive permanentemente ameaçada pela instabilidade de suas condições de vida e pela exclusão social. O estado de miséria social e o desamparo político têm acarretado novas estratégias de sobrevivência, dentre as quais a entrada cada vez maior de jovens no mundo do tráfico (Zaluar, 2004).

O consumo do crack emergiu no Brasil no final da década de 1980, apresentando-se como um fenômeno de rápida expansão (Nappo, 1996), principalmente entre a população de maior vulnerabilidade social. Como apontam Bastos e Bertoni (2014),

os usuários de crack e/ou similares são, em sua maioria, homens negros, jovens, pouco escolarizados, que estão vivendo em situação de rua e que não tem emprego/renda fixa. Sendo assim, apresentam-se como um grupo bastante vulnerável socialmente.

No campo da saúde, alguns dos problemas associados ao consumo de drogas são a maior exposição à infecção pelo HIV e a outras doenças sexualmente transmissíveis (DST), acidentes de trânsito, *overdoses*, doenças cardiorrespiratórias, além de agravos relacionados à violência (Bastos; Cotrim, 1998; Brasil, 1998; Zaluar, 2004). O potencial de danos causados pelo crack é bastante elevado, principalmente quando considerados os efeitos negativos produzidos pela substância, tornando seu abuso um problema no Brasil (Dias, Ribeiro, Dunn et al, 2011).

As situações de violência vividas pelas pessoas que usam crack são importante aspecto que precisamos considerar. Num estudo realizado por Ribeiro, Dunn, Sesso et al (2006) verificou-se que os usuários de crack têm oito vezes mais chance de tornarem-se vítimas de um assassinato se comparados à população geral brasileira. A proporção de mortes por assassinato chega a 56,5%, muito superior à de mortes devidas aos efeitos da própria droga (8,7%). Esses percentuais demonstram que o efeito do crack não mata a maioria dos usuários, porém as situações de violência vividas por essas pessoas as tornam mais propensas a morrer.

Duailibi, Ribeiro e Laranjeira (2008) realizaram revisão bibliográfica para caracterizar o perfil do usuário de crack brasileiro e identificaram achados semelhantes ao estudo epidemiológico desenvolvido posteriormente por Bastos e Bertoni (2014), que esses eram preferencialmente homens, menores de 30 anos, desempregados, com baixa escolaridade e poder aquisitivo, provenientes de famílias “desestruturadas”. De acordo com o mesmo estudo, os usuários de crack, quando comparados aos usuários de cocaína intranasal, pareciam possuir um padrão mais grave de consumo, maior envolvimento em atividades ilegais, maiores riscos de efeitos adversos ao uso de cocaína, maior envolvimento em prostituição e mais chances de morar ou ter morado na rua. Nos últimos anos, o uso de crack passou a ser identificado também entre aqueles com maior poder aquisitivo, apesar de ainda ser mais prevalente nas classes mais baixas (Oliveira e Nappo, 2008a)

A maioria dos levantamentos epidemiológicos sobre consumo de drogas de âmbito nacional foi realizada pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID). Os primeiros estudos começaram a ser publicados no final dos anos 90. Em 1999, o CEBRID realizou o primeiro Levantamento Domiciliar sobre uso de drogas em São Paulo, que abrangeu as 24 maiores cidades paulistas. Nesse, o *uso na vida* (qualquer uso – inclusive um único uso experimental – alguma vez na vida) de cocaína foi de 2,1%, sendo maior na faixa etária entre 26 – 34 anos (4,0%). O uso de crack foi de 0,4%. Dois anos depois, o I Levantamento Domiciliar Nacional sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil (2001) entrevistou pessoas de 107 cidades, com mais de 200.000 habitantes. Nesse, o *uso na vida* de cocaína foi de 2,3%, com uma maior prevalência nas regiões Sul (3,6%) e Sudeste (2,6%), intermediária nas regiões Nordeste (1,4%) e Centro-Oeste (1,4%) e de menor prevalência na região Norte (0,8%). Mais uma vez, a faixa etária de maior uso encontrava-se entre os 25 aos 34 anos (4,4%), com predominância do sexo masculino (7,2%). O uso na vida de crack foi de 0,7% para o sexo masculino e o uso de merla apareceu na região Norte com 1,0%, a maior do Brasil. A faixa etária de maior consumo para ambas as substâncias foi igualmente jovem e masculina, com prevalência de uso de crack de 1,2% e de merla 0,5%.

O V Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas entre Crianças e Adolescentes (10 – 18 anos) em Situação de Rua nas 27 Capitais Brasileiras, realizado pelo CEBRID (2002), relatou que o *uso frequente* de crack (uso em 6 ou mais vezes, nos últimos 30 dias que antecederam a pesquisa) foi mencionado na maioria das capitais. Os maiores índices de uso recente ocorreram em São Paulo, Recife, Curitiba e Vitória, variando entre 15 e 26%.

Oliveira (2007) estudou a cultura de uso de crack na cidade de São Paulo. Seus resultados corroboraram com o perfil apontado por Nappo (1996) onde, em sua maioria, o usuário de crack é homem, jovem, de baixo poder aquisitivo, baixo nível de escolaridade e, geralmente, sem vínculo empregatício formal. As mulheres, assim como usuários de melhor poder aquisitivo, existem na cultura, porém em menor proporção. Quanto ao padrão de uso, em sua maioria, é do tipo *binge*, dando-se por horas e dias seguidos, descontinuando quando o usuário não tem mais condições físicas ou financeiras. Ainda em relação ao uso, identificou-se o padrão controlado ou esporádico, uma forma de controle sobre o uso do crack, subordinando-o às

exigências da vida diária, impedindo que o cotidiano do usuário fosse completamente inundado pela droga.

Para Duailibi, Ribeiro e Laranjeira (2008), o crack começou a ser utilizado entre crianças e adolescentes em situação de rua no final dos anos 80, especialmente nos estados da região sul e sudeste. A tendência de aumento foi progressiva, constatada série histórica de levantamentos realizada pelo CEBRID (1987, 1989, 1993, 1997 e 2003). Em São Paulo houve aumento do consumo entre 1989 e 1993, em Porto Alegre entre 1993 e 1997 e no Rio de Janeiro o consumo que já era elevado em 1993, acentuou-se ainda mais entre 1997 e 2003. No nordeste cujo consumo de cocaína-crack era insignificante até 1997 (em torno de 1%), subiu em 2003 em Fortaleza para 10,3% e em Recife para 20,3%, sugerindo um aumento na disponibilidade de derivados da coca nesta região.

Quanto ao consumo de crack entre mulheres, tem havido uma preocupação entre a comunidade científica brasileira de investigar, por exemplo, a associação entre a população feminina que consome tal droga em contextos específicos, como entre os profissionais do sexo, e a alta predisposição deste grupo para a infecção pelo HIV ou por outras doenças sexualmente transmissíveis. Em um estudo realizado por Nappo, Sanchez, Oliveira et.al. (2004), na cidade de São Paulo e em São José do Ribeirão Preto, com 75 mulheres que faziam troca de sexo por crack, as entrevistadas eram predominantemente jovens, mães, com baixa escolaridade, vivendo com a família (pais ou companheiros) e provedoras de suas casas. A maioria fazia sexo por crack diariamente (média de 1 – 5 programas), não escolhia o parceiro, o tipo de sexo praticado e não valorizava o uso de preservativos. Os pesquisadores identificaram nesse estudo comportamentos de risco como a troca de sexo por crack ou por dinheiro para comprar a substância e, conseqüentemente, um número elevado de parceiros, associado à prática de sexo sem proteção.

Em outra pesquisa realizada com 388 adolescentes predominantemente do sexo feminino, entre 13 e 20 anos, que procuraram espontaneamente serviços públicos de Porto Alegre para realizar o teste anti-HIV, os relatos de relação sexual com parceiro sem preservativo e de troca de sexo por drogas se mostraram diretamente associados aos casos de soro positividade diagnosticados (Bassols, 2003).

A pesquisa realizada por Bastos e Bertoni (2014) acrescenta que o tempo médio do uso de crack e/ou similares entre os usuários das capitais foi de aproximadamente 8 anos, enquanto que nos demais municípios este tempo foi de, aproximadamente, 5 anos. Esses usuários referem consumir, num dia “normal” (padrão) de uso, 13,42 pedras/porções destas drogas.

Neste sentido, independente do gênero ou classe social, o crack torna-se uma problemática que estigmatiza aqueles que usam e é temida pelos demais. O caráter ilícito das práticas associado com o tráfico e a violência contribuem enormemente para que o crack seja percebido como um problema que amedronta a sociedade (Carneiro, 2005).

Segundo Raupp (2011) a cobertura dada pela imprensa acerca dos prejuízos causados pelo uso de crack é numerosa e muitas vezes estigmatizante. Porém, os estudos científicos que objetivam compreender o perfil, os significados, as práticas ou as estratégias utilizadas pelos usuários para lidar no cotidiano não são suficientes. Os estudos sobre o tema tem priorizado uma abordagem mais epidemiológica ou experimental em detrimento de uma mais sociológica, antropológica. Em geral, buscam medir o impacto do uso da droga sobre a saúde física; apontar semelhanças e diferenças entre prejuízos causados pelo usos de cocaína e crack; ou investigar sua associação a comportamentos de risco para o contágio de doenças sexualmente transmissíveis. (Ribeiro, Dunn, Sesso. et al., 2006; Pechansky, Kessler, Diemen et al 2007; Kessler, Woody, Potela et al., 2007; Sanchez e Nappo, 2002)

Importante destacar o inquérito epidemiológico desenvolvido juntamente com o presente estudo, com base em amostra representativa dos usuários de crack atendidos pelo Programa ATITUDE – programa de proteção social da Secretaria Executiva de Políticas Sobre Drogas do Governo do Pernambuco. O inquérito teve como um dos objetivos elaborar o perfil do usuário de crack de Pernambuco, e aplicou questionário sociocomportamental em 1.062 pessoas, 819 homens e 243 mulheres, revelando aspectos importantes das condições de vida desse grupo populacional e do modo de consumo da droga (SANTOS, ALMEIDA e BRITO, 2016).

Alguns estudos etnográficos também foram desenvolvidos na tentativa de compreender quem são esses usuários de crack, seus territórios, suas relações

sociais e afetivas, seus instrumentos de uso, a relação com a violência e tantos outros aspectos importantes vividos nos seus espaços de uso.

Dessa forma, Malheiros (2010) buscou apresentar, discutir e analisar o consumo de crack entre indivíduos que possuem um uso controlado da substância no contexto do Centro Histórico de Salvador. O estudo partiu de uma etnografia nas cenas de consumo de crack e da narrativa de cinco sujeitos pesquisados acerca das suas trajetórias de vida, das diversidades de modalidades de consumo e das estratégias de gestão da droga, elaboradas por estes sujeitos a partir da sua experiência. A pesquisa possibilitou a distinção de diferentes consumidores de crack: o sacizeiro, usuário e o patrão. Segundo a autora o sacizeiro seria o consumidor iniciante, aquele que pelo pouco tempo de contato com a substância não consegue regular o uso. Seria a pessoa que faz um uso compulsivo e disfuncional de crack. Os usuários são aqueles que possuem mais tempo de uso da droga e um saber acumulado a partir de suas experiências. O usuário desenvolve uma série de estratégias para regular o uso da substância na sua vida. E o patrão são os comerciantes mais especializados na venda do crack (Malheiro, 2013).

Raupp (2011) desenvolveu um estudo etnográfico com o objetivo de descrever o perfil dos usuários, seus padrões de sociabilidade e a relação entre o uso da droga e o autocuidado nas cidades de São Paulo e Porto Alegre. Na análise dos dados sugeriu uma estreita relação entre a situação e o contexto social dos usuários e o seu padrão de uso de crack. A grande maioria estava em situação de rua e apresentava um padrão de uso compulsivo no qual o autocuidado ou qualquer outra atividade eram secundarizadas diante do consumo compulsivo da droga.

Outra pesquisa etnográfica foi desenvolvida por Alves (2016) na cidade de São Paulo. Esta teve como objetivo analisar como o uso do crack proporcionou a criação de uma rica parafernália, composta por ferramentas e utensílios dos mais variados, para a obtenção do melhor “trago” possível. Dessa forma o usuário de crack faz seu cachimbo conforme as necessidades do corpo. Busca materiais, os troca, os transforma em coisas de forma viva e significativa.

Recentemente, Souza (2016) coordenou um grande estudo nacional que consistiu numa pesquisa qualitativa com usuários e agentes institucionais, tendo como objetivo investigar a relação entre o uso de crack e processos de exclusão e desqualificação

social em diferentes esferas e dimensões. Os resultados dessa pesquisa reforçaram a estreita relação entre o consumo do crack e a exclusão social.

1.2 No meio do caminho tinham várias pedras – a vulnerabilidade e a invisibilidade dos usuários de crack

No prefácio do livro *Vulnerabilidades, Resiliência e Redes: uso, abuso e dependência de drogas*, Grandesso (2015) reflete que o uso, abuso e dependência de drogas nos convida a um “pensamento complexo e uma visão holística que reconheça a interdependência entre o individual e o coletivo como interconstituintes” (Grandesco, 2005, p. xx). A autora ainda acrescenta que precisamos compreender a vulnerabilidade, “**não como uma condição inerente a determinadas pessoas**, mas, como uma circunstância da vida, como um estado em que, em maior ou menor escala, cada pessoa pode se encontrar” dependendo do desequilíbrio entre os fatores de risco e de proteção. (Grandesco, 2015, p. xxi)

Nesse sentido, incluir o conceito de vulnerabilidade torna-se importante uma vez que essa noção vem sendo utilizada nos estudos envolvendo o uso de drogas. Profissionais da saúde, educação, assistência, entre outros, veem se apropriando desse conceito para melhor compreender a relação do ser humano com as drogas a partir de três aspectos inseparáveis: individual, social e programático. (Sodelle, 2015)

Sodelle (2015) resgata que o conceito de vulnerabilidade passou a ser utilizado na área da saúde a partir do advento da epidemia da aids. Nesse sentido, foi possível estabelecer padrões de referência para a avaliação da vulnerabilidade à infecção pelo HIV. “Procurou-se desenhar um mapa mundial das situações e dos contextos de vulnerabilidade e da dinâmica da pandemia por meio da resposta específica das comunidades locais, das nações e da comunidade global, ao HIV/aids” (Sodelle, 2015, p. 4). Segundo o autor, era necessário pensar, também, nas características sociais de uma forma mais ampla no contexto destas comunidades.

O conceito de vulnerabilidade pessoal e coletiva ao HIV e à Aids, defendido desde o final da década de 1980 por vários críticos, é mais apropriado que a de grupos de risco ou da responsabilidade individual descontextualizada. O conceito de vulnerabilidade ajuda a entender melhor a relação crítica entre discriminação social e

risco para o HIV, resultante de condições socioeconômicas e culturais, pelo menos envolvendo aspectos de classe, raça, idade e sexo. (Paiva, 2000)

Para Ayres (2006):

A noção de vulnerabilidade busca responder à percepção de que a chance de exposição das pessoas ao HIV e ao adoecimento pela aids não é a resultante de um conjunto de aspectos apenas individuais, mas também coletivos, contextuais, que acarretam maior suscetibilidade à infecção e ao adoecimento, e, de modo inseparável, maior ou menor disponibilidade de recursos de todas as ordens para se proteger de ambos. As análises de vulnerabilidade buscam, assim, integrar três eixos interdependentes de compreensão dos aspectos da vida das pessoas, de comunidades que as tornam mais ou menos suscetíveis à infecção pelo HIV. (Ayres, 2006, p. 396)

Esses três eixos contemplam a dimensão individual onde todas as pessoas são susceptíveis à infecção pelo HIV. Dessa forma, precisamos considerar os aspectos próprios ao modo de vida das pessoas que podem contribuir para maior ou menor exposição ao vírus; a dimensão social onde o contexto saúde-doença são considerados como processos sociais. Nessa dimensão é possível colocar em prática o acesso à informação, o conteúdo e a qualidade dessa informação, os significados que estas adquirem diante dos valores e interesses das pessoas e, a dimensão programática, que tenta avaliar em que circunstâncias sociais dadas, as instituições, especialmente as de saúde, educação, bem-estar social e cultura, atuam como elementos que reproduzem as condições socialmente dadas de vulnerabilidade. (Ayres, 2006)

Sodelle (2015, p.15) faz uma releitura desses três eixos da vulnerabilidade no campo preventivo do uso nocivo de drogas. Para o autor, quando pensamos no componente individual devemos relacionar “as condições objetivas do meio natural e social em que os comportamentos acontecem, ao grau de consciência que os indivíduos, grupos populacionais ou nações têm sobre esses comportamentos e ao poder de transformação que possuem, com base nessa consciência.”

No componente social é necessário refletir o acesso à informação pelos sujeitos ou grupos populacionais, como também o acesso a serviços de saúde e educação; é preciso ainda levar em consideração os aspectos sócio-políticos e culturais de segmentos populacionais como mulheres, crianças, idosos, população indígena, entre

outros; além de considerar o grau de liberdade de expressão e pensamento das pessoas (Sodelle, 2015).

Finalmente, no componente programático o autor enfatiza que é preciso levar em consideração os financiamentos previstos para programas de prevenção; se existe ou não planejamento de ações preventivas; formação em rede para atuação nessa área e; compromisso da gestão (Sodelle, 2015).

A vulnerabilidade também pode ser compreendida como exposição a riscos e baixa capacidade material, simbólica e comportamental de famílias e pessoas para enfrentar e superar desafios com que se deparam no cotidiano. Assim, os riscos estão associados, por um lado, com situações próprias do ciclo de vida das pessoas e, por outro, com as condições das famílias, da comunidade e do ambiente em que elas se desenvolvem (Carneiro e Veiga, 2004).

Esses autores entendem que a pobreza representa a primeira aproximação de maior exposição a riscos, principalmente em contextos em que as famílias pobres não contam com uma rede pública de proteção social. A ausência de recursos materiais contribuirá com outras fragilidades como baixa escolarização, condições precárias de saúde e nutrição (Carneiro e Veiga, 2004) e por que não acrescentar o uso abusivo de drogas.

É importante ter claro que a vulnerabilidade não é uma essência ou algo inerente a pessoas ou grupos, mas traduz determinadas condições e circunstâncias que podem ser minimizadas ou revertidas. “A Noção de vulnerabilidade não deve ser compreendida de maneira binária, unitária e estável” (Sodelle, 2015, p.6).

Situações de vulnerabilidade podem culminar em riscos pessoais e sociais devido as dificuldades de reunir condições para preveni-los ou enfrenta-los (Brasil, 2011), porém, é no cotidiano da vida das pessoas que riscos e vulnerabilidades se constituem (Brasil, 2004). Para Nappo, Rameh-de-Albuquerque, Almeida et al. (2015) o uso abusivo de crack e outras drogas pode culminar em riscos sociais e pessoais, em especial em contextos de vulnerabilidade social, uma vez que esse sujeito tem dificuldade de reunir condições para prevenir ou enfrentar situações problema.

Nessa perspectiva é de grande preocupação a legitimidade da desigualdade social que vivemos em nosso país, reproduzida cotidianamente por meios “modernos” e “simbólicos” (Souza, 2009). Segundo o autor:

Quando se sabe pouco sobre assuntos tão importantes, não só se admite que não se sabe, como tenta-se também passar a impressão de que se sabe muito. É isso que explica que cientistas sociais de todos os matizes, políticos de todos os partidos, jornalistas de todos os jornais e canais de TV acreditem efetivamente que a realidade seja transparente, de fácil acesso, e confundam o tempo todo “quantificação” e o fetiche dos “números” com “interpretação” e “explicação” (Souza, 2009, p.15-16)

Entendendo a necessidade de apreender o que os “números” nos apresentam da realidade de vida de pessoas que fazem uso nocivo de crack, pesquisas epidemiológicas veem apontando para uma estreita relação entre o uso de crack e a exclusão social. Bastos e Bertoni (2014) descrevem o perfil de usuários de crack onde a maioria são negros, de baixa escolaridade e desempregados. Quase metade dos pesquisados estavam em situação de rua, bem como tinham passado pelo sistema prisional. Pesquisas como a de Raupp (2011), Rui (2012), Santos, Almeida e Brito (2016), entre outras, também apontam um cenário de exclusão social vivida por essas pessoas que usam crack. Para Garcia (2016), essas informações nos levam a concluir que “exclusão social e uso de crack provavelmente formam um ciclo vicioso que se retroalimentam” (Garcia, 2016, p.14)

Dessa forma a importância de compreender essa relação perpassa pela necessidade de identificar quem são essas pessoas e porque vivem uma situação de exclusão social.

Souza (2009, p.17) destaca a importância de observarmos as desiguais realidades de vida e de acesso a recursos, materiais ou não, para enfrentamento das adversidades e construção de novas realidades:

“...na visão distorcida do mundo, o marginalizado social é percebido como se fosse alguém com as mesmas capacidades e disposições de comportamento do indivíduo da classe média. Por conta disso, o miserável e sua miséria são sempre percebidos como contingentes e fortuitos, um mero acaso do destino,

sendo a sua situação de absoluta privação facilmente reversível, bastando para isso uma ajuda passageira e tópica do Estado para que ele possa “andar com as próprias pernas”, Essa é a lógica, por exemplo, de todas as políticas assistenciais entre nós.”

Para o autor, na realidade social tudo é feito para produção de indivíduos diferencialmente aparelhados para a competição social desde o seu nascimento. Essa diferenciação tenta ser escondida com base na meritocracia, onde acreditamos que existe a possibilidade de superação das barreiras de sangue e nascimento das sociedades pré-modernas levando em conta o desempenho diferencial dos indivíduos. Dessa forma, legitimamos um mundo moderno como um mundo justo diante da meritocracia.

Souza (2009) ainda acrescenta que o que chamamos de “mérito individual” na verdade é produzido por heranças afetivas de “culturas de classe” distintas, passadas de pais para filhos. “A ignorância ingênua ou dolorosa, desse fato fundamental é a causa de todas as ilusões do debate público brasileiro sobre a desigualdade e suas causas e as formas de combate-la” (Souza, 2009, p.23). Para que essa ideologia funcione é necessário separar o indivíduo da sociedade. Assim, todo o determinismo social que constrói indivíduos destinados ao sucesso ou ao fracasso precisa ser silenciado. Dessa forma, permite-se culpar os pobres pelo próprio fracasso (Souza, 2009)

Diferentes autores ao analisarem a disseminação social do uso do crack, a relaciona com as condições de vida. Reinerman e Levine (1997) afirmam que, apesar de pessoas de diferentes camadas sociais entrarem em contato com a droga, experimentá-la ou mesmo tornarem-se dependentes, a grande maioria que apresenta algum tipo de problema com esse uso pertence às camadas sociais de baixa renda. Nessa perspectiva Bourgois (1996) refere o aumento do uso da droga como um sintoma de dinâmicas sociais mais profundas de alienação, racismo e marginalização sociais.

Para Murphy e Rosenbaum (1997), questões relacionadas a raça e classe social contribuiriam como elementos importantes para maior ou menor exposição ao crack que é mais disponível, visível e consumido em bairros pobres ou onde existe uma grande concentração de pessoas em situação de rua.

Raupp (2011) ainda refere que o abuso de crack pode ser compreendido como um artifício capaz de transformar uma vida marcada pela falta, discriminação e ausência de perspectivas em uma busca constante por prazer, focada no presente, a qual preenche a existência com um objetivo concreto e factível: obter mais e mais crack. As consequências negativas dessa escolha são facilmente captáveis por uma rápida visita aos locais de concentração de uso dessa substância.

A relação entre o uso de crack e situações de vulnerabilidade e exclusão social nos remete a uma nova possibilidade de compreensão e construção do cuidado para com as pessoas que fazem uso dessa substância, nos impelindo a inserir os direitos humanos como parte fundamental desse cuidado. Para Gruskin e Tarantola (2012) um movimento interdisciplinar de “saúde e direitos humanos” tem inspirado programas que se constituem por alçar o mais alto padrão de saúde possível, tendo como principais ações, aquelas voltadas para as populações mais desfavorecidas e marginalizadas. Nessa construção, a linguagem dos direitos humanos está integrada às estratégias nacionais e internacionais de saúde pública.

Para os autores:

... no trabalho com saúde pública que a atenção explícita aos direitos humanos mostra não só quem está ou não em desvantagem, como também se uma determinada disparidade em um desfecho em saúde é resultante de uma injustiça. Atualmente, os direitos humanos são concebidos de modo a oferecer uma estrutura para ação e planejamento, assim como para oferecer argumentos fortes e convincentes de responsabilidade governamental – não só instituir serviços de saúde, mas como também transformar as condições que criam, exacerbam e perpetuam pobreza, privação, marginalização e discriminação (Gruskin e Tarantola, 2012, p. 24)

Diante dessa compreensão, alguns profissionais tentam trabalhar junto as políticas de saúde como ponto de partida, outros lançam mão dos direitos humanos, porém para Gruskin e Tarantola (2012) o importante é integrar esses sistemas numa abordagem onde nenhum tenha primazia sobre a outra. Dessa forma, a operacionalização dessas formas de cuidado podem ser divididas em quatro sistemas: *Advocacy*, legislação, políticas e programas.

Os sistemas de *advocacy*, ou “defesa de direitos” remetem ao uso da linguagem dos direitos humanos de uma determinada questão. Desta forma, mobiliza a opinião pública, defendendo mudanças no âmbito governamental e outras instituições de

poder. Buscam a implementação desses direitos, mesmo ainda não previstos pela lei. Esses movimentos contribuem para pressionar o governo e a sociedade civil na busca de legitimar essas questões. Para a concretização desses direitos é pertinente a reunião de ativistas da área para contribuir com a formulação de políticas públicas, bem como outros grupos de influência que traduzam as normas internacionais de direitos humanos para que mudanças na legislação e políticas vigentes sejam efetivadas (Gruskin e Tarantola, 2012).

Os *Sistemas Legais* tem como foco a priorização do papel das leis de direitos humanos no âmbito nacional e internacional para a elaboração de “normas, padrões e responsabilização” direcionadas à saúde. (Gruskin e Tarantola, 2012, p. 26). Para os autores

A responsabilização jurídica por meio da legislação nacional e das obrigações presentes em tratados internacionais geralmente se expressa na análise do que um governo tem ou não feito em relação à saúde e como isso poderia se constituir em uma violação de direitos, buscando as soluções em cortes e tribunais nacionais e internacionais, e tendo como foco a transparência, a responsabilização e o funcionamento das normas e sistemas para promover e proteger os direitos relacionados à saúde. (Gruskin e Tarantola, 2012, p. 26).

O *Sistema de Políticas* tem por objetivo criar normas e padrões de direitos junto aos órgãos responsáveis pela formulação de políticas globais na perspectiva da saúde, pautado em documentos e estratégias construídos por estes órgãos numa linguagem própria dos direitos humanos. Essas políticas públicas são usadas na operacionalização do trabalho em programas individuais e departamentos de uma determinada organização.

Por fim, o *Sistema Programático* que tem o objetivo de implementação de direitos a partir de programas em saúde. Dessa forma, participa do desenho, da implementação, monitoramento e avaliação dos programas. Prioriza temas e os motivos, levando em consideração os diferentes processos de trabalho. São esforços realizados, principalmente, por organizações internacionais, intergovernamentais ou não organizacionais.

É importante o desenvolvimento desses sistemas de forma transparente e responsável. Faz-se necessário atender esses princípios centrais em todos os

contextos. Desta forma, a construção dos direitos humanos nas políticas públicas, principalmente na saúde, precisa obedecer a não discriminação, a igualdade e, quando possível, a participação seleta dos grupos afetados. (Gruskin e Tarantola, 2012).

São esses conceitos que nos guiam para uma melhor compreensão junto as pessoas que fazem uso abusivo de crack. As situações de vulnerabilidade e a forma como esses sujeitos estão diante de suas escolhas fazem parte de um sistema que os marginalizam. O acesso a políticas públicas para essas pessoas é extremamente limitado e a sociedade continua com um discurso moralista, responsabilizando-os por todos os males que vivem. Suas vidas, nesse cenário, estão resumidas ao consumo de drogas, especialmente, o crack, ficando velados todos os demais aspectos que os constituem.

A invisibilidade desses sujeitos agrava a problemática do uso dessa substância constituindo um ciclo vicioso entre as desigualdades sociais e o uso abusivo do crack. Compreender a realidade social, bem como a cultura de uso desta droga junto a essas pessoas nos ajuda a pensar em políticas públicas e estratégias de cuidado mais próximas da realidade vivida por cada um e, portanto, mais capaz de desencadear mudanças concretas.

OBJETIVOS

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a cultura de uso de crack no Estado de Pernambuco na perspectiva da história de uso, formas e estratégias de consumo.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Caracterizar o perfil sociodemográfico dos usuários de crack em Pernambuco;
2. Descrever a história de uso de crack;
3. Identificar os motivos que levaram ao consumo de crack
4. Descrever as formas de consumo de crack;
5. Identificar o uso de outras substâncias psicoativas utilizadas para diminuir sintomas adversos e/ou potencializar os efeitos do crack;

MATERIAIS E MÉTODO

3. MATERIAIS E MÉTODO

*“O senhor poderia me dizer, por favor, qual o caminho que devo tomar para sair daqui?
Isso depende muito de para onde você quer ir, respondeu o gato.
Não me importo muito para onde, retrucou Alice.
Então não importa o caminho que você escolha, disse o gato.
Contanto que dê em algum lugar, Alice completou.
Oh, você pode ter certeza que vai chegar, disse o gato, se você caminhar bastante.”*
Lewis Carroll

Passagem de Alice no país das maravilhas

3.1 O caminho escolhido para chegar às pedras preciosas: Desenho do Estudo

Trata-se de um estudo exploratório, com abordagem qualitativa, acerca dos aspectos relacionados à cultura de uso de crack no estado de Pernambuco. O referido estudo está integrado ao projeto de pesquisa intitulado *Vulnerabilidade de usuários de crack ao HIV e outras doenças transmissíveis: estudo sociocomportamental e de prevalência no estado de Pernambuco*¹, desenvolvido pelo Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz – Pernambuco e financiada pela Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (Edital 20/2013).

A escolha da metodologia qualitativa se baseou na sua potencialidade de aprofundar o conhecimento de uma realidade social, transformando-a em uma série de representações concretas e simbólicas para apreensão da complexidade dos comportamentos humanos. Segundo Flick (2009) a pesquisa qualitativa tem vivido um período de crescimento e diversificação inéditos ao se tornar uma proposta de pesquisa consolidada e respeitada em diversas disciplinas e contextos.

É caracterizada por uma abordagem que procura descrever e analisar as culturas e os comportamentos humanos sob o ponto de vista dos investigados (WHO, 1992). Este método permite identificar valores, crenças, opiniões e comportamentos (Taylor e Bogdan, 1998; Paton, 2002). Flick (2009), ainda acrescenta, que a pesquisa qualitativa visa abordar o mundo “lá fora” e entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais “de dentro” de maneiras diferentes.

¹ Aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa sob o número CAE 25250413.6.0000.5190, com o título “Taxas de infecção de HIV, sífilis, hepatites (B e C) e tuberculose; conhecimento, atitudes e práticas relacionadas às infecções sexualmente transmissíveis e cultura de uso de crack e outras drogas entre usuários de Pernambuco”.

Esta técnica possibilita uma descrição que considera múltiplas perspectivas, identificando vários fatores envolvidos na situação. Ela, também, permite aprofundar o entendimento de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos, de grupos mais ou menos delimitados, capazes de serem abrangidos intensamente (Minayo e Sanches, 1993; Creswell, 2009).

O conhecimento sobre as dinâmicas sociais relacionadas à cultura do uso do crack (Malchy, Bungay e Johnson, 2008) é escasso sendo pertinente empregar técnicas qualitativas para compreender esse contexto em profundidade.

3.2 Onde estão as pedras preciosas? Local do estudo

Para o desenvolvimento do estudo, foram entrevistadas pessoas que faziam uso de crack atendidas no Programa ATITUDE – Programa de atenção integral aos usuários de drogas e seus familiares, da Secretaria Executiva de Políticas sobre Drogas de Pernambuco. O Programa compõe a política estadual de assistência social e atua com o objetivo de responder à situação de vulnerabilidade social de usuários de drogas e seus familiares. Funciona como ponto de acolhimento e apoio, sem exigir dos usuários sua participação em atividades ou o tratamento da dependência. Dessa forma, oferece serviços de baixa exigência, nos quais os usuários frequentam de forma voluntária.

O Programa possui um conjunto de ações de prevenção, proteção e atendimento, com foco nas situações de risco pessoal e social em decorrência do uso abusivo de drogas. Segundo Ratton (2016), foi constituído de modo a atuar, principalmente, na prevenção aos crimes letais intencionais e atualmente é referência na proteção e cuidado aos usuários de crack e outras drogas em Pernambuco. Segundo o autor, o Programa atende prioritariamente usuários de crack e outras drogas, em situação de vulnerabilidade e exposição à violência, principalmente aqueles que precisam se afastar de suas comunidades e estão com vínculos familiares fragilizados ou rompidos.

Os núcleos regionais do Programa ATITUDE estão presentes em quatro municípios de Pernambuco, localizados em duas das cinco mesorregiões do estado: na Região Metropolitana, mais precisamente nas cidades de Recife, Jaboatão dos Guararapes e Cabo de Santo Agostinho, e, no Agreste, no município de Caruaru. Assim, considerou-

se a oportunidade de acessar usuários de crack de diferentes municípios e regiões do estado, em ambiente favorável à aproximação com os sujeitos da pesquisa, bem como à coleta de dados.

Cada núcleo regional conta com um Centro de Acolhimento e Apoio, que tem como objetivo assegurar acolhida humanizada, descanso, higiene, alimentação e cuidados primários, prestando serviços 24h por dia. Tem como metodologia privilegiar a escuta e o acolhimento dos usuários, nas suas diversas necessidades, visando estabelecer uma relação de confiabilidade e favorecer a participação nas atividades oferecidas, bem como realizar encaminhamentos às redes do Sistema Único da Assistência Social (SUAS) e Sistema Único de Saúde (SUS), em especial para os Centros de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua (Centros POP), Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) e Centros de Referência Especializados da Assistência Social (CREAS), e os Centro de Atenção Psicossocial para Pessoas que fazem uso abusivo de Álcool e outras Drogas (CAPSad), respectivamente, na perspectiva da garantia de direitos. Diante das características do público atendido, a alta rotatividade dos usuários e a transitoriedade destes no serviço, as ações desenvolvidas são organizadas com certa flexibilidade e criatividade.

Outro equipamento que integra os núcleos é o Centro de Acolhimento Intensivo, que presta proteção integral de acolhida, com tempo máximo de permanência de seis meses, articulado às redes SUAS e SUS. Como norte, durante toda a permanência do usuário no serviço, é construído um plano individual e familiar de atendimento assistencial como instrumento facilitador da condução das atividades e encaminhamentos. Outras modalidades que integram o Programa é a abordagem social de rua (Atitude Nas Ruas) e o aluguel social (Ratton, 2016), porém não acessamos usuários para o estudo nesses dois últimos equipamentos.

3.3 Quem são as nossas pedras preciosas? Atores do estudo

Foram entrevistadas 39 pessoas, entre homens, mulheres e travestis, distribuídos nos quatro núcleos regionais do Programa ATITUDE, que fazem uso de crack e estavam participando do Programa nos Centros de Acolhimento Apoio e Intensivo. O número

de entrevistados foi avaliado como suficiente para a realização das análises, a partir do critério de saturação.

Segundo Fontanella, Ricas e Turato (2008) o uso da saturação como critério é uma ferramenta conceitual frequentemente empregada nos relatórios de investigações qualitativas em diferentes áreas no campo da Saúde. Esta estratégia é operacionalmente definida como a suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, uma certa redundância ou repetição, não sendo considerado relevante persistir na coleta de dados.

O tamanho amostral com base na saturação, considera o número de sujeitos suficientes quando for permitido uma reincidência das informações, porém sem desprezar informações ímpares cujo potencial explicativo tem que ser levado em conta. Na busca qualitativa preocupamo-nos menos com a generalização e mais com o aprofundamento e abrangência da compreensão (Minayo, 1999).

Como critérios de inclusão no estudo, os participantes precisavam ter mais de 18 anos, ter participado do inquérito epidemiológico da pesquisa *Taxas de infecção de HIV, sífilis, hepatites (B e C) e tuberculose; conhecimento, atitudes e práticas relacionadas às infecções sexualmente transmissíveis e cultura de uso de crack e outras drogas entre usuários de Pernambuco* e aceitarem participar do estudo mediante leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice A). A equipe do Programa fez o papel de *gatekeepers*, isto é, ciente dos critérios de inclusão, indicava pessoas que, no dia das entrevistas, não estivessem intoxicadas e também avaliava a qualidade da narrativa que o usuário poderia produzir para posterior análise dos dados.

Os nomes dos entrevistados, neste estudo, foram substituídos por uma pedra preciosa a fim de que o sigilo pudesse ser preservado. Assim, os participantes foram nomeados por uma pedra preciosa, seguido do sexo e idade.

3.4 Como acessamos nossas pedras preciosas? A coleta de dados

O trabalho de campo iniciou após os procedimentos de coleta de dados do inquérito epidemiológico, sendo realizadas entrevistas semiestruturadas entre os meses de março a agosto de 2016. O roteiro de entrevista (apêndice B), elaborado com base na literatura da cultura de uso de crack, abordou as temáticas: histórico de drogas, uso de crack, a descrição dos efeitos da droga, a dependência do crack e suas consequências, os ambiente e formas de uso, acessibilidade ao crack e o funcionamento do tráfico. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas em meio digital.

Para Triviños (1987) a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos fundamentados em teorias e hipóteses que dialogam com o tema da pesquisa. As perguntas suscitarão outras hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O direcionamento seria conduzido pelo investigador-entrevistador. Assim, a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (Triviños, 1987, p. 152).

Para Boni e Quaresma (2005) as entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador precisa adotar um conjunto de questões previamente definidas, porém, num contexto semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve conduzir a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele.

Para as autoras, a entrevista semi-estruturada possibilita uma abertura e proximidade maior entre entrevistador e entrevistado, permitindo ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados. Dessa forma, quanto menos estruturada a entrevista, maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes. Este tipo de entrevista contribui muito na investigação dos aspectos afetivos e

valorativos dos informantes que apontam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos (Boni e Quaresma, 2005).

Manzini (2003) salienta que é possível um planejamento da coleta de informações por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos. O roteiro serviria, então, além de coletar as informações básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante.

Todas as entrevistas foram feitas pela autora principal, bem como as transcrições realizadas por uma única profissional treinada para esta função, reduzindo variações na sua forma de condução e, assim, diminuindo possíveis vieses no processo de análise. Ainda como procedimento de transcrição e validação das entrevistas, o material escrito foi comparado na sua íntegra com o áudio original.

3.5 Como compreendemos nossas pedras preciosas? O plano de análise

O procedimento de análise dos dados qualitativos requer formalização e rigor para garantir a validade dos mesmos (Mckeganey, 1995). Assim, desde o desenho inicial da pesquisa, as questões referentes à análise dos dados, foram rigorosamente formalizadas.

Com o material transcrito e revisado foi desenvolvida a técnica de *análise de conteúdo*, com referencial teórico baseado nas definições de Bardin (2011), no qual se estabelece “procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 2011, p.47).

Para Câmara (2013), nesta análise busca-se compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens destacados, procurando entender o sentido da comunicação, bem como desviar o olhar buscando outra significação. Rocha e Deusdará (2005) ainda acrescentam que a análise de conteúdo vislumbra fornecer técnicas precisas e objetivas, que possibilitem a descoberta do verdadeiro significado do que está sendo estudado.

Para Bardin (2011) o conjunto de técnicas que permeia tal metodologia de análise qualitativa consiste na explicitação e na sistematização do conteúdo das mensagens, cuja finalidade são as deduções lógicas e justificadas. Para tanto, foram realizadas as três etapas recomendadas pelo método: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Momento 1: a pré-análise

A principal característica da pré-análise é o contato que o pesquisador estabelece com os documentos a serem analisados. Nesse momento, ele deixa-se invadir por impressões, primeiro pelas leituras flutuantes e, em um segundo momento, pela leitura exaustiva do material transcrito. Esta garante que o pesquisador conheça todos os elementos do corpus de análise, momento em que emergem hipóteses e outras intuições (Bardin, 2011).

Dessa forma, leituras exaustivas das entrevistas foram feitas para que obtivéssemos uma compreensão bem aprofundada da experiência vivida por cada um dos participantes. Essas leituras foram feitas, inicialmente, para avaliar a qualidade da transcrição desenvolvida e, posteriormente, para o agrupamento dos eixos temáticos.

Momento 2: a exploração do material

Após este contato intenso com os dados, parte-se para a preparação do material, etapa prévia à análise propriamente dita. A preparação corresponde à edição das entrevistas em grandes temas, ou seja, recortes de acordo com cada eixo temático, agrupados em relatórios (Bardin, 2011).

No nosso estudo dividimos nosso material em oito eixos temáticos. Dentre eles: os motivos que fizeram com que essas pessoas iniciassem o consumo do crack; quais as sensações sentidas; as formas de uso do crack, bem como os ambientes de consumo; as consequências e sentimentos frente à dependência dessa substância e quais estratégias são utilizadas para controlar esse uso; as marcas vivenciadas em decorrência da dependência; o que fazem para conseguir e a acessibilidade diante do crack; e, finalmente, como funciona o tráfico em nossa região.

Para a preparação do material foi utilizado um programa computadorizado, já bastante documentado na literatura. O uso de software para análise dos dados qualitativos tem sido cada vez mais utilizado e valorizado neste campo (Mckeganey, 1995; Patton 2002). Cabe ressaltar que tais programas não analisam os dados, eles facilitam

algumas etapas como armazenamento do material transcrito, a organização e a codificação, porém a análise propriamente dita é feita pelo pesquisador (Patton, 2002). Assim o processo torna-se mais dinâmico e organizado, facilitando as interpretações e as buscas por significados.

Considerando a organização do material proposta pelo software de análise de dados qualitativos (SADQ), elucida-se a confiabilidade e a validade das interpretações. Sabe-se que estas são preocupações constantes nas análises de dados de pesquisa, tendo o uso de um software uma importante parte neste processo (GIBBS, 2007). Ainda segundo Gibbs (2009, p.136) “o uso do SADQ pode tornar a análise qualitativa muito mais fácil, precisa, confiável e transparente, mas nunca vai fazer a leitura e a reflexão por você.”

O software utilizado foi o NVivo 10.0, atualmente a ferramenta mais citada para análise de dados qualitativos nos artigos indexados na base de dados PubMed. A escolha para o uso deste programa, considerado líder neste campo, se baseou na sua popularidade entre os pesquisadores da área qualitativa e na literatura referente a estas técnicas.

Momento 3: tratamento dos resultados: inferências e interpretações

Nesta etapa, os resultados brutos (as pastas temáticas) foram analisados de forma a fornecerem significados. Este processo foi realizado pela categorização, feita no momento anterior, permitindo a classificação dos elementos de significação, cuja técnica consiste em classificar os diferentes elementos segundo critérios que deem sentido (Bardin, 2011).

Patton (2002, p.453) definiu “categoria” como o significado principal observado no material explorado pela análise do seu conteúdo. Semelhante a esta definição, Strauss e Corbin (2008) apresentam “categoria” como um conceito que representa um fenômeno. Estes autores apresentam como o nome escolhido para uma “categoria” aquele que parece ser o descritor mais lógico para o que está acontecendo.

Assim, “categoria” representa uma descoberta de padrões e de temas nos dados (Patton, 2002), sendo que, segundo Bardin (2004), um conjunto de boas categorias deve possuir, principalmente:

- Exclusão mútua, ou seja, cada elemento não pode existir em mais de uma divisão, devendo as categorias abranger o elemento de forma que não possa haver

dubiedade na classificação, como a susceptibilidade e a classificação em duas ou mais categorias;

- Homogeneidade, que corresponde a um único padrão de classificação no decorrer da análise;
- Pertinência, principalmente no que tange à intenção da investigação e à correspondência ao material discursivo.

Finalmente, foram iniciadas as ditas interpretações, possibilitando respostas a perguntas como “O que isto significa no contexto estudado?” “O que isto me diz sobre a natureza do fenômeno de interesse?” (Patton, 2002).

3.6 Como protegemos eticamente nossas pedras preciosas? Aspectos éticos

Os procedimentos do estudo foram aprovados no Comitê de Ética em Pesquisa sob o número CAAE 25250413.6.0000.5190, com o título “Taxas de infecção de HIV, sífilis, hepatites (B e C) e tuberculose; conhecimento, atitudes e práticas relacionadas às infecções sexualmente transmissíveis e cultura de uso de crack e outras drogas entre usuários de Pernambuco”, bem como pelo Comitê da Universidade Federal de São Paulo (CEP) sob o CAAE 33243514.3.0000.5505 com o título “Cultura de uso de crack em Pernambuco”.

Para o alcance dos aspectos éticos exigidos numa pesquisa com seres humanos, foram respeitadas todas as considerações referenciadas pela resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Este documento ressalta a importância do respeito à dignidade humana, assim como a proteção necessária para os/as participantes do estudo. Além disso, destaca ainda a função do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice B), documento que explica a/ao participante, de forma clara e objetiva, os procedimentos da pesquisa.

As questões éticas dessa pesquisa também contaram com as atribuições referidas na resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, em relação às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Este documento reforça os cuidados necessários em estudos envolvendo seres humanos responsabilizando os/as pesquisadores/as a

garantia do direito dos/das participantes, evitando quaisquer danos que possam acontecer.

No estudo, o consentimento informado foi obtido de cada participante antes do início da entrevista, após terem recebido as informações necessárias para a compreensão da pesquisa. Nesse processo, o participante foi informado que poderiam retirar-se em qualquer tempo sem nenhum prejuízo. As entrevistas foram gravadas em gravador digital e mais tarde transcritas na íntegra. O anonimato dos participantes foi mantido a partir da substituição dos seus nomes por pedras preciosas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

*O distraído nela tropeçou...
 O bruto a usou como projétil.
 O empreendedor, usando-a, construiu.
 O camponês, cansado da lida, dela fez assento.
 Para meninos, foi brinquedo.
 Drummond a poetizou.
 Já, Davi, matou Golias, e Michelangelo extraiu-lhe a mais bela escultura...
 E em todos esses casos, a diferença não esteve na pedra, mas no homem!
 (Antonio Pereira)*

Foram entrevistadas 39 pessoas que faziam uso de crack (20 homens, 12 mulheres e 7 travestis) e que estavam no Programa ATITUDE. A faixa etária dos entrevistados foi entre 20 e 46 anos e o tempo de uso de crack variou de 2 a 23 anos de consumo.

Viver em situação de rua nos municípios onde se situam os núcleos regionais do Programa ATITUDE – Recife, Jaboatão dos Guararapes, Cabo de Santo Agostinho e Caruaru, foi uma característica predominante entre os entrevistados, configurando ainda entre os locais da última moradia as Regiões Metropolitana (Olinda, Paulista e Abreu e Lima) e do Agreste (Bezerros, Garanhuns e Pesqueira).

Os entrevistados não moram com companheiro/a e têm uma baixa escolaridade, não havendo ingressado no ensino médio ou concluído o ensino fundamental II. Vários autores (Nappo, Galduroz e Noto, 1996; Oliveira e Nappo, 2008a; Cruz, Andrade, Bastos et al, 2013; Fischer, Cruz, Bastos et al, 2013) têm destacado esse perfil de usuário na cultura de uso do crack, o qual tem prevalecido ao longo do tempo da existência dessa droga no Brasil. Esses dados corroboram com os estudos de Carneiro e Veiga (2004) que sugerem a vulnerabilidade como uma condição que também pode estar associada aos riscos próprios do ciclo de vida das pessoas, como também as condições dos familiares e do ambiente em que se desenvolvem.

A ausência de recursos materiais bem como a baixa escolarização e condições precárias de saúde e nutrição podem contribuir para o aumento da vulnerabilidade vivida por essas pessoas diante do uso abusivo de drogas. Para Murphy e Rosenbaum

(1997) e Bastos e Bertoni (2014), raça e classe social contribuem para maior ou menor exposição ao crack.

Os usuários entrevistados referiram não trabalhar atualmente e descreveram que no último mês, anterior à entrevista, a forma mais comum de obtenção de dinheiro era o trabalho esporádico (fazer bicos). A frequência de relatos de roubo e furto e de envolvimento com o tráfico, também esteve presente, como já observado no perfil dos usuários de crack no Brasil (Bastos e Bertoni, 2014). Os usuários/as referiram também ter recebido dinheiro em troca de sexo (profissionais do sexo e/ou a troca de sexo por dinheiro para comprar drogas), aspecto também verificado no perfil nacional dos usuários de crack. Esse comportamento sexual também foi observado por Nappo, Sanchez e Oliveira et al (2004) que apontaram uma maior vulnerabilidade ao HIV/Aids e outras doenças infecciosas.

Para Leite, Oliveira e Cruz (2015) um fator de destaque no cotidiano da vida desses usuários de crack é o envolvimento com o tráfico e a prostituição. Essas atividades são desenvolvidas por não conseguirem controlar o uso intenso, passando a praticar pequenos furtos e trocar sexo por dinheiro para aquisição do crack. Essas atividades ilícitas de rápido retorno financeiro acabam por gerar um comprometimento moral e social, além de tornarem-se um grande risco para a vida dessas pessoas.

Como observado anteriormente, vários são os estudos que tem identificado perfis muito semelhantes de usuários de crack. Em sua maioria, são homens, jovens, pouco escolarizados, que estão vivendo em situação de rua e que não tem emprego/renda fixa, ou seja, apresentam-se como um grupo bastante vulnerável socialmente (Nappo, 1996; Oliveira, 2007; Raupp, 2011; Bastos e Bertoni, 2014; Santos, Almeida e Brito, 2016 e Souza, 2016).

De uma forma geral, o perfil sociodemográfico das pessoas que usam crack atendidas no Programa ATITUDE é semelhante ao perfil nacional de usuários de crack descrito por Bastos e Bertoni (2014). Dessa forma, os entrevistados/as também estão em situação de rua, envolvidos com atividades ilícitas e/ou comercialização do sexo, entre outras atividades, apontando para um grupo que vive em contexto de grande vulnerabilidade.

Outro aspecto importante para destacar foi a religiosidade das pessoas entrevistadas. Muitos se consideram religiosos ou espiritualizados. Entre as religiões referenciadas evangélicos/protestantes e católicos foram as mais citadas.

Dialogando com esses resultados acerca da religiosidade um estudo desenvolvido por Sanchez, Oliveira e Nappo (2004) com adolescentes apontou que a estrutura familiar, a religiosidade, a disponibilidade de informações acerca da dependência e suas consequências e o estabelecimento de perspectivas de futuro foram relatadas como fatores de proteção mais importantes para a prevenção ao uso de drogas. Porém, este estudo chama uma especial atenção ao papel desempenhado pela espiritualidade e religiosidade do entrevistado.

Em outro estudo avaliando a intervenção religiosa na recuperação de dependentes de drogas, Sanchez e Nappo (2008) apontaram que as pessoas com frequência regular em um culto religioso, ou que enfatizam importância à sua crença religiosa, ou mesmo as que praticam, em suas vidas diárias, propostas da religião praticada, apresentam menores índices de consumo de drogas lícitas e ilícitas. As autoras também destacam que os dependentes de drogas apresentam melhores índices de recuperação quando seu tratamento é permeado por uma abordagem espiritual, de qualquer origem, quando comparados a dependentes que são tratados exclusivamente por meio médico.

Apesar dessa compreensão, é importante destacar que as cobranças e condenações, feitas por algumas igrejas, acerca de que todos os usuários só estarão bem através da conversão religiosa, não ajudam àqueles que não querem ou não conseguem se tratar nessa perspectiva (Rameh-de-Albuquerque, Almeida e Campos, 2013).

Percebe-se que o perfil dos nossos entrevistados aponta para uma relação estreita entre o uso de crack, a exclusão social e a grande vulnerabilidade vivida por essas pessoas.

No que se refere à trajetória do uso de drogas entre os entrevistados, frequentemente, intercala o álcool, o tabaco, a maconha e por fim, o crack. Ou seja, é comum iniciar uso de drogas com substâncias lícitas e o consumo do crack iniciar com o *melado* ou *mesclado*, mistura da maconha com o crack, antes de utilizá-lo puro. Percebe-se também que a compulsão e a falta de controle vem a partir do uso do crack puro.

Em quase todas as narrativas de nosso estudo, a experiência com múltiplas drogas se fez presente e o uso compulsivo foi descrito apenas com o crack. Semelhante aos achados de Medeiros (2008), pouco observou-se um histórico de uso de drogas inferior a quatro ou cinco substâncias.

Aos quatorze anos eu comecei a tomar cerveja e a fumar o cigarro. Aos dezesseis eu tive o primeiro contato com a maconha. Foram dos dezesseis até os vinte e seis só usando maconha e álcool. O cigarro eu tinha deixado. Com o passar do tempo, foi aumentando, e aí foi quando eu tive o primeiro contato com crack. Eu usei o crack junto com a maconha, e aí depois foi aumentando a intensidade disso. Só queria usar maconha se tivesse o crack, já não queria usar maconha pura, já não tinha mais graça. Depois eu abandonei a maconha e comecei a usar só o crack, e foi aí que tudo começou a desmoronar.

BRILHANTE_MAS_36

A primeira droga que eu comecei a usar foi loló. Meu primo vendia loló, aí ficava lá em casa um bocado de loló. Dia de sexta, sábado e domingo eu tinha que pegar meu loló: eu vendia e cheirava, vendia e cheirava. Depois do loló, aí foi pra maconha. Da maconha eu comecei a beber cerveja, da cerveja eu já passei pra o melado. Fumei o melado, pronto. Aí depois foi o tiro, tiro no crack, tiro na lata, aí foi aí quando eu me afundei. Quando eu conheci o crack foi que eu me afundei.

DIAMANTE_TRA_23

Os achados deste estudo corroboram com as afirmativas de Dualib, Ribeiro e Laranjeira (2008) que descreveram que, habitualmente, o usuário de crack é poliusuário ou tem antecedente de consumo de outras substâncias. O início do uso se dá com drogas lícitas (tabaco e álcool), geralmente em idade precoce e de modo pesado. A maconha costuma ser a primeira droga ilícita.

Semelhante à trajetória encontrada por Sanchez e Nappo (2002), o cigarro, o álcool e, por fim, os inalantes foram as drogas mais citadas como as primeiras consumidas. Nos relatos observa-se uma trajetória bem parecida. A maconha surge como a primeira droga ilícita consumida pelos entrevistados. Ainda segundo as autoras, após o uso da maconha, os usuários, com o passar do tempo e motivados pela curiosidade

de descobrir novos prazeres, acabam experimentando outras drogas, como cocaína aspirada e injetada, até chegarem ao crack como última droga consumida. No nordeste, o uso de cocaína injetada é pouco identificado. No nosso estudo, nenhum entrevistado referiu esta forma de consumo.

Para Leite, Oliveira e Cruz (2015) é possível evidenciar que para quase todos os usuários o início do uso de crack aconteceu após terem começado suas carreiras de uso de drogas com a maconha, passando pelas diferentes formas de administração da cocaína até chegarem ao crack como última droga de escolha. Porém, indo de encontro aos achados na literatura, *Rubi* nos traz uma realidade bem diferente e singular. O crack, na vida dessa participante foi sua única experiência com drogas. Iniciou o uso aos treze anos, com alguns períodos de abstinência, sem experimentação ou associação com nenhuma outra droga.

Eu não uso droga nenhuma não, só a pedra mesmo. Aos treze anos eu experimentei a pedra, e voltei a usar ele com dezesseis anos. Parei quando fiquei buchuda da minha terceira filha. Parei dois anos, mas sendo uma raiva que eu tive voltei a fumar de novo, aí até hoje.

RUBI_FEM_32

A trajetória de uso das pessoas que participaram desse estudo apresentou-se com o uso de múltiplas drogas, onde o álcool e o cigarro apareceram, em geral, como as primeiras substâncias de consumo. O uso de inalantes como cola de sapateiro e loló também se fez presente em vários relatos. A maconha surge como uma das primeiras drogas ilícitas e antecessora do uso do crack. Muitos entrevistados descrevem inicialmente, o uso do mesclado seguido do uso de crack puro desencadeando uma compulsividade intensa. O uso de múltiplas drogas aumenta a vulnerabilidade e as situações de risco vivenciadas pelos entrevistados, que buscam na diversidade, sensações diferentes para viver a vida até chegar ao crack com sua forma compulsiva de consumo.

Para Sanchez e Nappo (2002) conhecer a sequência de uso de drogas numa determinada população, bem como os interferentes que nela atuam, pode ser uma

ferramenta importante, não só para a compreensão desse fenômeno, mas, também, para uma intervenção com chances de sucesso.

A partir da descrição de quem são nossas pedras preciosas, bem como a trajetória de uso de drogas até chegar ao crack, iniciamos nossos temas, com suas categorias para compreender a cultura de uso de crack em Pernambuco.

4.1 O encontro com o crack: início de uma experiência

Esta categoria descreve o que levou os usuários a experimentarem o crack e como foi a primeira experiência com essa substância. Traz, também, as principais motivações na experiência de cada um, que fez com que o crack fosse escolhido como a principal droga de consumo em suas vidas.

Para Scivoletto e Morihisa (2001), Ferreira, Sanchez, Ribeiro et al (2010) e Duarte e Dalbosco (2014) existe consenso no meio científico de que o uso e abuso de substâncias psicotrópicas é multifatorial. Devemos levar em consideração fatores biológicos, sociais e psicológicos. As principais motivações para o consumo de drogas são: curiosidade, obtenção de prazer, influência do grupo, pressão social, isolamento social, baixa autoestima e dinâmica familiar.

4.1.1 A curiosidade e a influência dos amigos como motivação

Vários são os fatores que levam as pessoas a usarem essa ou aquela substância. É curioso que no senso comum o consumo de drogas ilícitas é sempre apontado como algo negativo, isto é, que aquela pessoa está passando por muitos problemas e que a droga entra para resolvê-los. Nas experiências de muitos usuários, o crack aparece sem um contexto de problemas, por curiosidade, para se sentir pertencendo a um determinado grupo de amigos. Como em qualquer outra droga, busca-se sair do estado de consciência, busca-se o prazer das sensações que a mesma traz (Almeida, 2010). Situações semelhantes podem ser observadas nos relatos abaixo:

Eu acho que eu comecei a usar crack por conta de influência mesmo, de ver as pessoas usando. Na comunidade onde eu morava, naquele tempo quem mandava lá era a bandidagem. A gente via muito os ladrão, os bandido, os traficante usando nos terreno baldio que tinha lá... Eles saiam do local e por ter curiosidade em saber o que é que eles tavam fazendo lá, a gente ia encontrava lata. Lata furada e cheia de cinza por dentro. Aí a gente abriu a lata, eu me lembro que eu e mais quatro na comunidade, era tudo jovem, abriu a lata e quando a gente viu aquela cinza por dentro a gente pensou em raspar ela. A gente raspou e criou um monte de cinza. A gente teve a mesma ideia de furar outra lata, colocar aquela cinza em cima pra ver o que é que dava... Então, a primeira vez não foi o crack que eu fumei, foi a borra do crack... Aí eu depois continuei a usar por causa da depressão. Foi quando eu comecei a me juntar com os traficantes, comecei vender dolinha de maconha pra poder pegar o dinheiro e comprar a pedra.

ÁGATA_MAS_34

O crack eu usei por influência. Esse rapaz que eu conheci na rua me chamou pra roubar. A intenção da gente foi roubar pra comprar pó e comida, só que na hora H... A gente foi, roubou, deu certo. Quase que a gente ia sendo preso, mas a gente passou um tempo escondido, a polícia foi simhora. Quando a gente chegou lá eu pensava que ele ia comprar cola, ele comprou crack, comprou crack e maconha. A gente foi pra de baixo do viaduto, aí ele disse: vamo pra de baixo do viaduto dá uma bola? Bora. Aí a gente foi, quando chegou lá, preparando lá a lata, tudinho, botou cinza, lá tudinho, e fumou. Ele fumando de boinha, fumando, fumando, fumando, aí eu fiz: ô mago, deixa eu experimentar isso aí. Aí ele fez: tu quer mesmo? Eu quero. Aí me deu uma assim, fumei.

JADE_MAS_26

Comecei a beber numa festa, aí foi por essa colega minha, ela e outra perguntou se a gente queria fumar pedra que ela ia fumar. Aí a gente disse que não queria, aí ela disse: vai menina, fuma pra vocês ver como é. Aí a gente já doidona já tinha bebido muito, tinha fumado maconha, aí decidi experimentar. Aí pronto, experimentei, comecei a usar e não quis mais parar.

AMAZONITA_FEM_25

Foi por curiosidade e por falta de informação... Um colega meu que vendia maconha junto comigo, ele foi na cidade um certo dia e trouxe a droga pra mim. Fez: olha, trouxe um negócio novo e tal, vamos fumar? Aí eu: bora! Curioso pra saber o que era, eu também fumei. Aí ele ficou trazendo, várias vezes. Teve um dia que quando ele não trouxe eu fui atrás.

ÁGUA-MARINHA_MAS_30

Comecei com dez anos, bebendo com os colegas meu. Comecei a beber e fumar cigarro. Com onze eu comecei o uso de maconha, com quatorze, um colega meu no meu aniversário, me chamou pra fumar crack, eu fiquei perguntando: o que é, o que é isso, porra? Vai, vê, é massa pô. Eu fui e usei. De uns anos pra cá, só droga. Foi curiosidade, pra sentir a sensação. Aí senti, gostei, aí num usava muito, logo que conheci, fumava uma vez no mês... Com dezoito anos, conheci o tiro. Usava só mesclado, misturado com maconha, misturado, até dezessete misturava com maconha com cigarro, quando eu fiz dezoito foi que eu conheci a lata e o cachimbo.

HEMATITE_MAS_24

Eu sempre tive uma curiosidade porque onde eu morava eu via turma fumando em cachimbo e lata, mas eu nunca me quis expor, que todo mundo visse eu usando... Foi quando eu nessa festa, eu tava cheirando e chegou um colega meu, fumando uma droga, puxando na lata. Fumaça, aquele cheiro de borracha queimando. Porra bicho! Ele tampou assim por dentro a lata e disse: 'Andaluzita, puxa aí, vê que lombra. É a lata do amor, puxou, gostou'. Eu com a bebida, coisa e tal, vira e mexe, eu peguei e puxei a fumaça, só a fumaça.

ANDALUZITA_MAS_36

Segundo Rocha, Alves e Vieira et al (2015), a curiosidade e a influência de outras pessoas mostram-se como os principais fatores que influenciam o uso do crack. A facilidade de acesso, o uso do álcool e maconha e a convivência em ambientes sociais, onde se usam drogas, também tornam as pessoas mais vulneráveis ao uso do crack. A influência dos amigos surge como o fator que mais levou os usuários a

consumirem o crack pela primeira vez, seguido da curiosidade em saber qual a sensação diante daquela droga tão falada. O ambiente também é um fator facilitador para esse consumo inicial (Almeida, 2010)

Lima, Paliarin, Zaleski et al (2008) levam em consideração a necessidade de autoafirmação da juventude como a motivação que muitas das vezes faz com que, para se sentir aceito pelo seu círculo de convívio, o adolescente tenda a aceitar as ofertas de seus amigos, inclusive as drogas. Nesse sentido, alguns dos motivos que conduzem às drogas são: modismo para ser aceito em determinado grupo, convívio com pessoas que utilizam drogas e ainda o fácil acesso às drogas.

4.1.2 O ambiente social também como motivador

Para alguns autores, um dos principais motivos que levam o jovem a experimentar uma droga é a influência social. Nessa fase, os jovens acreditam ter o domínio de si mesmos e não aceitam orientações de ninguém mais experiente. Eles tendem a separar-se de suas famílias, o grupo de amigos é muito mais valorizado. Ao sentirem-se protegidos pelo grupo em questão, aceitam o uso das drogas muitas vezes por pressão e/ou curiosidade para garantirem a permanência neste grupo. (Marques, 1999)

No estudo de Sanchez e Nappo (2002), grande parte dos entrevistados relatou envolvimento sério de um ou mais membros da família com pelo menos uma droga. Alguns relataram envolvimento de familiares com mais de três drogas. A droga mais citada foi o álcool. O pai é o usuário mais comum, mas nem sempre o único consumidor.

Segundo Moura, Silva e Noto (2009, p. 11) a família também pode estar associada aos chamados fatores associados ao risco, uma vez apresentando “ambiente familiar vulnerável, com pais que abusam de drogas; falta de envolvimento afetivo entre pais e filhos; falta de autoridade dos pais, entre outras dificuldades”.

Aventurina e *Opala* descrevem esse uso familiar como influencia para o início do consumo do crack. *Aventurina* relata que, pela deficiência do pai, precisava colocar a droga na boca do mesmo e que essa situação o fez usar também. O uso de drogas

na casa de *Opala* era intenso, inicialmente, fez a opção por fumar escondido, junto com a irmã.

O meu pai começou na minha frente, usar maconha, porque ele começou a ficar parálítico, aí eu acho que ele ficou meio angustiado que não podia mais andar. Depois que ficou parálítico, ele começou a usar crack também. Como não tinha ninguém pra pegar crack pra ele, eu mesmo ia. Eu botava na boca dele, ele pedia às vezes. Aí nisso eu também comecei a usar junto com ele, aí fui usando. Chegou um tempo que ele parou de usar e eu continuei usando, usando. Depois que ele faleceu eu comecei a entrar no mundo do tráfico, nisso eu comecei a voar nas ruas, a dormir na rua, no mesmo lugar que eu traficava eu dormia. Possivelmente, todo dia eu usava crack. Todo dia eu usava. Chegou num tempo que impossível ter limite.

AVENTURINA_MAS_27

Eu vendo aqui todo dia. O povo bebendo, fumando. O primeiro cigarro que eu fumei foi lá atrás de casa, escondido, com a minha irmã. Ela num gostou e eu já gostei. Comecei a fumar. Depois comecei a beber dentro de casa. Tinha um garrafa de whisky, embaixo do armário, eu fui provar, e gostei também. Eu fui bebendo dentro de casa. Acho que com uns dez anos eu comecei a beber. A usar crack, eu comecei a usar crack com quatorze anos... Eu me lembro até hoje o primeiro tiro que eu dei na minha vida, tu acredita? Foi em frente a estação de trem. Era de noite. Ela fez: experimenta que é bom. Eu: poxa, vou experimentar, nunca vi essa. Fiquei achando diferente, fumando, numa lata, furou, botou a cinza, e botou a pedra em cima, ela botou um pedacinho bem grandão pra mim: isso tudinho? Ela: é. Então bota aí. Quando eu dei o tiro, eu parei: poxa, é massa vei.

OPALA_FEM_29

O contexto social frente ao tráfico também se fez presente. Alguns entrevistados iniciaram o uso do crack a partir das relações sociais com o tráfico, como é o caso de *Cornalina*. *Cristal*, por sua vez, vivenciou a influência da família com o irmão e o primo, além do ambiente do tráfico que o fez mergulhar no consumo do crack.

Comecei a conhecer os traficantes, a maconha, aí comecei fumar. Passando os tempos, os anos eu conheci um amigo que me chamou pra fumar crack. ... A gente tava na praça, ele disse mesmo assim: Cornalina, eu vou pegar uma droga nova aí, bora testar, a turma diz que é boa. Isso o amigo da gente dizendo: eu já ouvi falar dessa droga na televisão. A turma diz que a primeira vez que você usar ela, a pessoa vai morrer. Ele: é não, bora ... A gente fumou. Eu fumei e não senti nada. Mais dois anos eu já tava viciada.

CORNALINA_FEM_23

Eu vivi a vida no crime, a vida do tráfico, traficando. Depois eu me afastei da vida do crime, arrumei um emprego, carteira assinada, passei um ano cinco mês. Aí eu saí, veio a abstinência de fumar droga de novo. Eu só fumava maconha. Comecei pela maconha. Entrei de novo na vida do crime. Como saí do emprego, peguei um dinheiro bom, investi primeiro na casa da minha mãe. O resto investi em droga. Daí comecei a fumar mesclado... O mesclado a influência foi pelo meu irmão e meu primo. Uma vez que eu vi eles fumando, senti o cheiro, aí ele perguntou: tá afim não? Aí eu fui e experimentei. Pronto, gostei... Eu gostei e me aviciei. Como que se diz que o crack a primeira vez se avicia, desde a primeira vez que eu usei eu gostei. Que não é o caso da maconha, que eu usei e só fazia rir, na primeira vez eu só fazia sorrir, gostei. Daí pronto, eu comecei a fumar maconha, depois entrei na vida do crime, vender crack e maconha, aí depois chegou a hora que eu com meu parceiro ficou sabendo que eu tava fumando crack e me afastaram.

CRISTAL_MAS_22

Segundo Raupp (2011) a rápida disseminação do crack deveu-se à combinação de preço baixo, disponibilidade crescente e efeito arrebatador. Além disso, a possibilidade de fumá-la em cigarros, quebrando pedras ou misturando-as a tabaco ou maconha é muitas vezes atraente para consumidores iniciantes, por parecer uma forma de consumo menos comprometidora.

Na narrativa de *Diamante* e *Brilhante* o contexto de festa e comemoração trouxe o uso do mesclado, a influência dos amigos, trouxe o uso do crack. Porém, na experiência desses usuários, depois que se experimenta o crack puro, dificilmente conseguem voltar para o uso da maconha, ou mesmo do mesclado.

A primeira vez que eu usei crack eu tava no brega. Aí as meninas me chamou, aí eu fui lá pra trás do colégio. Fumou o melado. Fomos de novo, fumou outro melado. Quando foi no terceiro melado, a maconha acabou. Uns fumaram capeta. A racha, que isso num é amiga né mulé? Já pegou uma lata, começou a furar, eu fiz: mulé o que é isso? Ela: tu vai ver o que é. Aí eu: mulé isso aí é o crack é mulé? Ela disse: é. Mulé isso é o crack que passa na televisão? Ela: é mulher. Ela começou a fumar, eu já vi a reação dela. Ela começou a vomitar, assustada assim. Eu fiz: deixa eu vê como é isso mulé. Ela foi botou na lata pra eu dá. Quando ela botou que eu acendi o isqueiro, o tiro que tava em cima da lata caiu. Segunda tentativa: caiu de novo. Eu segurei a lata e ela acendeu o isqueiro. Quando eu puxei, é uma sensação horrível minha filha, parece que é o primeiro beijo, você se apaixona. Quando ela acendeu o isqueiro na lata, que eu soltei a fumaça, eu já olhei pra cara dela. O coração acelerado, eu disse: não senti mulher, bota um maiorzinho. Aí pronto, foi aí que começou. Toda semana eu queria tá fumando isso.

DIAMANTE_TRA_23

Eu usei crack por conta de um estado emocional abalado, que foi quando eu tive a notícia que ia ser pai. Com a galera, começamos a comemorar. Dentro dessa galera que tava comemorando, alguns fumavam já, o famoso melado. Aí a gente fumando muita maconha, tomando muita cerveja, escutando som, tal, foi quando eu fui pra roda separada. Tinha, tipo tribo, a tribo da maconha e a tribo do melado, aí foi quando eu já muito cheio de lombra fui pra tribo do melado e experimentei. Quando experimentei, foi uma paixão a primeira vista, porque eu não consegui mais deixar... Por mais que eu quisesse substituir o prazer que a droga oferecia, eu não conseguia chegar até aquele nível e meu corpo pedia aquele nível. Queria aquele nível de sensação. Só aquele nível de sensação fazia bem. É que me estagnava no bem-estar. E aí foi quando eu tentei de outras formas voltar o uso consciente da maconha, mas não consegui porque enquanto eu fumava maconha, me lembrava o melado. Aí eu ia fumar o melado, o melado me lembrava o crack puro, e aí era subindo a escadinha: de um passando para o outro. E chegou um período que eu não achei mais graça na maconha e só queria tá usando crack.

BRILHANTE_MAS_36

Apesar da identificação de que os principais motivos para o uso de drogas, em especial, o crack ser a curiosidade e a influência dos amigos, alguns aspectos ligados

a situações de vulnerabilidade também são relatados pelos participantes da pesquisa como: o envolvimento da família com o abuso de algumas substâncias, o envolvimento com tráfico e, finalmente, a droga como ferramenta para vivenciar dificuldades. Alguns entrevistados descrevem que a droga entrou nas suas vidas para os encorajar diante de determinadas situações. A próxima categoria evidencia essa situação.

4.1.3 Em momentos de dificuldades: o crack para “tomar coragem”

Conforme Epele (2010) o uso de drogas nas classes populares se liga a um sentido de “tomar coragem” para enfrentar situações as quais, mesmo que simples e rotineiras, demonstram as dificuldades de enfrentar a realidade vinculada às fragilidades impostas no processo de crescer em contextos de empobrecimento e vulnerabilidade crescente.

Para *Pérola*, viver com seu irmão depois da morte da mãe era uma condição insuportável de violência física e humilhações. A opção por viver na rua foi inevitável, bem como o uso de drogas, inclusive o crack, para poder fazer parte de alguns grupos.

Eu entrei nessa vida do mundo depois que a minha mãe morreu. No ano que ela morreu, eu fui morar com meu irmão mais velho. Com doze anos eu fugi da casa dele porque ele batia muito em mim. Eu também era respondão. Eu fazia qualquer coisa na escola, quando ele ia lá resolver, pisa. Aí teve um dia que eu botei na cabeça, eu vou mimbora, porque eu num vou tá apanhando. Com doze anos eu fugi de casa. Aí que eu entrei na vida da droga... Eu acho que eu entrei nessa vida de gaiato. Pra poder ter uma amizade, eu tinha que me enturmar. Tinha que fazer também pra poder ter aquelas amizades. Eu sempre me enturmava com alguém, da bola errada, da bagaceira, que gosta de fumar em festa. Eu era pequeno, ligava pra nada. Essas pessoas vendia, aí eu peguei pra vender também. Comecei a vender e com um tempo chegou uma colega minha e disse: vamo fumar maconha. Eu nem pensei: prova o melado. Aí eu fumei e gostei. Eu peguei, fumei um dia, depois fumei três, depois pulei pra capeta, que capeta é o cigarro com a pedra, depois pulei pra crack e até hoje num saio do cachimbo.

PÉROLA_TRA_21

O ambiente da prostituição também surgiu no relato de *Ametista* e *Lodolita*. Seja pelo fácil acesso, ou mesmo para suportar a rotina desta atividade, o início do uso de crack foi inevitável também. *Lodolita* chega a descrever que nem sabia o que estava usando, mas precisava de alguma substância para continuar o seu dia.

Me prostituindo eu conheci a droga, porque ela vem muito fácil. Vem como uma bandeja de prata. É muito cliente que tem e tem muita quantidade e que até paga pra gente usar, entende? Você num usa, num vai ser legal. Então se eu quero mais dinheiro, vou... Comecei cheirando cocaína, e sentindo uma sensação boa, uma lombra gostosa e curtindo mais aquele programa com o cliente. Geralmente, um cliente que pagava mais, fazia um programa de cem e acabava saindo com duzentos, com trezentos e mais o consumo da droga e da bebida, então tava maravilhoso. Aí ali eu dizia: que maravilha, eu tô ganhando meu dinheiro, fazendo minhas plásticas e descobri uma onda nova. Até aí tudo bem. Como o crack veio se disseminando em tudo quanto é canto, em São Paulo eu conheci mais usuários de crack, cliente também, de muito dinheiro, que pegava não de uma pedrinha, de duas, de três, mas de grama. A gente se internava nos hotéis. Eu digo: mas crack eu não posso, é o fundo do poço, é feio, é a droga do pobre, eu não quero. E eles: não, vamo, vamo, vamo sentir uma onda diferente. Aí eu me batizei, que isso se chama se batizar, tava eu e uma amiga em um programa a três. Olha, vou te batizar hoje na pedra, bota no cachimbo, eu fumei cinco pedras e disse: não tô sentindo nada, mas já tava totalmente transtornada né? E dali, outra vez, me deu curiosidade de fazer sozinha o meu uso.

AMETISTA_TRA_36

Eu fazia programa, aí eu fumei muita maconha e eu não aguentei. Eu caí no corredor e comecei a vomitar em cima do meu ombro, a cabeça girando. Aí as meninas pegou, me deu banho e me botou na cama. Dormi. Quando deu umas três horas da manhã, eu me acordei. Tava movimentado demais lá dentro, um som. Aí eu me levantei e fiz assim: gente, me dá algum remédio pra passar esse negócio, que eu num tô mais aguentando. Ela fez: vai pra o quarto que daqui a pouco eu levo lá. Aí trouxe o espelho, a lata, o isqueiro, o cigarro e a lata, e o crack, e mandou eu sugar. Eu não sabia o que era, só que ela

partiu no espelho, botando, mandando eu sugar e ela riscando. Eu sugava e sugava, e aquele negócio já me deixando cansada e coração acelerando, acelerando. De repente, eu não tinha mais a lombrá da maconha. Tava em outra nóia.

LODOLITA_TRA_20

Finalmente, o relato de *Topázio* traz o início do uso de crack dentro do presídio. Chama atenção a facilidade no acesso ao crack: “*Lá é muito fácil de fumar, muito barato*”. Esse espaço que deveria ser de socialização, é descrito como um lugar que todo mundo usa drogas. Sair dependente do presídio não é algo incomum e para suportar a rotina desse espaço, muitas vezes a droga, e neste caso o crack aparece de forma constante.

Foi no presídio. Eu tinha 18 anos quando conheci o crack. Lá é muito fácil de fumar, muito barato. Todo canto vende, ninguém vende escondido, ninguém fuma escondido. Passei quase quatro anos lá e esse tempo todinho foi usando droga. Quando eu saí lá do presídio, já saí viciado. No presídio é muito fácil, às vezes num precisa nem comprar. A primeira vez foi misturado, com maconha. Logo depois já misturei com cigarro, porque eu fumava cigarro. Depois eu vi a turma fumando na cela onde eu morava, tinha uma boca na cela. Eu vi a turma fumando, vou experimentar, aí experimentei no cachimbo, aí pronto.

TOPÁZIO_MAS_31

Diante das falas certifica-se que iniciar o uso de alguma droga, em especial o crack, tem motivos multifatoriais. A curiosidade e a influência dos amigos surgem em vários trechos de fala. A necessidade de estar inserido num grupo, ou mesmo encarar algumas experiências com os amigos se fez presente em muitos relatos. O ambiente social tem uma influência significativa, seja para se enturmar com os colegas de trabalho, nas baladas, ou mesmo junto ao tráfico e na comunidade de uma forma geral.

O consumo de drogas entre membros da família também surge como importante fator que pode levar ao uso do crack. Essa influência já foi descrita em outros estudos e se

fez presente em alguns relatos dos entrevistados dessa pesquisa. Pais, irmãos, primos ou qualquer outro parente, na rotina familiar pode influenciar o início do consumo.

Outra questão importante é o fácil acesso à substância. Alguns ganham, outros dividem o valor, mas usar o crack nas festas e comunidade é fácil e também estimulado em vários contextos (Oliveira e Nappo, 2008b). Também foi identificado o início do uso de crack em situações de risco onde a droga ocupa lugar de “dar coragem”. Cenas de atividades ilícitas, o espaço da rua ou da prostituição são contextos que é preciso sair do estado de consciência para encarar situações bem difíceis. O crack, com seu efeito estimulante, encoraja os entrevistados que relatam precisar da substância para desenvolver determinadas atividades.

4.2 A sensação dos efeitos do crack: o que sentem as pedras preciosas

O crack é uma droga estimulante do Sistema Nervoso Central (SNC), cujas substâncias psicoativas presentes em sua composição agem ativando o Sistema de Recompensa Cerebral (SRC), alterando as funções cognitivas (Carlini, Nappo, Galduróz, 2001; Oliveira, 2007; Lacerda, Cruz e Nappo, 2016). Em termos fisiológicos a paranoia e as sensações de alerta e ansiedade são parte do conjunto de reações desencadeadas pelo crack. Seus efeitos psicoativos surgem a partir do aumento da atividade neuronal da dopamina e de outros neurotransmissores, estimulando o circuito de recompensa cerebral. A substância psicoativa bloqueia o sistema de recaptção de dopamina, aumentando dessa forma a concentração de dopamina que produz uma sensação mais intensa de prazer (Morgan e Zimmer, 1997; Carlini, Nappo, Galduróz, 2001).

4.2.1 O prazer indescritível

Oliveira (2007), referindo-se especificamente aos efeitos do crack, segundo relatos de seus entrevistados, revela que a intensidade de prazer é tamanha que as sensações são dificilmente descritíveis. Nas narrativas abaixo percebe-se essa dificuldade de descrever a sensação do crack. Um misto de prazer e paranoia.

Sei lá, um prazer assim... que aí vem na hora, é bom, mas depois, depois que acaba, a pessoa percebe que a pessoa num fez nada, na hora é bom. É uma sensação assim... pra mim não tem explicação não. É o gosto ne. Pra mim é a pessoa só sentir gosto, eu sentia o gosto da droga. Pra mim já fiz tudo na hora, mas depois que passa o efeito, a pessoa percebe que num fez nada.

AVENTURINA_JAB_MAS_27_10

Num sei, eu num sei como descrever, acredita? Porque... acredita que eu num sei descrever até hoje, porque é uma sensação muito assim... Eu sei lá, horrível, é uma sensação que você pensa, que você sente, que tem alguém atrás de você, que tá vindo a polícia, que tá vindo alguém que você deve, é a sensação constrangedora que ao mesmo tempo gosta.

PÉROLA_TRA_21

Ela domina. Quando você usa ela domina todo seu organismo, todo seu psicológico, ela toma conta de tudo. Você... acontece coisas na sua mente que você... que é fora da realidade, é muito fora da realidade mesmo. É a coisa assim, difícil de explicar, que você tá aqui de boa, aí de repente... quando eu vou fazer uso do crack, eu não preciso nem começar a usar ele pra ficar naquela neurose. É só eu pegar nele, tá preparando ali pra usar, eu já tô fora de si, eu já começo a tremer, sistema nervoso. [...] O efeito do crack age de forma diferente em cada pessoa, sabe. Tem gente que fica calado, tem gente que fica tranquilo, tem gente que corre, tem gente que fica vendo coisas, tá entendendo, tem gente que fuma e estranha o outro.

JADE_MAS_26

4.2.2 No início apenas o prazer

A descrição do primeiro trago do crack é, na maioria das vezes, muito prazeroso. Os entrevistados trazem a experiência da sensação vivenciada pelo consumo do crack e tentam comparar o uso com algo mais palpável em um esforço para explicar o que se sente ao usar a substância. São comparações surpreendentes, várias relacionadas a

um prazer muito grande, sexo, orgasmos, paixão são exemplos encontrados pelos entrevistados. *Lápis-lázuli* acrescenta que teve uma sensação como se sua alma saísse do corpo. O prazer descrito é sempre muito intenso. Alguns relatos justificam a dependência do crack pela necessidade de sentir o que vivenciaram nos primeiros tragos.

Na primeira vez, uma paixão, uma paixão por ela, uma paixão terrível, terrível mesmo, ela me fez assim, ficar um pouco dormente. Eu passei a sentir um amor por ela sabe que eu botava na minha cabeça que cada vez que eu usasse eu me apaixonava mais. Mas depois veio o medo, veio uma sensação de medo, uma sensação de querer mais entendeu.

ÁGATA_MAS_34

Mulher, é num sei se é engraçado ou não, né, mas a primeira vez eu senti uma excitação, entendeu? Como a gente tava num surubão a três, o sexo foi mais gostoso. A cada tragada, vinha vontade de fazer mais coisas. Aí ele também, o parceiro que fazia e dizia: vem! Aí a gente ia lá e fazia um oral mais nele, dava mais uma cachimbada, e assim foi, foi mais gostoso. É um estimulante, pronto, resumindo, foi como um estimulante, ativou mais o sexo. Aí depois disso eu gostei, eu queria sentir aquilo de novo sozinha, em casa, vê como era.

AMETISTA_TRA_36

É doce, é saciosa, você se ..., como se você tivesse saciando alguma coisa dentro de você que você nem soubesse que tinha. Não tem como explicar o que é, sacia de uma tal maneira, já ouvi falar que o efeito da droga é quase comparado ao sexo. O prazer é quase a mesma coisa, não tem muita diferença, eu deixo de querer fazer sexo pra querer fumar crack, porque se um homem quiser sair comigo, levar a pedra dele, eu vou fumar a pedra dele pra sair com ele. É isso que eu acho da droga.

LODOLITA_TRA_20

É uma coisa assim que não tem como explicar, é uma sensação de prazer muito forte, por algum tempo você esquece de tudo, se sente...pelo menos eu me sinto né, me sinto fora de mim. Sei

lá, como se minha alma saísse do corpo, é uma coisa tão grande que eu nem sei explicar.

LÁPIS-LAZÚLI_TRA_24

Porque menina, é a sensação, na vida que eu tava vivendo, era uma sensação assim, uma alucinação pra mim, eu acho que era tão gostosa mulher, que eu só fazia zuelar as mariconas [roubar os clientes mais velhos], e quanto mais zuelava mais eu fumava, quanto mais eu fumava, mais eu zuelava. Mas é uma vida que, é uma vida do inimigo mesmo mulé. Essa vida de quem fuma crack, é o inimigo que leva você minha filha, você tem que ter cabeça, tem que ter crânio mesmo minha filha pra sair dessa droga, porque é roubada viu.

DIAMANTE_TRA_23

O sentido figurado trazido pelos usuários diante do crack nos faz perceber o quanto de prazer a substância proporciona a cada um deles e o quanto é difícil abrir mão desse prazer tão intenso e imediato (Almeida, 2010). Porém essa sensação é temporária, sendo substituída por efeitos negativos de paranoia e fissura. A busca por esse prazer intenso pode ser considerado um dos aspectos importantes para o uso compulsivo do crack.

4.2.3 Do prazer à paranoia e à fissura

Os efeitos psíquicos causados pelo consumo de crack ocorrem de duas formas distintas e sempre se manifestam na mesma sequência. Inicialmente, desenvolvem-se os efeitos positivos da substância, ou seja as sensações de prazer, de início instantâneo, que são substituídos pelos efeitos negativos ou sensações desagradáveis, entre as quais a paranoia é uma das sensações mais citadas. Segundo o autor, os efeitos positivos são mais rápidos, diminuindo sua intensidade para haver uma potencialização dos efeitos negativos (Carlini, Nappo, Galduróz, 2001; Oliveira, 2007; Lacerda, Cruz e Nappo, 2016)

Essa sequência de efeitos positivos e negativos é percebida nas falas abaixo. A riqueza de detalhes desse processo chama atenção. Alguns entrevistados descrevem

as sensações desde o momento que puxa a fumaça, aumentando o metabolismo do organismo, até a sensação de paranoia transitória vivenciada como efeito negativo do consumo de crack.

Eu gostei muito, parecia que eu tava no céu. Depois, a sensação é que a pessoa fica toda assustada, a pessoa fica pensando que alguém vem matar a pessoa. Aí depois já vem a influência pra ir roubar de novo.

CRISTAL_MAS_22

Gostoso, o gosto dela, a fumaça, a primeira vez, mas depois, a pessoa quando usa já num fica a mesma coisa, fica assustada, a pessoa se fumar já fica... pensando que tá sendo perseguido, eu mesmo quando eu usava , fazia coisa errada aí ficava pensando: tem gente olhando pra mim. Aí ficava assustado, e sempre acabando uma já pensando em arrumar o dinheiro da outra.

HEMATITE_MAS_24

A diferença é hoje em dia... antigamente eu ficava ligado, esperto, conversava com todo mundo. Hoje se eu fumar um, der um tiro aqui eu saio correndo. Eu penso que tem alguém atrás de mim, que a polícia vai pegar, vai chegar, vai bater, vai espancar, eu acho assim que já tá mexendo com o juízo da pessoa né, um estado de pânico. [...] Não é aquele prazer como antigamente né, é um prazer hoje em dia, de medo, de alguém atrás de mim, alguém vai me pegar, que a polícia vai chegar, sensação de medo hoje em dia.

GRANADA_MAS_27

Eu senti prazer, prazer de usar mais, aquela ansiedade de mais, quanto mais eu fumava mais eu queria, eu escutava vozes, vultos, as pessoas. Até hoje eu me pergunto: por que eu me aviciei? Uma droga que deixa você com medo, que você vê vulto, você escuta vozes, você fica pensando que vai chegar polícia, imagina! É a droga da imaginação, você imagina várias coisas, então o prazer, o prazer nessa droga é você fumar e você ficar tendo essas alucinações, agora são alucinações negativas, que não é verdadeira, é falsa.

OURO_FEM_32

Sinto medo, as coisas que eu já fiz, de roubo, assalto, pensando que as pessoas vêm me matar, eu fico paralisada, pensando pra onde é que eu vou, o que é que eu vou fazer pra usar de novo, e peço muito a Deus pra me tirar dessa vida, vem todos os remorsos, todos e todos da minha vida.

MALAQUITE_TRA_27

Quando eu tô usando eu vejo... eu sinto como se tivesse alguém olhando. Às vezes eu passo num canto, não tem ninguém, mas eu quando eu olho assim, tipo, como se tivesse alguém. Quando tem gente na sala, eu sinto que tá todo mundo olhando pra minha cara, mas às vezes é só viagem minha, às vezes eu escuto voz, às vezes eu tenho pesadelo, às vezes eu não durmo direito. Sempre me acordo de madrugada, fico na cama me embolar, só vejo quando usuário chega lá sob efeito, que usuário conhece quando outro tá sob efeito, dá agonia, estresse. Depois do prazer vem a sensação de medo.

TOPÁZIO_MAS_31

Pra dizer a senhora o efeito dela, é um efeito muito estranho. Quando eu tô usando, agora tá me dando raiva, vontade de matar. Eu não gosto de ouvir voz perto de mim, se eu tiver fumando eu prefiro fumar só. Se eu fumar com outra pessoa do lado, se ele começar a falar, começar a falar no meu ouvido ou aparece alguma pessoa pra me dar conselho, eu tenho raiva, tenho ódio, dá aquele ódio por dentro, e dá vontade de pular em cima. O pensamento que vem é, o pensamento estranho. Eu sei que muita gente sente vontade, uns mata, uns rouba, mas o meu é pior”, se eu disser assim: eu tô com vinte reais, só de eu tá com dinheiro na mão e ouvi sua voz, já me dá ódio, minha vontade é só de fumar, fumar, saber de nada. [...] Quando eu fumo direto, a paranoia de fumar é de fazer maldade com os outros entendeu, é uma coisa estranha o que você sente. Às vezes não tem nem como entender. É o efeito que bate e passa logo, quando passa o efeito da droga é que a raiva vem pior, vem pior, a raiva vem pior.

RUBI_FEM_32

Segund Raupp (2011) a paranoia é uma sensação constante pelo uso de crack, responsável pela maioria dos conflitos presenciados. A paranoia, um dos efeitos mais perceptíveis da substância é consequência do uso intenso no qual a inalação de grandes quantidades induz a sensações de irritabilidade, tremores e atitudes bizarras. Manifesta-se como uma inquietação constante, geralmente acompanhada de uma sensação de medo nos usuários, os quais passam a vigiar o local onde estão usando a droga, apresentando grande desconfiança uns dos outros e em relação às pessoas que estão nas proximidades (Raupp e Adorno, 2011).

A paranoia vivida pelos entrevistados é muito presente em suas narrativas. A sensação de medo e perseguição fazem parte do relato de quase todos os participantes. Porém *Rubi* traz uma sensação muito peculiar. Sob o efeito do crack a irritabilidade é potencializada e sentimentos de raiva e ódio veem à tona, desencadeando uma vontade de matar.

4.2.4 Diante da abstinência: o crack como remédio

Segundo o Código Internacional de Doenças na sua décima revisão (CID10) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais na sua quarta revisão (DSMV) quando uma pessoa apresenta um quadro de dependência e passa algum tempo sem usar a substância, sintomas da retirada da droga podem ocorrer diante da ausência ou diminuição da substância. Algumas drogas chegam a produzir sintomas de abstinência, ou seja, surgem reações físicas que variam de ansiedade e distúrbios do sono à depressão e convulsão. A intensidade e quais efeitos irão depender da droga e do grau de dependência de cada um. Para o dependente, o alívio dos sintomas após o uso da droga é imediato e prazeroso.

Opala além de descrever a sucessão de efeitos positivos e negativos, relata que usar o crack, hoje, tem a função de um remédio. Na sua fala, descreve a dependência como uma doença e que o uso do crack se faz necessário para minimizar a sensação ruim diante da abstinência. Ao usar o crack, todas as sensações ruins da fissura desaparecem e a sensação de prazer pode ser sentida novamente.

Uma sensação gostosa, dá uma sensação... sei lá, como se fosse uma coisa que completa o que você, o que tá faltando ali, é como se fosse uma doença, que você assim, e como se fosse... sente a cura. Quando você usa o crack, você fica assim, a primeira vez que eu usei eu senti uma sensação gostosa, mas depois é como se fosse uma necessidade, é como se fosse o sangue que tá faltando na minha veia, entendesse? É como se fosse a cura da minha doença, que eu tivesse ali doente, morrendo, e tomasse aquele remédio assim, aquela dor de cabeça infernal e você toma um comprimido e ela passa, pronto. A mesma coisa quando eu fumo crack, eu fumo, dá aquela sensação tão gostosa, que parece que você tá tomando um banho de cachoeira, um banho de mar, pulando de uma coisa bem alta assim, aquele vento livre, você sente aquela sensação bem gostosa mesmo, mas que quando acaba, é só mágoa, desgosto.

OPALA_FEM_29

Esta comparação a um remédio confirma um quadro de dependência do crack. É comum para o dependente a busca pela droga para minimizar as sensações negativas que traz a abstinência. Saber que, ao usar a droga, tudo passa e o prazer se torna presente faz com que as pessoas desejem repetir o consumo.

4.2.5 Durante o consumo: a “borra” do crack é a melhor sensação

Na descrição dos efeitos sentidos ao usar o crack, os entrevistados fazem referência ao uso da “borra”, resíduo da substância que se acumula no cachimbo ou na lata durante o uso. Os entrevistados descreveram, em algumas narrativas, como o uso da “borra” é valorizado nas cenas de uso. A disputa por este uso, algumas vezes, é motivo de conflitos, gerando brigas e situações de violência. Para Raupp (2011) a prática de fazer a raspagem de cachimbos para consumir a borra que fica armazenada em seu interior é hegemônica e altamente valorizada tanto em São Paulo, como em Porto Alegre, considerada um ótimo meio para o alcance de um efeito mais potente da substância.

O efeito da bôrra é mais forte, é bem mais forte. Eu até já paguei mais caro pra usar bôrra. Porque o efeito é mais gostoso. É um

tiro que você dá, e paralisa, você fica paralisado. A onda é essa, parou o tempo. Aí depois de um tempo volta tudo ao normal.

AMETISTA_TRA_36

O mais que a gente aproveita é a borra. Porque além do crack a gente tem a borra do crack também, que dá uma sensação maior do que o crack. É melhor ainda que o crack, então, devido a gente fumar no cachimbo, vai se acumulando aquela borra dentro dele. Aí depois a gente termina de fumar, a gente raspa ele tudinho por dentro, e aquela borra a gente aproveita pra fumar ela.

ÁGATA_JAB_MAS_34_23

Após o uso prolongado de um mesmo cachimbo, um resíduo se acumula no interior do cachimbo ou da lata chamado “borra, raspa, resina ou sarro”. Esta borra quando fumada proporciona efeitos mais intensos que os da pedra, por ser uma forma concentrada da cocaína. Durante o uso existe a sublimação da droga e a maior parte fica impregnada na parede interna do cachimbo em vez de ser inalada pelo usuário (Oliveira e Nappo, 2008b).

Alves (2016) acrescenta que para os usuários de crack, a “bôrra” do crack é valiosa, unanimemente tida como de poder superior a pedra de crack em relação aos efeitos proporcionados durante o consumo.

4.2.6 A overdose: uma sensação de quase morte

A descrição da sensação da *overdose* do crack também se fez presente. O relato de um dos entrevistados destaca que foi o momento mais marcante de sua vida. Uma sensação de quase morte. Para ela, a chegada de uma colega fez a diferença para estar viva hoje.

A *overdose* por consumo de crack é pouco identificada em hospitais e emergência. Por ser uma droga fumada a intoxicação é mais difícil de ocorrer. Em um estudo de seguimento de cinco anos, com 131 usuários de crack internados em uma enfermaria

de desintoxicação na cidade de São Paulo, a taxa de mortalidade anual entre os usuários de crack foi elevada (2,5%), superando em 7.6 vezes a mortalidade geral do município de São Paulo no mesmo período. Porém, a maioria das mortes tiveram causas externas (69,6%) – treze por homicídio (56,6%), duas por overdose (8,7%) e houve um caso de morte por afogamento (4,3%). As causas naturais foram responsáveis por 30,4% dos óbitos (n=7) – seis devido à infecção pelo HIV (26,1%) e um pelo vírus da hepatite tipo B (4,3%) (Ribeiro, Dunn, Sesso et al, 2006). Percebe-se, entre as causas de morte, que a *overdose* tem um baixo percentual entre os usuários de crack.

No estudo de Ribeiro, Sanchez e Nappo (2010) a minoria dos usuários da amostra relatou já ter vivenciado uma situação de *overdose*. Episódios definidos como *overdose* foram aqueles relacionados com algum tipo de atendimento hospitalar pelos usuários entrevistados, ou seja, efeitos percebidos como muito graves. Em relação ao risco de morte, houve poucos relatos de já terem visto ou ouvido falar. Alguns referiram ter medo dessa complicação, outros não acreditam nessa possibilidade.

Porque um certo dia, eu tava na casa de minha amiga, que tava usando. Ela tava usando, tinha comprado uma quantidade muito grande dela. Então eu tava sozinho na casa dela, eu comecei a usar, comecei a usar, sem parar, sem parar. Aí chegou uma hora sabe que eu não senti meu corpo, eu senti meu coração batendo bem fraco, bem fraco mesmo, deu uma moleza. Eu caí no sofá e fiquei sentado sem consegui me mexer, sem nada, só mexia os olhos, um calafrio por dentro, sabe, e precisando de ajuda, precisando de alguém por perto. Num tinha ninguém, e foi quando ela chegou de repente. Foi Deus que mandou ela naquela hora, e abriu a porta. Quando ela abriu a porta que ela me viu, ela falou comigo, ela tocou em mim, viu que eu tava suando, mas eu tava frio. Ela me pegou rapidamente, puxou pela mão, me jogou no chuveiro. Eu comecei a sentir um começo de overdose ali sabe, eu sinto como que eu fosse morrer se ela não tivesse chegado na hora. Eu ia morrer, então essa foi o momento mais marcante da minha vida, foi quando o crack causou isso em mim.

Os efeitos do crack são diversos, cada usuário pode sentir e traduzir de uma forma diferente. Porém percebe-se que existe um prazer imensurável e de difícil descrição no início do consumo desta substância. Após essa sensação de prazer, a continuidade da droga, principalmente de forma compulsiva, aparecem os efeitos negativos relatados por episódios de paranoia transitória, medo e ansiedade.

A vontade de sentir o prazer, inicialmente experimentado, faz com que os usuários repitam o uso de forma compulsiva, levando a dependência com suas consequências nocivas. Alguns usuários descrevem não entender o porquê da repetição do uso, uma vez que o que resta são efeitos negativos e desprazerosos. Os efeitos, principalmente negativos do crack, acabam induzindo a alguns comportamentos que serão descritos na próxima categoria.

4.3 Formas de uso do crack: quais as escolhas das pedras preciosas

Compreender a forma como as pessoas usam crack, os materiais utilizados, os espaços e cenas de uso, bem como as diversas formas de consumir esta substância são os objetivos desta categoria. As narrativas descrevem as diversas possibilidades de usar o crack e seu entorno. Os entrevistados justificam suas escolhas e descrevem suas preferências e rotinas diante da pedra de crack.

É importante destacar que durante o estudo não foi possível identificar cracolândias em Pernambuco como em diversas pesquisas qualitativas ou etnográficas já desenvolvidas em nosso país, principalmente na região sudeste. (Nappo, 1996; Oliveira, 2007; Raupp, 2011; Rui, 2012). Nas narrativas dos entrevistados são identificadas cenas de uso de crack em locais escondidos e insalubres. Este fenômeno já tinha sido identificado na Pesquisa Nacional sobre uso de crack em 2014 (Bastos e Bertoni, 2014).

Para Bastos e Bertoni (2014) “cena” é “um conceito sócio-antropológico referente a um espaço de congregação e interação social, presente na literatura em ciências sociais” (Bastos e Bertoni, 2014, P.13). No caso do nosso estudo, as cenas de uso de crack são espaços de congregação e interação social desses indivíduos em situação de consumo. Estes lugares foram destacados nas narrativas. A forma como estão

inseridos, as situações de risco e as estratégias de proteção são descritos por vários usuários.

4.3.1 Qual a melhor companhia para usar o crack?

Diante das vicissitudes do consumo do crack, os entrevistados desse estudo descrevem como preferem usar o crack. Alguns descrevem que usar sozinho é a melhor opção, outros apontam que o consumo se torna mais seguro acompanhado por alguém de confiança e, finalmente foi possível identificar o uso em pequenos grupos.

A partir da justificativa nas falas dos participantes, é possível uma compreensão de que, muitas vezes essa preferência surge como estratégia de proteção diante de várias situações de risco vivenciada por quem consome o crack

4.3.1.1 Pedras preciosas solitárias

O uso solitário foi descrito por vários usuários. Em algumas situações, existe a possibilidade do consumo do crack acompanhado de uma pessoa de sua confiança, também usuária. Os entrevistados justificam essa preferência por não suportarem a presença de ninguém sob o efeito do crack. A paranoia, a sensação de medo e insegurança aumentam significativamente em espaços com muita gente. A possibilidade de violência, devido à desconfiança do companheiro produzida pela paranoia, é uma das causas para preferirem o isolamento no momento do consumo.

Uma importante estratégia para lidar com possíveis riscos de agressões, decorrentes dos desentendimentos entre os membros do grupo provocados pela fissura e paranoia, seria utilizar a droga sozinho, sem companhia. (Ribeiro, Sanchez e Nappo, 2010)

As falas abaixo descrevem bem essa necessidade de fumar sozinho diante dos efeitos negativos do crack. Estar só significa um maior controle das sensações, principalmente da paranoia, durante o consumo do crack.

Sozinho. Porque eu acho que eu sozinho, eu fico assustado, mas num fico tanto como eu fico se eu tiver com muita pessoa. Eu num tenho a confiança, como eu tava dizendo agora, eu num tenho a confiança com a outra pessoa. A pessoa colocar olho grande em cima de mim, fazer alguma maldade comigo, por isso que nem com meu companheiro eu uso às vezes. Deixo ele num canto e saio. Vou mimbora.

PÉROLA_TRA_21

Eu gosto mais de usar só. Eu não gosto de... porque tem uns que usa droga, a paranoia é diferente, num é igual a de todo mundo. Eu mesmo tenho a minha paranoia, eu fico na minha parado lá, sossegado. Já tem um que fuma, já começa a ficar agressivo. Chega no outro viciado e vai logo brigando e pá, por causa de um cigarro, por causa de um pedaço de pedra, eu num gosto disso, eu prefiro pegar o meu negócio sozinho e usar.

AVENTURINA_MAS_27

Eu gosto mais de fumar só. Porque eu acho muito melhor pra mim, mais do que se eu fumar com os outros, que cada um tem sua lombra, e ninguém vai saber os pensamentos dos outros, e eu prefiro fumar só.

JASPE_MAS_20

Outro aspecto importante destacado pelos entrevistados é o fato de não querer dividir o crack com ninguém. No consumo em grupo, muitas vezes é inevitável ter que compartilhar o crack com outras pessoas para evitar qualquer tipo de desentendimento ou violência. Além da paranoia, a fissura deixa as pessoas mais agressivas e com possibilidade maior de brigas, agressões, podendo levar a situação de homicídios por uma pedra de crack.

Apesar de aparentemente barato, o fato de o padrão de uso de crack ser predominantemente compulsivo (Oliveira e Nappo, 2008a) faz com que seja necessário muito dinheiro para a manutenção do consumo. Diante dessa necessidade, principalmente, no dia-a-dia das pessoas que estão em situação de rua, pode-se constatar, que custear seu próprio uso não seja algo fácil. Dessa forma, o compartilhamento se torna restrito a momentos específicos, não sendo escolha das pessoas que estão nesse contexto.

Em alguns relatos fica evidente que usar sozinho “corre menos risco”. O contexto de uso da droga “gera briga” e que é melhor “usar só do que mal acompanhado”. Para os entrevistados a necessidade de usar sozinho é justificada pelo fato de que os usuários de crack têm sempre “segundas intenções” e o uso solitário protege de qualquer situação perigosa.

Eu gosto de usar mais só vei. Porque eu não tenho que dividir com ninguém. E num dividir cachimbo também com ninguém, e nem sinto obrigação de ficar dando a ninguém.

ANDALUZITA_MAS_36

Gosto mais de usar só. Porque é melhor, corre menos risco. De repente você tá fumando e outro não ter, o outro querer matar você ou querer tomar, tá ligado? Porque você num quer dá, porque você num quer dividir, então corre muito esse risco. O outro, seu colega num tá satisfeito com o que já fumou, e querer pegar de todo jeito e você num quiser dá, de repente dá uma doideira na cabeça dele e ele pega uma faca, dá uma garrafada, dá uma pratada, corre o risco.

TANZANITA_FEM_28

Pra mim, normalmente eu procuro um lugar fechado, que só esteja eu, eu não gosto de usar droga com ninguém, eu não confio em ninguém na rua. Cada um com o seu. Quando o cara chegar, o cara divide, o cara bota lá na sandália, divide, e cada um pega o seu. A droga gera briga, gera tudo né, dinheiro, você tá usando com dinheiro perto dos outros não é bom, com muita droga na mão. Antes só do que mal acompanhado. Eu não gosto de fumar com ninguém, por isso eu prefiro me isolar, porque eu não gosto de fumar com ninguém me vendo fumar.

ÁGUA-MARINHA_MAS_30

Num estudo etnográfico, Alves (2016) descreve o sentido de “radiação” para os participantes da pesquisa. Para este autor a “radiação” significa a discórdia, a desconfiança, o medo na cena de uso de crack. É a quebra da reciprocidade, o roubo, a traição, o abuso de confiança e o desrespeito.

Percebe-se, na fala de *Brilhante* que, inicialmente, fazia o uso do crack na casa de

amigos e em grupos. Porém experiências negativas fizeram com que este usuário passasse a fazer o uso solitário, evitando, assim, a “fuleragem”. O risco eminente de situações conflituosas, violentas ou regadas a traições, faz com que as pessoas que usam crack descrevam a preferência em consumir sozinho.

A gente se reunia em casas de amigos, e ao passar do tempo o meu uso foi mais sozinho, por conta... digamos assim, bem no dito popular: fuleragem, existe a trairagem, a traição, entendeu. Existe no meio da droga. Eu preferia fumar só, ou na companhia de uma mulher, que fumasse, e aí eu e ela ia pra um hotel, pra uma pensão, pra casa dela, e fazia o uso.

BRILHANTE_MAS_36

O relato abaixo traz um uso bem diferenciado do crack. Descreve um controle ao usar esta substância alternadamente com o álcool. Usar sozinho dá uma sensação de segurança que ele não percebe usando em grupo. Descreve que o usuário de crack não é tranquilo e que gosta de ficar quieto no seu canto. A tranquilidade e a concentração são fundamentais para seu ritual de consumo.

Sozinho, eu sempre usei sozinho. Porque eu me sentia mais seguro, mais tranquilo, porque o viciado em crack, ele não é tranquilo. Ele pega uma em cima da outra. Eu fumava de maneira tranquila, mais concentrado, porque eu botava minha garrafa de bebida, seja ela qual for, o vinho, a cerveja, o álcool, e eu botava a pedra aqui do lado, então eu usava uma quantia do crack e ficava ingerindo a bebida, ingerido a bebida, aí quando passava uns dez minutos a quinze minutos que eu ia ingerir outra pedra de crack, tá entendendo?

ZIRCÔNIA_MAS_46

4.3.1.2 A companhia como segurança

Outra possibilidade para o uso do crack é acompanhado de uma pessoa de confiança. Para Ribeiro, Sanchez e Nappo (2010) ter companhia para o consumo foi descrito como uma forma de diminuir os medos decorrentes das perturbações auditivas/visuais ou de obter ajuda nos possíveis episódios de overdose. Alguns entrevistados apontam

como uma importante estratégia de proteção diante dos efeitos do crack. Sentem-se mais seguros e conseguem dividir essa experiência de forma mais tranquila. *Cornalina* conta que prefere passar horas procurando alguém de confiança do que fumar sozinha. *Amazonita* e *Gipsita* descrevem muito medo de usar sozinhas, não conseguem. *Esmeralda* descreve a sensação de medo na paranoia do crack. Afirma que as alucinações visuais o assustam e que na presença de outra pessoa se sente melhor.

Acompanhada. Em grupo não, eu e outra pessoa. Sei lá, eu me sinto mais segura. Eu não consigo não, mesmo se eu der um tiro só, mesmo que eu tivesse com um pedaço, eu vou atrás de uma pessoa, porque assim eu fico assustada. Eu não fumo só, eu nunca gostei de fumar só, nem que eu passe duas horas, três horas pra encontrar com a pessoa.

CORNALINA_FEM_23

Com alguém, sempre com alguém. Porque a pessoa fica com medo, com os outros a pessoa fica com medo, imagina sozinha, aí fica com medo mesmo. Sempre, geralmente uma pessoa só, eu e ela.

AMAZONITA_FEM_25

Usava com alguém, eu gostava mais de fumar com uma menina que eu conheço. Porque se não eu não conseguia fumar, ficava com medo. Porque geralmente eu fico com medo, sei nem como explicar, só sei que deixa eu com medo, quando a pessoa dá um tiro.

GIPSITA_JAB_FEM_23_11

Eu gosto de usar eu e outra pessoa só, mais do que dois não. Porque fica muito atumultuado, fica atumultuado, num gosto de usar só não, só eu e outra pessoa, acho muito tumultuado, muita zoadada, você não se lombra direito.

GRANADA_MAS_27

Eu prefiro mais usar o crack assim com outra pessoa, tá entendendo. Nunca gostei de usar só não. Porque é uma droga que deixa você muito assustado, é uma droga que toma conta de você, você tenta sair dela, mas é difícil demais, é uma droga

que você... quando ela domina você acabouse. Então, ela é muito assustadora. Você vê coisas, coisa que não existe você vê. Ainda mais quando tá em terreno baldio assim, num lugar escuro, você vê vulto, vê gente passando, tá entendendo, é o efeito dela né, que se torna isso na sua mente.

ESMERALDA_MAS_21

Além da sensação de insegurança, descrita devido a paranoia do crack, o medo de vivenciar uma overdose leva alguns usuários à preferência de consumir a droga acompanhada por alguém de sua confiança. *Magnetita* descreve que precisou de ajuda para enfrentar uma situação de intoxicação aguda causada pelo consumo do crack. A certeza de poder contar com alguém num momento semelhante, fez com que essa usuária sinta a necessidade de usar o crack sempre acompanhada.

Gosto de fumar junto com outras pessoas. Por causa da overdose. Eu tenho medo. Assim, uma vez eu tava conversando com o dono dessa casa, aí me faltou voz, aí ficou, minha língua enrolou, eu só sei que eu queria falar e fiquei sem falar e se tremendo todinha, pra trás. Aí ele pegou e me ajudou.

MAGNETITA_FEM_20

A preferência de usar sozinho ou mesmo acompanhado de uma pessoa não significa dizer que os entrevistados não façam uso em pequenos grupos. Um dos temas trabalhados nesse estudo são as cenas de uso descritas pelos entrevistados, o que reforça o não desejo de estar nesses ambientes insalubres, regados de violência e situações de risco.

4.3.2 As pedras preciosas e suas parafernalias: como usam o crack

Essa categoria pretende descrever as formas de utilização do crack. Existem várias maneiras de usar essa substância, do uso misturado com maconha ou tabaco, ao uso do crack puro, sob a forma do “tiro”. A parafernália utilizada também depende da preferência de cada pessoa. Cachimbos artesanais, latas e copos plásticos podem

ser utilizados para o uso do crack. Alguns aspectos precisam ser levados em consideração diante das consequências nocivas de cada forma de consumo.

4.3.2.1 O “tiro”

Segundo Raupp (2011) o crack pode ser fumado de diferentes maneiras. Muitos usuários referem consumi-lo sob a forma chamada de “mesclado”, “pitilho” entre outros termos, que consiste na mistura da droga com maconha ou tabaco. Essa mistura pode ser feita ao cigarro convencional ou enrolando-o em um papel-seda. Também pode ser fumado puro em cachimbos, latas de alumínio ou copos de água.

No nosso estudo, a grande maioria dos usuários descreveu a preferência de usar o crack puro. O chamado “tiro”. Os entrevistados descrevem que essa forma de consumo é mais prazerosa e que o efeito é mais intenso. Para Jorge, Quinderé, Yasui et al (2013) o consumo do crack puro, seja na lata, seja no cachimbo, tem seu efeito mais intenso e rápido. Essa forma de uso faz com que as pessoas queiram repetir o consumo, levando a um padrão compulsivo. Os efeitos nocivos desse padrão de uso, tais como dificuldade para se alimentar e para dormir pode acarretar sérios problemas de saúde.

Os entrevistados descreveram a preferência pelo uso do crack puro, o “tiro”. Também descreveram que iniciaram o uso do crack pelo mesclado, mas que depois que experimentaram o “tiro” não conseguiram mais deixar de consumir a substância de outra forma. Para Raupp (2011) existe o predomínio do uso em cachimbos artesanais e sob a forma de pitilhos (crack mesclado à maconha). Para os usuários, pode existir uma hierarquia interna aos usos de crack, na qual fumar o pitilho é considerado mais light do que as outras vias de uso do crack, principalmente, o “tiro”.

O tiro, usando crack na lata e no cachimbo. Antes eu num tinha preferência ou na lata ou no cachimbo não, o que tivesse eu fumava. Eu prefiro mais fumar em lata. E que seja uma lata que não passou pelo uso do crack.

ANDALUZITA_MAS_36

Eu disse “oxe, vou nada”, aí fiquei fumando mesclado, com maconha, aí depois foi com cigarro, aí depois com dezoito anos

a turma “é melhor o tiro meu irmão”, a pessoa sente mais. Eu senti aí gostei, acabou. Porque é mais forte, a pessoa sente mais, parece que é mais gostoso, sei lá.

HEMATITE_MAS_24

No cachimbo. Eu acho que porque dá a lombra mais rápido, o punk mais rápido, porque eu sou mais viciado nisso, eu num fumo melado não, só fumava quando eu comecei a fumar no começo. Quando eu comecei a fumar no começo o crack eu consumava o melado, capeta, mas hoje eu num fumo não, hoje eu só fumo cachimbo, ela pura.

PÉROLA_TRA_21

A preferência pelo “tiro”, segundo os entrevistados surge pelo efeito ser mais rápido e forte. As falas corroboraram com os achados na literatura onde o uso do crack, muitas vezes, tem uma sequência. No início é comum os relatos de uso do mesclado e, posteriormente, os usuários experimentam o crack puro, migrando para essa forma de consumo.

Em São Paulo, os estudos de Ribeiro, Sanchez e Nappo (2010) e Gonçalves e Nappo (2015) mostram um predomínio maior de uso de crack associado ao álcool e/ou a maconha. É mais difícil encontrar o uso de crack puro. A associação surge como estratégia para minimizar os riscos causados pelo uso compulsivo do crack. Esse uso associado também foi identificado em nosso estudo, porém o “tiro” aparece como preferência para grande parte dos entrevistados.

4.3.2.2 O cachimbo artesanal

Em relação ao tipo de cachimbo utilizado, o uso do crack é feito, normalmente, por meio de cachimbos artesanais que são confeccionados com materiais como latas de alumínio, joelho de cano, copos de plástico, entre outros. Para Domanico (2006), os insumos utilizados podem ser diversos, mas a forma de colocar a pedra em combustão é sempre a mesma, colocando-se a cinza de cigarro no local onde a pedra de crack será colocada e sofrerá a sublimação (do estado sólido passará ao estado gasoso

vapor) pela a ação da temperatura alta provocada pelo usuário, geralmente com o auxílio de um isqueiro, sendo possível assim aspirar a fumaça.

Os cachimbos artesanais utilizados pelos usuários, normalmente, são improvisados com produtos como restos de isqueiro, canetas, tampas de creme dental, copo de iogurte e de água mineral, tampas de garrafa PET, canos de PVC e folha de alumínio, onde são colocadas cinzas de cigarro em cima para fazer a brasa e logo após a pedra de crack, que sublima com o calor chegando ao estado gasoso. Também são utilizados latas de alumínio (refrigerante ou cerveja), sendo consideradas estas como principais fontes de matéria prima para a confecção do cachimbo. (Oliveira e Nappo, 2008a)

Em nosso estudo, o principal material mencionado para confecção dos cachimbos foi a bobina de máquinas registradoras que conseguem, preferencialmente, em bancas de jogos de bicho, também conhecidos como jogos de azar. Os entrevistados descrevem com detalhes como fazem o cachimbo com esse material. O Joelho de cano também foi referenciado na fala dos usuários.

É, cano de papel de bicho. Eu faço. Eu faço assim, o caninho, pego o caninho, pego o isqueiro, queimo só a metadinha da boca, ali você vira pra ficar assim, vira ele aí fica assim, aí fica a parte grande que é pra fumaça sair, e subir, e a parte assim pra boca, pra descer a parte da pedra e a parte da boca, a pedra assim e o cano aqui.

MALAUITE_TRA_27

Nas banca de bicho, peço a ela e envergo com isqueiro, pego o papel aluminado, boto em cima, pego um pedacinho de plástico mesmo, de saco, enrolo na boquinha do alumínio, fecho e furo com o brinco mesmo e pronto, já tá pronto o cachimbo.

DIAMANTE_TRA_23

Eu gostava de usar mais ela no cachimbo, a gente pegava uns canos assim, aquele Joelho de cano, tamanho 25. Botava os luminoso assim em cima, enrolava eles com esparadrapo assim, e furava, e fica tipo um cachimbo, gostava de fumar no cachimbo. No tiro. Porque a sensação é mais forte, ela entra dentro de você mais pura, do que você misturar ela com a maconha, ou você misturar ela com outra droga.

Para Alves (2016) o usuário de crack adapta e improvisa o cachimbo trazendo à tona os materiais (recicláveis) que encontram no ambiente. Existe um processo contínuo de fabricação do cachimbo como algo novo e diferenciado, pois precisa se adaptar ao corpo do usuário de crack, naquele momento particular. Dessa forma, o cachimbo artesanal mais utilizado em Pernambuco é a bobina de máquinas registradoras, mas em outros contextos diversos materiais já foram utilizados e descritos por pessoas que fazem uso de crack.

4.3.2.3 A lata

Para Leite, Oliveira e Cruz (2015) usar o crack na lata pode ser considerado mais prejudicial porque geralmente são coletadas na rua ou no lixo e podem estar contaminadas com diferentes agentes infecciosos; outra consequência do uso na lata é a absorção do alumínio quando aquecida (Pechansky, Kessler, Diemen et al 2007). Como agravante, as latas também costumam ser raspadas para não desperdiçar o resíduo de crack, intensificando a intoxicação pelo metal (Franco Netto, 2013). Em contrapartida, no consumo de crack pelo cachimbo, muitos usuários já referiram compartilhá-lo com outras pessoas no momento do uso, revelando-se também como fator predisponente para a transmissão de doenças contagiosas. (Leite, Oliveira e Cruz, 2015)

Para Raupp (2011) a forma popular de utilização, chamada pelos usuários de “fumar na lata”, para o consumo do crack é necessário esvaziar conteúdo da lata, amassá-la ao meio e fazer pequenos furos no local amassado, onde será colocado a cinza e a pedra a serem queimadas.

Às vezes você vai no posto, tá com um trocado, comprar uma cerveja, comprar uma coca-cola, geralmente eu faço isso, mas geralmente quando não tá, pega no lixo, na fissura mesmo, lava, fura e fuma. E o cachimbo é muito difícil eu fumar, só quando num encontro uma lata mesmo, tem uma companheira, eu encontro, “tá com cachimbo aí, bora eu te dou um pedaço”, aí ele vai e sede o cachimbo.

GRANADA_MAS_27

Na lata. É, porque eu não gostava de tá com o cachimbo, a lata eu á amassava e jogava fora. Eu comprava a bebida, o refrigerante pequenininho que tem lata, ou então o redbull, comprava uma lata de redbull pra tomar com whisky, daqueles pequeno, e essa lata eu consumia o crack, que eu tinha.

ZIRCÔNIA_MAS_46

Na lata. Prazer imediato, anestesia muito rápido. Do jeito que é rápido pra sair a lombrá, entra muito rápido. Pega você já, anestesia, você fica alerta. A forma que eu mais gosto de usar é o tiro na lata. Não gosto de cachimbo. Queima minha boca. Cachimbo esquenta, não gosto de cachimbo não. Não sei nem fazer o cachimbo. Faz onze anos que eu uso crack. Não sei nem fazer o cachimbo, porque eu não gosto. Nunca tive curiosidade de aprender.

ÁGUA-MARINHA_MAS_30

Para Jorge, Quinderé, Yasui et al (2013) a lata é a principal parafernália utilizada pelos usuários de seus estudos. O contato repetido com o alumínio aquecido lesa o tecido cutâneo, resultando no aparecimento de bolhas e feridas na língua, nos lábios, rosto e dedos. Quando existe o compartilhamento da lata e, conseqüentemente, o contato com o sangue de outros usuários, pode aumentar o risco de transmissão de doenças infectocontagiosas.

Apesar das falas de uso na lata, outros usuários descrevem porque têm preferência pelo uso do cachimbo em detrimento da lata. Por ser menor, o cachimbo possibilita uma maior absorção do crack. A lata, segundo os entrevistados, precisa de mais esforço para puxar a fumaça e sentir o efeito da substância. Também acrescentam que na lata existe uma perda maior do crack durante o consumo. Alexandrita acrescenta que prefere o cachimbo por saber que o resíduo do alumínio no nosso organismo prejudica a saúde.

No cachimbo. Porque sente mais, porque em papel eu num sinto, porque na lata perde, a fumaça fica rodando lá dentro, num

sai, você não sente nada, é muito folego pra cigarro, e no cachimbo não, no cachimbo você coloca e ela volta de uma vez só, quando tira a boca não fica mais fumaça nenhuma.

LODOLITA_TRA_20

Cachimbo. Gosto mais no cachimbo. E ele puro. Porque é mais forte, mais forte e faz mais efeito sabe?[...] É aqueles de jogo de bicho. A bobina. Hoje em dia, eu que fazia, eu fazia, eu não era muito de que fazia, eu era mais de fumar dos outros, sabe, fumar dos outros, furar a lata. Minha preferência é cachimbo, mas eu usava mais na lata porque eu me acostumei na lata, era mais fácil, prendia e puxava mais, eu gostei mais da lata, mas depois eu fumei no cachimbo e eu achei melhor no cachimbo, porque cachimbo sobe diretamente pra mente, e a lata demora mais um pouco né, então isso.

OURO_FEM_32

Porque quando a gente fuma no cachimbo, principalmente pequeno, dá a possibilidade de queimar ele todinho, e num fica nada em cima, descer todinho da gente, da mente da gente. Em lata, tem também o resíduo do alumínio, que também prejudica muito, também raspar prejudica muito, mas nela, na fumaça, quando a gente queimava na lata, não só prejudica o alumínio da lata, como também, ela não entrava totalmente, todinha na gente, ficava fumaçando, perdendo o resto daqui, do crack. Isso a gente num queria, queria sentir toda, por isso eu usava mais o cachimbo.

ALEXANDRITA_TRA_32

Diante das falas, percebe-se que os entrevistados desse estudo têm a preferência por usar o crack puro, dando o “tiro”, forma mais prejudicial que culmina com um uso compulsivo, descontrolado. O principal material utilizado é a bobina de máquinas registradoras. O uso na lata foi mencionado, mas não é o mais utilizado. Chamou atenção o conhecimento dos prejuízos pelo uso de crack na lata.

O uso do crack puro, na lata ou no cachimbo, produz um efeito muito intenso e rápido, levando a um padrão compulsivo de uso. Essa compulsividade acompanha efeitos nocivos, como dificuldades para se alimentar e para dormir, podendo causar sérios problemas de saúde. (Jorge Quinderé, Yasui et al, 2013)

4.3.2.4 O compartilhamento do cachimbo

Seja qual for o tipo do cachimbo utilizado, ainda existe uma prática de compartilhamento dessa parafernália. Segundo Alves (2016) o cachimbo não passa obrigatoriamente de mão em mão, mas há compartilhamento ocasional. Geralmente, cada usuário dispõe de cachimbo próprio e este é constantemente aferido, arrumado, consertado, rearranjado e mesmo refeito.

Em Pernambuco, no entanto, apesar do conhecimento de estar vivendo uma situação de risco para a infecção de doenças, os usuários relatam que diante da fissura, a prática de compartilhar o cachimbo é constante. Nos relatos, o cachimbo, em alguns momentos, pode servir de moeda de troca para conseguir uma pedra de crack. No momento do consumo, da compulsão, não existe a preocupação com os riscos decorrentes desse compartilhamento.

Olhe, particularmente eu não gostava de compartilhar meu cachimbo, mas eis a questão: quando a gente tá lá afim de fumar e não tinha, chegava um e dizia “olha, tem um cachimbo aí?” Aí não tem esse que não compartilhe. Mesmo com a boca cortada, porque o pessoal num olha. A fissura é tão grande, a vontade de usar o crack é tão grande que você tá com ele ali na mão, o intestino da gente começa a dar um retrocesso assim, desculpa a palavra, quer cagar, as vezes nem é mas às vezes sim, devido ao retrocesso que causa na gente. A gente fica agoniado, aquela agonia pra pode usar que a gente num olhar isso. A gente num olha se tá melado de sangue, se fulano tá com a boca cortada, a gente só olha pro cachimbo, pra cinza e pra pedra, o isqueiro.

ÁGATA_MAS_34

Geralmente na hora do uso, às vezes só tem um. O pessoal quer usar ali no cachimbo, aí usa todo mundo junto. Não pensa no que vai acontecer. Geralmente quando você tá com a pedra de crack na mão, você não pensa muito no que vai acontecer, você quer acender ela, e derreter somente.

ÁGUA-MARINHA_MAS_30

Pode. Porque na hora num tem esse negócio de quem tem doença, só quer saber de usar, mas só isso mesmo, só quer saber de usar, num quer saber se tem doença, na hora a pessoa num pensa.

PEDRA DA LUA_MAS_27

Apesar desse compartilhamento, inconsequente, descrito por vários usuários no momento do consumo compulsivo do crack, alguns entrevistados ainda referem cuidado para não se infectarem com algumas doenças como a tuberculose. Para todos os participantes os riscos diante dessa forma de uso compartilhada é conhecido, mas nem todos conseguem cuidar de sua saúde no momento da fissura.

Não, só se for com a minha comparsa, com as minha comparsa, mas com macho, com qualquer racha eu num divido não. Porque mulher, esse povo, a maioria do povo que fuma crack tem um tosse tosse, tem tuberculose, eu vou saber qual é a de mesmo, cada tem que ter seu cachimbo.

DIAMANTE_TRA_23

Dou não, eu piso, jogo fora, mas o meu cachimbo eu num dou não. Porque já teve tempo, de eu usar tanto que meu lábio ressecar e sangrar. E se aconteceu comigo, acontece com outra pessoa, e naquele sangramento você pode passar um vírus pra outra pessoa, uma doença, alguma coisa, mesmo eu num tendo, mas aquela outra pessoa pode ter, que você tá na rua, você sabe quem fuma crack, mas num sabe o que é que ele tem ou o que ela tem, tá entendendo? Aí por isso que eu não compartilho meu cachimbo com ninguém não

JADE_MAS_26

Quem usa cachimbo como eu, não deixar o cachimbo passar na mão de todo mundo, pela boca de todo mundo, eu não vou mentir, meu cachimbo ainda passa na boca de duas pessoas, que sou eu e mais uma pessoa que tá comigo aqui, não relacionamento, amiga, mais minhas amigas e pronto, e olhe lá.

LODOLITA_TRA_20

Chama atenção que para alguns entrevistados estar com um cachimbo significa correr outro tipo de risco, a violência da polícia. Para esses participantes é melhor conseguir um cachimbo ou uma lata na hora do consumo, a ter que justificar a presença dessa parafernália no momento de uma revista.

Ribeiro, Sanchez e Nappo (2010) também identificaram em seus estudos episódios de violência decorrentes de conflitos entre usuários e policiais, intensificados quando o usuário tenta negar o uso do *crack*. Quando este fato acontece e um cachimbo é identificado nos pertences desse usuário, a situação de violência aumenta levando a uma abordagem violenta e, muitas vezes, com características de espancamento.

O cachimbo não é só meu, até porque se a polícia pega nós com o cachimbo, dá um pau danado viu, é um BO da porra, por isso que ninguém quer ter o seu.

AMETISTA_TRA_36

Com certeza. Por isso que de vez em quando eu faço uns examezinho de tuberculose, porque se eu pegar. Porque às vezes você deixa, eu num vou andar com uma lata dentro da bolsa, eu num sei andar com esses negócio na mão, aí você usa, deixa num cantinho entocadinho, mas sempre tem um que acha, aí vai acha, aí já usa, aí eu num vou andar com uma lata dentro da bolsa, porque se eu levar um baculejo da polícia e achar uma lata dentro da bolsa, é certo que eu vou levar um cassete, que a polícia quando pega, num alivia não, é pau.

OPALA_FEM_29

Percebe-se que, na rotina de consumo dos entrevistados, o uso compulsivo, seja na lata ou no cachimbo, bem como o compartilhamento da parafernália utilizada para o uso acaba por expor, ainda mais, essas pessoas. Os comportamentos de risco diante da compulsão sugerem uma falta de cuidado à saúde.

4.3.3 Tá virando, “Virado” virou

Dentre as formas de consumo do crack identificadas, o virado foi um dos achados importantes nessa pesquisa. Um grande diferencial na cultura de uso do Estado. Alguns estudos já publicados apontaram essa forma de uso como característico de Pernambuco (Nappo, Sanchez, Rameh-de-Albuquerque et al, 2012; Santos, 2013 e Santos, Almeida e Brito, 2016), não sendo registrado, ainda, em nenhum outro lugar do Brasil ou exterior. Nappo, Sanchez, Rameh-de-Albuquerque et al (2012) apontaram a necessidade de compreender esta forma de utilização do crack para: identificar melhor este padrão de consumo, tentar observar essa forma de uso em outras regiões do país e, acima de tudo, as consequências advindas desse uso.

Num estudo epidemiológico do tipo corte-transversal, com base em amostra representativa dos usuários de crack atendidos pelo Programa ATITUDE, no Estado de Pernambuco, dos 1062 usuários entrevistados, 54,3% referiram o uso do virado (Santos, Almeida e Brito, 2016). Esses dados corroboram com Nappo, Sanchez, Rameh-de-Albuquerque et al (2012) que referiram um aumento significativo desta forma de uso em Pernambuco desde a sua identificação.

4.4.3.1 Compreendendo o virado

Os referidos estudos já apontavam a transformação das pedras de crack num pó fino a partir da mistura com o ácido bórico. A partir do aquecimento da pedra de crack já macerada, junto ao ácido bórico obtém-se o borato de cocaína, composto solúvel para a absorção pela mucosa nasal. Algumas narrativas descrevem com detalhes o processo de fabricação do virado.

O virado, você pega o ácido bórico, que vende na farmácia, aquele potinho. Aí você pega a pedra de crack, derrete num prato ou numa colher. Você quebra a pedra do crack e mistura com o ácido bórico, fica aquele pozinho, depois você tem que derreter ele, com isqueiro ou com uma vela, embaixo do prato ou embaixo da colher. Aquele crack ali, o ácido bórico vai sumir,

vai ficar só o prato transparente normal. Aí pega a gilete e raspa quando ele secar. Vai sair aquele pozinho branco. Quando sair aquele pozinho branco ali, é só é coisar ele mais, pra ficar bem fininho, tipo sal, e ali você só é usar.

JADE_MAS_26

O virado que eu faço é a pedra, bota a pedra em cima do prato, amassa ela todinha com ácido bórico. Mistura com ácido bórico, bota um isqueiro embaixo do prato pra derreter o crack, pegar uma gilete, soca ela todinha e vai virar um pó. Aí cheira.

LÁPIS-LAZÚLI_TRA_24

Eu pego ele, derreto, amasso direito, boto o bórico, boto um pinguinho de água, dois pinguinho de água, esquento, quando derreter eu pego a colher, mexo, mexo bem muito, bem muito mesmo. Aí quando vê tá só o pó grudado, aí deixo secando, pego a gilete e raspo.

HEMATITE_MAS_24

Percebe-se algumas variações na fabricação do virado. Em algumas narrativas os entrevistados referem a maceração também de comprimidos, ou mesmo a adição de xilocaína. De forma empírica, justificam que os comprimidos ajudam a diminuir a coriza acometida pela aspiração de substâncias tóxicas que danificam a mucosa nasal causando corrimento e/ou, muitas vezes, sangramento nasal.

Identifica-se também a utilização de alguma bebida alcoólica no lugar da água, na verdade o entrevistado chega a explicar que “o líquido que tiver” é adicionado no processo de fabricação do virado. Nesse contexto, até o uso de água de côco é possível no momento da fabricação do virado.

Oxe, machuca a pedra, pega bórico, vê quanto é a quantidade de crack, qual é a quantidade de bórico que vai botar. Pouco bórico mais crack. Pinga, se você quiser botar misturado com comprimido pode misturar também. Se num quiser, molha na cerveja, dá uns pingo assim, esquento o isqueiro no prato, aí

derrete. Aí é só passar a colher e ele vai esfriando, esfriando, aí fica naquele pó, depois é só raspar com a gilete, amassar bem amassadinho, deixar bem fininho, e já tá pronto pro consumo.

TANZANITA_FEM_28

O virado, você pega o crack, amassa, bota um pouquinho de ácido bórico. Lá em casa eu ainda tinha xilocaína. Botava um pingo de xilocaína, às vezes botava um pingo de água, e esquentava no prato, derretia. Lá em casa maioria dos pratos, oxe, era tudo queimado em baixo.

TURMALINA_MAS_31

Ácido bórico, crack, alguns comprimidos, amassa e bota no micro-ondas. Aí raspo, depois daquela espuma secar, raspo, preparo ela e embalo. Eu faço assim.

LODOLITA_TRA_20

Pego prato com a colher, amasso o crack, boto uma colherzinha de chá de ácido bórico, boto dois pinguinho de água, ou pode ser dois pinguinho de cerveja, dois pinguinho de whisky, dois pinguinho de água de côco. É o líquido que tiver. Você dá dois pinguinho. Dá um esquite no fogo ou com isqueiro. Quando ferver vai ficar uma água. Você pega aquela água, dá um banho no prato, vira, espera esfriar, depois só é peneirar com a colher, aí depois você vem raspando com a gilete. Deixa bem fininho. Aí após você pega o multigrip parte uma banda pra não dá corise e mistura. Aí tá pronto o pó virado.

GRANADA_MAS_27

Você pega o crack, pega um prato de vidro, bota duas pedrinha de crack que dá equivalente a três tampinha, vamo lá dizer, de três a quatro tampinha de pasta [de dente]. Tem uma que encaixa na boca da pasta, tem que fazer medida por ali, porque eu queria cheirar o pó, num queria cheirar ácido bórico. Você botando uma quantidade mais forte de bórico, ofende sua narina. Sangra, corroe, aconteceu muito isso, mas depois eu fui, desculpa eu dizer, mas eu vim aprimorando, me aperfeiçoando. Aí pronto, eu boto duas pedra de crack, três tampinha de ácido bórico, aí misturo a pedra, depois pego uma gilete, uma colher,

machuco e tal, amasso, corto, tiro a colher, pego a gilete corto, o crack com pó e ácido bórico, e pego o isqueiro ou a vela ou candeeiro, esquenta até esperar diluir, derreter tudinho, isso é um preparo, que tem que esperar secar e tal. Tem gente que assopra, tem gente que bota em ventilador, tem gente que bota em água quente e em água gelada, pra dar choque térmico, mas só que tem que ter o prato apropriado, o prato duralex. Aí pronto, você pega, depois que esfria você passa a colher, passando a colher, passando a colher, esfriou, aí você vem com a gilete raspa. Aí chega um certo ponto que tá grosso, aí você pega tira o restante que colou na colher, aí vai machucando até chegar num preparo que você acha que já tá bem pra você consumir o pó. Tem gente que bota benegripe também pra o pó ficar mais fino, mais refinado.

ANDALUZITA_MAS_36

Várias são as formas para se chegar ao virado. Além das substâncias utilizadas, alguns participantes do estudo descrevem, no processo de aquecimento para a transformação do virado, a utilização de isqueiro, de fogo no fogão ou mesmo candeeiro e, outros, o uso do micro-ondas para chegar ao pó virado.

Também se identifica em algumas narrativas a sugestão de utilização de pratos específicos, tipo “duralex” e de formas variadas para acelerar o processo de secagem da mistura e chegar ao virado de forma mais rápida. Alguns utilizam ventilador, outros sopram e ainda identificamos o processo de choque térmico nesse momento da fabricação.

No decorrer das entrevistas, tivemos a possibilidade de tentar compreender bem esse contexto de uso e, acima de tudo, qual seria a diferença entre o crack e o virado. Quando as pessoas faziam a opção pelo crack ou pelo virado? Seria mesmo o virado uma estratégia de proteção diante da compulsividade, característica do consumo do crack? Enfim nessa subcategoria, tentamos diferenciar alguns aspectos do crack e do virado para compreender melhor não só o contexto de uso, como também as especificidades de cada forma de usar essa substância.

Não tem o sabor que você sente na hora que você fuma a pedra, e cheira a pedra você não vai sentir o sabor, você vai sentir um ardor no nariz. Ela não vai lhe saciar, aquela sensação de

saciedade quando você fuma uma pedra. Ela vai lhe manter acordado, enérgico demais, mas não noiado que nem a gente fica... A sensação de você cheirar o virado é você se sentir mais enérgico, mais potente, mais corajoso... Com o crack, você se sente com medo, acuado. Você não sai do canto. Você não quer que ninguém fique lhe olhando. Você sente vergonha porque você é noiada. Quando a turma passa, olha, vê você realmente noiado. Você fica descontrolado. Essas são as diferenças.

LODOLITA_TRA_20

O virado deixa você mais aceso. Você não consegue dormir. Você cheira, toma a cerveja, amanhece o dia. Já passei três dias e três noites cheirando virado. O virado, eu acho, menos prejudica, acho que é menos. A paranoia é menos que você fumar. O virado você tá ligado, você conversa. O crack não. Você fuma num quer conversar com ninguém, fica mudo, fica amedrontado. O virado não, você fica ligado, cheira, conversa, brinca, mas o crack não faz esse efeito não.

GRANADA_MAS_27

O virado você num usa todo dia, você não sai pra roubar, você usa mais final de semana. Se o povo sair, for pra um brega, pra um pagode, vou levar um pó, vou cheirar e ali você cheira e no outro dia tá normal. Num quer mais usar. Você usa hoje, amanhã já não quer mais usar. O crack não, quanto mais você tem dinheiro pra gastar, você passa dois, quatro dias sem dormir.

ESMERALDA_MAS_21

A diferença do pó pro crack, pra mim, é que o pó você consegue beber, você consegue fazer amor, você consegue ter relações, você fica mais elétrico. Já o crack não. O crack tira tesão, causa impotência sexual. Você num faz sexo com prazer. Se você for fazer você faz por dinheiro, até pra consumir a droga como eu já fiz muito, mas o prazer num dá não.

OURO_FEM_32

As narrativas acima mostram porque o uso do virado acontece em ambientes de festas e curtidão. Quando comparam com o crack, os entrevistados referem que o virado deixa a pessoa “acesa”, “enérgica”, não sentindo a paranoia do crack. O uso do virado

é mais sociável, os usuários não buscam o isolamento pelos efeitos negativos como acontece no uso do crack. A última narrativa chama a atenção do uso social que o virado assume na rotina dessas pessoas. O consumo é bem contextualizado. A compulsividade do crack não é identificada no uso do virado.

A diferença é que a fumaça inalada, ela bate na hora. O impacto dele é de você ficar na hora paralisado, você paralisa, você fica na lombra de cinco segundos, depois daqueles cinco segundos você fica só um pouco assustado e um pouco nervoso. Já ele virado ainda demora um pouco pra bater, que daqui que ele se dilua dentro da gente que chegue na mente, que chegue naquela celulazinha que pegue mais demora mais um pouco... Em algumas pessoas pode causar sangramento no nariz, devido a pessoa não ser acostumado. No meu caso a primeira vez que eu cheirei o virado, quando eu dei o primeiro cheiro, aí causou sangramento no meu nariz.

ÁGATA_MAS_34

Nesta narrativa o entrevistado diferencia bem a sensação do crack e do virado. Essa diferenciação descrita acontece pela forma de ingestão do mesmo princípio ativo da cocaína. As drogas fumadas têm um efeito mais efêmero, rápido. As drogas inaladas demoram mais, tanto o início do efeito quanto a duração no organismo. Segundo Nappo (1996) as drogas, quando fumadas, a absorção do gás se dá no pulmão, órgão com uma grande área de absorção. Rapidamente alcança o sistema nervoso central, tendo em vista o caminho mais curto, promovido por essa via. Quando a droga é inalada, como o virado, a absorção se dá pela mucosa nasal. Esta é mais lenta, demora mais tempo para alcançar o sistema nervoso central e nesse trajeto sofre ação de enzimas que a destroem fazendo com que só uma pequena parte do que foi inalado chegue ao cérebro.

Ainda foi possível perceber o incômodo do sangramento nasal, muito observado no uso do virado. Esse sangramento, inclusive, aponta para um maior risco de contaminação de doenças infecciosas. O canudo utilizado para o uso do virado, normalmente é compartilhado. Essa prática coloca em maior risco as pessoas que fazem uso.

4.4.3.2 O virado nas festas

Quando começamos a estudar o virado em Recife, chegamos a indagar se essa forma de uso não poderia ser uma estratégia para reduzir a compulsão pelo crack. Para poucos usuários essa possibilidade já aconteceu, mas percebemos que o contexto de uso do virado é bem diferente do crack. O momento de curtidão, festas, boates faz com que muitos façam a opção pelo virado.

É importante destacar que nas próximas narrativas, sempre que os entrevistados se referirem ao pó, estão se referindo ao virado e não ao pó de cocaína.

Era que tinha mais nas festinhas deles, dos traficante, que eles fazia as festinha na sexta, no sábado, e como eles não fumava pedra, ele já cheirava né, cheirava pra beber. Aí eu ia pra casa deles. Como tinha bebida, festa, eu pegava e cheirava juntos com eles.

CRISTAL_MAS_22

Era um tipo de curtidão final de semana: pó, festa. Eu usava porque tem muita gente que usa o pó mais final de semana pra beber. Acho que gente nenhuma se avicia com pó, agora entrou pra o crack meu véio.

ESMERALDA_MAS_21

Em Recife rola muito isso, na boate. Eu compro já pronto. Boa do juízo, assim como eu tô agora, vinte dias sem usar, aí eu vou em Recife tenho minhas amigas fina, vamos pra boate, elas só usa virado, aí eu me controlo ali dentro da balada. Cheira, toma uma cervejinha, mas já ligada que eu tenho que fazer um corre pra dar um tiro lá fora. Aí dou um perdido nas menina e termino batendo na boca. O crack é mais gostoso, o tiro. Já fiz algumas vezes pra cliente em motel, pra cliente que só cheira, que num quer pedra. Eu vou, viro, digo que é pó, que faz parte essa artimanha né, e digo: tá aqui o seu pó e aqui umas pedrinha pra mim.

AMETISTA_TRA_36

Nessa última narrativa percebe-se bem esse contexto de uso. *Ametista* refere o uso na boate, com cerveja e com amigas, mas depois já tem claro a necessidade do uso

do crack, sozinha e fora da balada. Também é importante destacar a narrativa de *Cristal* quando refere que os traficantes não fumam a pedra, mas nas festas a bebida e o virado fazem parte do cenário.

4.4.3.3 A dependência do virado

Chama atenção que alguns usuários não trazem questões positivas no uso do virado. Também acreditam que tanto o crack como o virado deixam a pessoa “noiada”, dependente. Descrevem um contexto de uso diferente da grande maioria. A compulsividade no uso do virado é tão presente quanto no crack. Para esses usuários, inclusive, o virado não é uma droga prazerosa. Usam por falta de opção, não referem sentir prazer no uso do virado.

Você acha que você não é o noiado, mas até os noiado que fuma, diz: “tu é noiado também, pô, porque tu cheira virado, então tu tá cheirando crack”. Então realmente não vai deixar de ser noiado... É a mesma coisa, se você cheirar o virado, você vai ter que cheirar mais, cheirar mais, num vai parar não, só para quando não tem mais.

TURMALINA_MAS_31

Eu já cheirei muito, mas minha estiga num é muito no virado não. O virado é quase a mesma coisa véi. Estiga de querer mais, doido... Tem uns pirraia lá onde eu moro, onde minha irmã mora, tudo traficante. A senhora sabe como é o sistema: quem fuma num pode vender, porque o cara desanda. Se desandar, balão pro cara. Mas a maioria dos pirraia de onde eu moro hoje em dia, vende e tal, mas tudinho cheira virado e fica noiado que nem nós, querendo mais, desandado e tal. Pra mim, a mesma noia véi... O cara tá cheirando, ardendo o nariz, fere o cara todinho. Num viajo não. Dá esse negócio amargoso, porque eu acho que prejudica mais o cara. Sei lá, com ácido bórico, um negócio meio... agora assim, se tiver na doideira e pá, eu cheiro.

ONIX_MAS_27

Às vezes eu vou fumar. Às vezes também pegava uma pedra de crack pra virar. Aí eu disse: “rapaz, vou dá um tiro”. Aí fumava uma, duas, três. Não, vou fazer o virado. Aí fazia o virado. Comprava uma cervejinha, pronto, aí já reduzia, já não queria saber mais de fumar, só cheirar. O cara que cheira é a mesma coisa de ele tá fumando crack, porque quanto mais você cheira mais você quer. Passa dias e dias, noites e noites cheirando, quanto mais você usa o crack, você quer também. É isso.

GRANADA_MAS_27

Depois de um tempo a pessoa fica dependente dele também. Quando eu tô com dinheiro mesmo, peço pra alguém virar, eu fico fumando, às vezes eu fico mais cheirando. Começo a cheirar, meu nariz começa a sangrar, paro de cheirar e começo a usar crack.

HEMATITE_MAS_24

Não reconhecer a possibilidade de existir outras formas de consumo do crack é negar todo o processo social e cultural envolvido nas questões do consumo de drogas. As adequações dos usuários são estratégias construídas a partir das trocas sociais que ocorrem no momento do uso. As formas de uso não surgem de maneira isolada, nem independente dos efeitos da substância utilizada, nem tampouco das construções coletivas, fruto da dinâmica social estabelecida entre o grupo, o que pode viabilizar formas de uso menos danosas. (Jorge, Quinderé, Yasui et al, 2013)

4.4. Ambiente de uso do crack: onde brilham as pedras preciosas

Os entrevistados descreveram os espaços utilizados para o consumo do crack, situações de risco e violência vividos nesses ambientes, bem como algumas estratégias de proteção utilizadas para conviver nesses lugares. Fernandes e Ramos (2010) descreveram que um território psicotrópico é um local no qual a vida gira em torno da venda e uso de drogas ilícitas, estando espacial e socialmente à margem da cidade normatizada. É um local reconhecido pela função que desempenha, sendo, portanto sedutor aos indivíduos com interesses em torno das drogas; apresenta regras

informais reguladoras de estilos de vida e comportamentos de defesa frente a estranhos. Uma das características dos territórios psicotrópicos é a sua grande mobilidade. “Constituem-se quando e onde e reúnem uma série de condições ecossociais específicas e deslocam-se quando estas são alteradas” (Fernandes e Ramos, 2010, p.17)

Raupp e Adorno (2011) identificaram a “Cracolândia”, como um “território psicotrópico”, também identificado por Fernandes e Pinto (2004) onde complexas relações sociais são estabelecidas no seu entorno. Essas relações podem materializar-se em práticas de oposição aberta aos usuários, porém, podem também chamar para a necessidade de adaptação da comunidade.

Para Jorge, Quinderé, Yasui et al (2013) o uso de crack tem sido identificado em diversos espaços, não se verificando um específico e comum para que ele ocorra. O consumo pode acontecer em espaços públicos, porém escondidos, como terrenos baldios, mas também dentro da casa do próprio usuário. Porém, é importante destacar que nas cenas de uso a pessoa que consome o crack o realiza de forma compulsiva, sem se ausentar do local para realizar as demais atividades da sua vida.

No nosso estudo, essas cracolândias não foram identificadas. Os entrevistados apontaram para espaços públicos abandonados e insalubres, com pouca movimentação e muita violência. Pequenas cenas de uso são nossos territórios psicotrópicos com todas as suas características e riscos advindos do uso abusivo do crack.

4.4.1 Ambientes privados: aqui ninguém me vê

Vários são os ambientes de uso descritos pelos entrevistados nesse estudo. Terrenos baldios, casas abandonadas, motel, espaços oferecidos pelo traficante, entre outros, são referenciados nas narrativas. Qualquer espaço é adequado desde que seja escondido, discreto e que não chame atenção. Percebe-se a descrição de situações conflitantes entre os usuários e riscos eminentes de morte ou prisão.

Nesse cenário, Ribeiro, Sanchez e Nappo (2010) descreveram que alguns locais identificados como protegidos para o consumo foram percebidos como estratégias

para diminuir riscos de violência. O uso do crack em casa, própria ou de colegas, foi a opção mais destacada, além de hotéis também percebidos como espaços habituais.

O ambiente de consumo é terreno baldio, casa abandonada, motel, tá entendendo? Tem lugar, assim que é tranquilo. Tem lugar que não é, tem lugar que você tá fumando ali, mas você sabe que tá correndo risco de uma polícia chegar, de alguém chegar. Mas o crack também domina você. Você não quer saber de nada, você quer saber de usar ele, no momento.

ESMERALDA_MAS_21

Casas abandonadas, debaixo de viaduto. Porque é o melhor local, que a gente sabe que não tem muita gente, que a gente tá isolado, ninguém vai tá vendo né? Eu penso assim né. Gosto de fumar em motel também, eu fico na viagem pensando que os homens vai chegar dentro do quarto, fazer uma loucura.

LÁPIS-LAZÚLI_TRA_24

Mais em residência bicho. Pra você fazer o consumo do crack você tem que tá no lugar, num ambiente tranquilo, que não venha a interferir na sua lombrá. Porque você fumando, você vendo coisas, no crack você vê coisa bicho, cada um tem a sua reação, cada um tem a sua nóia, cada um tem o seu baratinho, cada um tem a sua lombrá. A gente vê, tem gente andando na casa, tem gente vê bichinho, bichinho assim: tem gente que vem me matar, tem gente que vem aí. A minha nóia não, é eu fica parado, e ficar observando os olho e o andar das pessoa.

ANDALUZITA_MAS_36

Onde eu traficava né. Espaços fechados. Dentro da boca. Todos os usuários que tem lá, a maioria, tudo vende e os viciados que vem comprar num fica perto da gente não. Só os que vende, que fumava junto, que era a gente, aí eu olhava ali e pá, já tava acostumado já, se eu fosse pra outro lugar, eu podia tá com o maior crack no bolso que eu não usava. Quando chegava os viciado perto de mim eu saia logo que eu num misturava as coisas não, que num pode misturar, traficante com viciado, que isso é errado lá, que é cobrado. Pra poder usar, se juntava eu e mais dois que vendia, a gente fumava, depois se juntava também pra tomar uma.

AVENTURINA_MAS_27

Se eu fumasse dentro de um hotel eu me sentia tranquilo, que aí eu tava dentro de um quarto fechado e tal. Aí eu me sentia tranquilo, mas muitas vezes, como eu já fumei na rua mesmo, em locais escondidos, nunca se é tranquilo, porque nunca se tá seguro, digamos assim. Polícia chegar, outros usuários chegar e querer tomar, querer brigar pra ter.

BRILHANTE_MAS_36

4.4.2 Ambientes insalubres: eu não gostaria de estar aqui

Chama atenção o próximo relato. O ambiente de consumo transparece um espaço sujo e insalubre. Porém, a necessidade do uso de crack faz com que os usuários se sujeitem estar em qualquer lugar. Percebe-se a pouca seletividade de estar em determinados ambientes. O importante é não ser visto, poder usar o crack sem tantos olhares, uma verdadeira camuflagem.

Olhe, cheio de bosta, mijo, cheio de lata, de palito, camisinha, com todo respeito, esperma, as camisinha com esperma amarrado, bosta é o que mais tem. Eu vou dizer a você, eu... um dia desse mesmo eu me sentei no meio de um bocado e bosta, naquelas bosta dura, umas mole, eu botei aqueles papelão em cima pra cobrir e usei, uma catinga imensa. Depois que a pessoa dá o primeiro tiro, a pessoa num sente a cantiga de nada, acha cheiroso, pra você ver.

PÉROLA_TRA_21

Para Jorge, Quinderé, Yasui et al (2013) o uso de crack estava restrito às populações menos favorecidas financeiramente e acontecia, na maioria das vezes, em locais sujos. Porém, foi observado por esses autores que o consumo estava inserido em todas as classes sociais, e não apenas em grupos com situação de vulnerabilidade. No entanto, se considerarmos os danos sociais e de saúde, as consequências nocivas do uso de crack acabam atingindo de forma mais intensa os grupos que apresentam um perfil de maior vulnerabilidade. Em nosso estudo, mais da metade dos nossos

entrevistados estavam em situação de grande vulnerabilidade, o que termina por influenciar o consumo em lugares sujos e insalubres conforme o relato acima.

4.4.3 Ambientes conflituosos: a confusão está por aqui

Além da descrição dos espaços físicos dos ambientes de consumo do crack, os entrevistados destacaram a permanente sensação de insegurança. Situações de violência são relatadas como rotina nas cenas de uso, onde brigas e assassinatos são revelados de forma natural e frequente. Para os usuários, qualquer situação ou ação é possível para conseguir uma pedra de crack. A falta de confiança entre os colegas de uso é perceptível e, talvez, essa seja a maior justificativa para vários entrevistados relatarem a preferência de uso solitário do crack.

Ribeiro, Sanchez e Nappo (2010) também identificaram como estratégia de proteção frente à violência decorrente dos desentendimentos entre os membros do grupo, provocados pela fissura e paranoia, utilizar a droga sozinho, sem companhia.

Tem muita briga, confusão. Agora é um querendo matar o outro por causa do crack, se você é viciado e eu sou também, se você tiver sem nada e eu tiver com muita, se eu não lhe der aquela pessoa tá na intenção de fazer uma facada ou qualquer coisa pra tomar sua droga.

TURQUESA_MAS_24

Tem muita briga, tem muita malícia, no sentido de outras pessoas até lhe matar pra tomar aquilo ali seu, porque o vício é assim. Ele gera, ambição, né. Mistura tudo. Uma mistura de ambição, mentira, é... malícia. Tudo misturado, porque se você tiver ali com cinco pedra e o viciado, usuário, que tiver do seu lado num tiver nenhuma, ele vai te pedir um pedaço de todo jeito e se você der um não ele vai ficar com maldade: oia. Vai vim mais outros e vai dizer: vamo matar pra tomar. Como eu já sofri algumas agressões aqui.

ZIRCÔNIA_MAS_46

Oxe, é sinistro demais, o clima é pesado. Olhe, no ambiente que o cara usa meu irmão, tudo que num presta rola. É um clima pesado, rola homicídio, rola tudo sabe? Eu num gosto muito de fumar em rua não, eu faço meus corre pra fumar muito tarde doido, tá ligado, sozinho. [...] Eu só uso em pensão, tal, eu num dou valor usar na rua não. Se eu usar na rua eu vejo bicho, sabe, vejo coisas, escuto vozes, pá, que depois que eu levei esses tiros, quase que eu endoido. Eu via coisa, sabe, via mesmo assim, mas não era nada, ai já saía correndo, e tal, sabe, aí hoje em dia eu só uso só, aí eu fico na minha sozinho, privado doido, tá ligado, porque se tiver alguém perto de mim, é capaz de acontecer alguma coisa, comigo, com ele e tal, aí eu prefiro ficar mais privado.

ONIX_MAS_27

Para Ribeiro, Sanchez e Nappo (2010) durante o uso, existe o aumento da agressividade motivada pelo medo de ser roubado e de se ver sem a droga. Quando a quantidade da droga começa a diminuir na cena de uso, os conflitos aumentam e a discussão gira em torno de alguém que usou mais ou em quem poderá conseguir mais dinheiro e/ou droga. Justificam que a fissura é responsável pelo aumento dessa agressividade, junto com sintomas paranoides que se caracterizam por ideias e delírios persecutórios.

Estar nesses ambientes significa lidar com essas situações de conflitos e criar estratégias para sobrevivência diante de tanta violência. Para alguns usuários estar só significa a principal proteção diante desses ambientes.

4.4.4 Ambientes comerciais: a prostituição como principal fonte de renda

A presença de cenas de prostituição nos espaços de consumo de crack também foi relatada entre os entrevistados. Existe uma proporção expressiva de mulheres que relataram engajamento em trabalho sexual ou troca de sexo por dinheiro (55%), enquanto os homens (14%) aparece em menor percentual (Bastos e Bertoni 2014). Outros estudos realizados por Marangoni e Oliveira (2012), Medeiros (2014) e Nappo, Sanchez, Oliveira et al. (2004), também apontam para uma prevalência de mulheres adultas jovens, em idade economicamente ativa, baixa escolaridade, fora do mercado

formal de trabalho e com vivências em trabalho sexual ou troca de sexo por dinheiro para o consumo do crack.

Arriscado, assim, porque tem muita gente usando. Gente que se estranha, às vezes. É ponto de prostituição, também. As pessoas vão, tanto lugar dentro do mato, e a sensação quando você dá o pega é de medo, que tem alguém ali. Você vê alguma planta se mexendo, tem gente que reage assim. Porque cada pessoa reage de uma maneira. [...] Fica turbulento, no momento. Porque é mais ou menos assim, eu quando eu dou um pega, eu fico com a sensação que tem alguém atrás de mim, se eu vê o mato se mexendo, se eu tiver num lugar que eu não conheço, fico com medo, vendo se tem alguém ali. Se vai chegar alguém ali, o mato se mexendo. Aí quem usa e fica tranquilo, não gosta dessa minha reação, aí daí surge uma turbulência.

QUARTZO_FEM_25

Geralmente, o lugar que a maioria das pessoas que usam crack é na rua, é uma rua só que fica doze, quinze noiado, vinte, tudo junto. Fica cinco ali na esquina, no começo da esquina, fica mais seis no meio da esquina, fica dois no final. É assim, e a gente fica lá e é mais menina, porque lá é um ponto de prostituição de meninas. Aí chega alguns homens que quer sair com a gente, uns usam, outros não. [...] Entre a gente não tem muita confusão, entre as mulheres, mas tem muito noiado que chega lá pra fumar, que começa arrumar briga. [...] A gente tem horário na madrugada que tá todo mundo lá. Tem crack mas não tem dinheiro. Quando uma pessoa chega com crack parece que vai todos em cima, parece um bando de urubu. Vai sete, oito pra cima pra querer fumar um pouco daquela pedra daquela pessoa. Realmente não dá pra todo mundo, a pedra daqui é muito pequena, no máximo dá pra duas pessoas, estourando três. Aí fica aquela frustração: não, eu quero pegar, só quero dá o segundo tiro, deixa pra mim, num sei o que. Não dá, aí ali é que começa a confusão, aí vem um dá a tapa na mão, dá a tapa na lata, aí começa a briga.

LODOLITA_TRA_20

Esses espaços são descritos, principalmente por mulheres e travestis que aproveitam esses espaços para conseguir dinheiro para comprar ou conseguir a pedra de crack. Os relatos de conflitos são constantes nas falas e a sensação de insegurança e medo

está sempre presente. Qualquer lugar é espaço para o ato sexual. Ao ar livre, em matos ou cantos escondidos. O que importa, no momento é o objetivo final – conseguir o crack.

4.4.5 Ambientes oferecidos pelo tráfico: as “crack houses”

Alguns espaços são oferecidos pelo próprio tráfico. Nas relações entre compra e venda, ter a possibilidade de consumir o crack no próprio local onde consegue a droga é um privilégio. Além da facilidade, os usuários consideram esses lugares mais seguros, tanto da polícia, quanto de outros usuários e da população de uma forma geral. Esse uso acontece em casas privadas onde a entrada precisa de autorização. Alguns usuários precisam pagar mais para ter acesso a esses lugares.

No Canadá e nos Estados Unidos esses espaços são chamados de “*crack houses*” – espaços estabelecidos para consumo de crack com características singulares, normas sociais e regras bem estabelecidas, onde usuários se reúnem para fumar, socializar e se envolver em relações sexuais (Inciardi, 1993; Roy e Arruda, 2015)

Para Roy e Arruda (2015) em Hochelaga-Maisonneuve, no Canadá, as *Crack Houses* também são chamadas de *piaule* (pjol), que significa "pequeno apartamento" em francês. Mesmo os participantes do estudo que falavam a língua inglesa empregavam este termo para uso específico de drogas. Para esses autores um lugar se qualifica como um *piaule* quando atende aos seguintes critérios: ser um local onde o crack é vendido; o crack pode ser fumado nas instalações; e pode-se obter serviços sexuais e, portanto, há quartos reservados para este fim.

Nas calçadas, né, tem boqueiro que deixa a gente fumar na boca, se você é uma boa cliente eles arrumam um lugar que seja segurinho. Aí chega um, chega dois, chega três, até vinte usuários dentro de uma casa. Aí com isso, a gente faz uso de cachimbo compartilhado, que num vai ter vinte cachimbos, tem cinco/seis e vai rodando. Junta aquela quantidade de bôrra, que é a quantidade de fumaça que vai ficando no cachimbo, depois rapa, dá um tiro delicioso minha filha! Que a droga tá toda ali, acumulada, né? O resíduo da droga. Sempre tem muita briga.

Por conta de droga, de um usuário com outro, viagem errada de um com outro. Porque fica aquela situação de pânico, um com medo do outro, não é seguro. Porque cada um tem uma mania diferente. Tem usuário que fuma e fica catando no chão o que não perdeu, o que não botou. Tem usuário que fuma, que fica esperando alguém que ele num mandou vim, nem telefonou, nem tá esperando ninguém, e fica só na porta, só na porta. E tem usuário que vem que fica excitado, metendo o pau em muita gente, que quer foder, fala de safadeza, tem mulher assim também, tem mulher que fica se desenhando, que tá com calor, que tira a blusa, acontece.

AMETISTA_TRA_36

O fator financeiro também é importante para compreender e definir os locais de uso. Usuários com melhor poder aquisitivo fazem uso em locais mais protegidos, evitando o contato com ambientes sujos e inóspitos. (Ribeiro, Nappo, Sanchez, 2012) A preferência por um uso mais isolado, dentro da própria casa, é relatada pelos usuários como uma forma de evitar o risco de agressões, violência e pelo estigma que sofrem. (Jorge, Quinderé, Yasui et al, 2013)

Percebe-se, na rotina desses ambientes de uso de crack descritos nesse estudo, uma grande necessidade de se proteger de situações adversas decorrentes do consumo dessa droga. Violência, assassinatos, ameaças, roubo, prostituição, tudo pode acontecer numa cena de uso de crack. Estratégias de proteção precisam ser desenvolvidas para que a vida desses consumidores seja preservada. Alguns entrevistados descreveram algumas regras que precisam ser cumpridas para evitar brigas e discussões. Na próxima subcategoria, essas regras serão melhor descritas.

Dentro desses ambientes de uso foram mencionados regras de convivência que são importantes para minimizar situações conflituosas. A violência nas cenas de uso foi apontada em outros estudos como um dos principais riscos do uso do crack e se intensifica quando as regras locais do tráfico não são cumpridas. (Ribeiro, Sanchez e Nappo, 2010). Nesse estudo, o principal risco seria não honrar dívidas com o traficante, trazendo como consequência a morte do usuário. Roubar ou usar o crack no ambiente de compra também resulta em punições, sobretudo, em agressões físicas. Essas situações podem chamar atenção da polícia, o que prejudica a dinâmica local.

Em nosso estudo, *Malaquite* e *Esmeralda* descrevem a questão do roubo nas proximidades do tráfico e dos ambientes de consumo. Apesar da clareza de que o dinheiro adquirido para a compra do crack, muitas vezes, são oriundos de roubos e assaltos, essas ações só devem acontecer longe, em outras comunidades. *Hematite* acrescenta que, mesmo sabendo dessa regra, algumas pessoas na fissura pelo crack, roubam sem medir consequências, “num tá nem aí”.

Aventurina destaca a proibição de usar o crack onde compra, perto do tráfico. Essa situação coloca em risco o espaço de venda do crack, também chamada de “boca”. Para os traficantes, o uso por perto do tráfico, chama muita atenção da polícia colocando em risco este comércio.

Num roubar no ponto, aonde trafica. Só lá na favela, roubar pra bem longe, só isso, pra não sujar a área deles, dos traficante, que eles só ganha o dinheiro por causa da gente. Dinheiro de roubo, tudo de roubo, faça fora, num faça lá o mesmo canto não.

MALAUITE_TRA_27

Roubar da área onde tá, mexer onde você dorme, tá entendendo, roubar, dorme aqui no terreno baldio, roubar ali na frente, rouba a redondeza já não pode tá entendendo, ali os próprios usuários já cobra o vacilo dele e já bota ele pra andar.

ESMERALDA_MAS_21

Depende do lugar, tem lugar que tem cara que num quer saber de nada não, tá na merda mesmo, aí quer usar até... num liga. Pronto, eu tô morando aqui né nessa rua, aí tem cara que pensa: meu irmão, vou roubar aqui nada, mas já tem outro não, que quando tá usando, aí num quer saber não, rouba em todo lugar. A maioria dos caras que usa num lugar, num quer roubar perto, mas tem outra parte também que num quer saber, rouba e fuma no mesmo lugar, num tá nem aí, vai no impulso da droga, se der vontade e vê a coisa fácil. A maioria das pessoas se ver uma coisa muito fácil vai e pega, se tiver no uso.

HEMATITE_MAS_24

Fumar na área que a gente trafica, não pode. Tem que pegar e ir pra longe pra não ficar perto da gente, porque se a polícia chegar, vai um apanhar e dizer que aqui comprou, e longe da gente, a gente vai poder ver né? Ver e se sair, porque ficar perto da gente pô, de quem é a droga? Aí tá um no meio, vai e apanha e dá a gente pra mum, capaz de a gente pegar, querer matar ele depois né.

AVENTURINA_MAS_27

Outra regra clara para alguns participantes da pesquisa é o fato de que, nas cenas de uso não se deve pegar nem pedir a pedra de crack para o outro, Essa atitude deixa os usuários irritados e desconfiados que vai existir roubo. Para *Pedra da Lua* e *Zircônia* é regra é clara, mas muita gente não cumpre e as confusões são constantes. Para *Granada* e *Ágata* existe o dono do crack. Todos precisam respeitar e esperar que este dono ofereça o crack. Pedir significa iniciar conflitos e arcar com as consequências de brigas e agressões.

Eu acho que a regra, é num mexer no do outro. Cada um usar o seu, não mexer no que não é seu.

BRILHANTE_MAS_36

Com certeza, é só num pegar a pedra, fumar o seu e deixa o dos outros. Só se o cara der, porque tem uns amundiçado, que quer botar tudo de uma vez, quando acaba quer o do cara, aí a pessoa já num vai gostar né.

PEDRA DA LUA_MAS_27

A regra estabelecida é, você usa o seu e eu uso o meu, mas sempre tem um... é sempre tem o mais forte e o mais fraco, então o mais forte sempre quer se aproveitar do mais fraco né, com certeza. Então isso é uma regra que é da vida também né.

ZIRCÔNIA_MAS_46

Assim, se tá fumando cinco, seis pessoas se você partir aqui, pronto peguei dez gramas de crack. Aí pronto, vou partir aqui, sou o dono, ninguém pode mexer ali não, só quem pode mexer sou eu que sou o dono. Dou um pedaço a cada um, aí se o outro for meter a mão, aí o outro já: que é isso meu irmão, isso é de

fulano, de cicrano, vai meter a mão por quê? O cara num já deu a tu.

GRANADA_MAS_27

Em alguns ambientes você não pode pedir ao outro, você automaticamente fica na sua e espera que ele dê. Tem uns que pedem mesmo assim, mas aí causa aquela confusão, aquela briga, aquele atrito. Tem gente que não gosta que peça. Então, acredito que a regra que tem é essa, né? Se você não tá fumando com aquela pessoa que é seu amigo ali, você chegou de repente, você não pode pedir, porque se você pedir, você já deixa a pessoa com uma pulga atrás da orelha, achando que ela vai querer tomar sua pedra de crack, ou vai querer fazer algum mal a você, vai querer usar o seu crack, ou tomar o seu dinheiro ou tomar o que você tiver ali na hora.

ÁGATA_MAS_34

Nos ambientes de consumo de crack também existe uma hierarquia entre os usuários. Os mais fortes ditam as regras e, muitas vezes, o pedágio é obrigatório. Essa regra pode ser estabelecida pelo local já ter um dono, e para fazer parte desse ambiente, alguma quantidade de crack precisa ser oferecido como forma de pagamento. Essa regra é percebida na narrativa de Diamante que refere a necessidade de, antes de iniciar o uso, é necessário dar uma quantidade a um casal que mora debaixo do viaduto. Caso contrário as agressões iniciam e o usuário pode ser expulso da localidade.

Outra forma de avaliar essa hierarquia é pela força física ou quantidade de dinheiro no ambiente de consumo. *Opala* vai referir que quem tem mais força leva vantagem. Obriga que os mais fracos deem crack para poder permanecer no local. Já *Turquesa* faz referência à quantidade de dinheiro. Quanto mais dinheiro, mais regalias.

É dois casal que mora debaixo do viaduto, aí a regra de lá é quando você chegar, qualquer usuário que chegar lá tem que primeiro atender logo eles, pra depois você fumar seu crack de boa, porque se não rola confusão. Porque se você abrir a grama, e der o primeiro e se esquecer de A e de B, é babado minha filha, só na catraca.

DIAMANTE_TRA_23

Por causa do crack, um pede, outro num quer dá, aí as vezes tem uns que quer que você pague pedágio, tem uns cara que quer que você pague pedágio. Pagar pedágio é você, tipo, eu sou fraca e você é forte, então se a gente for brigar eu vou apanhar de você, aí então você pede um pedaço do meu crack, aí toda vez que eu for fumar eu vou te dar uma pedaço? Não, eu num dou, eu prefiro apanhar mas eu num dou.

OPALA_CAB_FEM_29

Quem manda é o que tem mais dinheiro, é o que tem mais droga. Pronto se eu chegar no barraco do negão e tiver um bocado de gente lá, se tiver gente lá com quinhentos real, e eu chegar com mil, ele pode botar até todo mundo pra fora, se tiver um cara lá com cinco grama, e eu chegar com vinte e cinco ou dez, ele bota quem tá com cinco pra lavar e o comando é meu.

TURQUESA_MAS_24

Apesar de tantas situações de violência, existem regras bem definidas em cada cena de uso. Nas narrativas os usuários tinham clareza do que podia e do que não podia ser feito diante de um ambiente de consumo. Porém, os efeitos da fissura e dos sintomas paranóides transitórios do crack atrapalham a rotina dessas pessoas e, nem todos, conseguem respeitar essas regras. Os conflitos são constantes, podendo chegar a situações de violência e até a morte.

Para Ribeiro, Sanchez e Nappo (2010), as pessoas nas cenas de uso de crack apresentam como risco o aumento de agressividade e lesões consequentes. O medo de ser roubado e de se ver sem a droga torna o usuário mais agressivo. Quando a quantidade da droga começa a diminuir, os conflitos intensificam-se, a discussão foca-se em alguém ter usado mais ou em quem irá conseguir mais dinheiro e droga.

4.5 A dependência do crack

A combinação dos efeitos farmacológicos e socioculturais identificados no uso de crack determina o risco que o usuário pode submeter-se. O crack provoca um estado

de êxtase de curta duração sendo uma das principais características para seu risco de causar dependência. O consumo muito rápido torna-se compulsivo e a necessidade de adquirir a droga assume um lugar mais importante do que a família, o trabalho, as relações sociais, o autocuidado etc. Esta relação de efeitos potentes e de curta duração, junto com a necessidade permanente de aquisição de dinheiro para a obtenção da droga, associada com a ilegalidade dessa prática e suas consequências de exclusão ainda maior dos usuários, articulam-se para o predomínio do uso compulsivo entre os usuários de crack. (Iniciardi, 1993)

Esta capacidade do crack para desenvolver um quadro de dependência quase que instantânea sempre foi apontada como verdade inquestionável. Porém, questionado por pesquisadores como Morgan e Zimmer (1997) que afirmaram que tal afirmação, apesar de amplamente divulgada, nunca foi, até então, testada cientificamente. Esses mesmos pesquisadores identificaram que, quando comparados com os números sobre o uso abusivo de cocaína, os usuários de crack apresentam maiores percentuais de reincidência no uso. Essa relação, para Morgan e Zimmer (1997) pode estar associada ao fato do crack estar mais acessível em comunidades carentes, nas quais a cocaína é economicamente menos viável.

Os entrevistados do nosso estudo têm um perfil economicamente menos favorável e retratam a dependência do crack como algo inevitável. Porém, precisamos compreender se esse quadro de dependência está associado, apenas, aos efeitos farmacológicos da substância ou se a relação da dependência do crack com a exclusão social interfere nesse quadro.

4.5.1 Doido de pedra: a descrição do descontrole do crack

Estudos mostram que diante das especificidades psicofarmacológicas do crack, o padrão predominante de uso desta droga é do tipo Binge, ou seja, o usuário compulsivo utiliza grandes quantidades de droga num curto espaço de tempo. Os usuários de crack promovem vários episódios de *binge*, pois têm a tendência de usar a substância por horas ou mesmo dias intermitentes, podendo alternar dias sem uso, que podem durar até mesmo meses inteiros, mas sempre com episódios de uso intenso (Oliveira e Nappo, 2008a e Ribeiro, Sanchez e Nappo, 2010). Dentre os

padrões de uso identificados, o consumo compulsivo foi o mais relatado, caracterizando-se um uso diário de crack podendo estender-se ao longo do dia parando apenas quando o usuário atinge o esgotamento físico, psíquico ou financeiro (Leite, Oliveira e Cruz, 2015).

Esse padrão de consumo diário foi evidenciado pouco tempo depois de ser incorporado às práticas de uso. Esse período de incorporação do crack ao cotidiano, com a intensificação do uso contribuiu para a desorganização da própria rotina e das relações dos usuários (Leite, Oliveira e Cruz, 2015).

Depois que eu usei, meu irmão, essa droga meu véi, controla a gente. Parece que a gente vira um boneco, marionete na mão dela. Tem pessoas que dizem que controla mas eu num acredito nisso não. Eu num consigo não doido. Se eu fumar uma, eu só paro quando meu corpo num aguentar mais. Eu faço qualquer coisa por ela. Qualquer coisa. Passo semana, quinze dias, acordado na ativa, só paro quando o corpo num aguenta mais. Faço de tudo por ela.

ONIX_MAS_27

Eu sou louca pelo crack. Ele faz com que eu minimize minha raiva por tudo que eu sinto, e lembro. Então, foi quando eu comecei a usar. Eu num vou mentir, eu sou apaixonada pelo crack, eu sou louca pelo crack. Às vezes eu me desgraço pelo crack, por causa de que? Por causa de tudo que aconteceu comigo... Eu não vou mentir pra você, eu sou louca por crack, louca. Na rua eu só penso em querer ir logo atrás do crack. Se eu vejo que alguém tá fumando, aí vai partir pra me dá um pedaço, esperar, ficava calado olhando pra mim. Eu já tô em cima olhando pra o crack, muito possessivo.

ALEXANDRITA_TRA_32

Logo no início a gente diz que tá no controle, mas com um tempo o crack vai tomando espaço no organismo da gente, na mente da gente. Chega uma hora que a gente não consegue controlar. Isso eu falo pra qualquer usuário. Não tem usuário que consegue controlar. Ele consegue controlar o uso no começo, enquanto ele não tá debilitado, mas depois que o crack toma conta dele... Eu

não tinha problema nenhum. Fumava um, dois [mesclado], trabalhava, fazia minha atividade, voltava pra casa, tinha carro, família, moto, tudo. Tinha tudo. Um cidadão normal.

ÁGUA-MARINHA_MAS_30

Eu acho que quem usa o crack num tem controle não. É mentira, se você tiver com mil reais no bolso, se você fumou aquela primeira pedra você só vai se sossegar quando acabar aqueles mil reais se acabar e ainda mais vai pedir e vai arrumar onde tem e o que não tem. Parece que o diabo surge pra essa droga. Você arrumar um prato de comer ninguém dá não, mas pra droga todo mundo dá. Quem disser que é usuário dependente químico que tem controle do crack está mentindo, porque ela é a droga. Eu acho que o crack só vale aquela primeira pedra que você fumou. Pronto. Ali você lucrou, o resto é tudo fissura, é só paranoia.

GRANADA_MAS_27

Nappo (1996) e Oliveira (2007) também identificaram a predominância do padrão de uso compulsivo, instalando-se logo após a experimentação. Na pesquisa de Oliveira (2007), vários entrevistados desconsideravam as necessidades básicas como alimentação, sono e higiene em função do uso da droga. Também relataram piora na qualidade de vida ao priorizarem o consumo de crack em relação a todas as outras atividades.

Leite, Oliveira e Cruz (2015) também identificaram o padrão de uso compulsivo entre seus entrevistados. O uso diário faz com que a rotina dessas pessoas gire em torno do consumo de crack. Para esses pesquisadores, descrever essa experiência é descrever a compulsão e falta de controle diante do crack, onde a liberdade de escolha desaparece e dá lugar ao consumo cada vez maior da droga por mais que o corpo aponte para o insuportável.

A fissura por causa do crack tira do indivíduo sua capacidade de escolha e discernimento, direcionando suas atitudes para conseguir mais crack, apesar de estar consciente da degradação física e moral causada pela dependência da substância (Chaves, Sanchez, Ribeiro et al, 2011). Para os autores, quando o crack adquire um lugar importante na vida do indivíduo, a necessidade de consumi-lo muda os valores

que, até então, constituía sua trajetória. Para conseguir o crack são realizadas atividades que colocam em risco sua integridade moral e física, pois o objetivo é o uso de mais crack.

Eu uso de uma forma crônica, por isso que eu fico assim, louca, doida, não me dá mais prazer. Hoje eu num quero mais usar crack, porque eu fumo e viro bicho, corro bicho, tenho medo, sinto pânico terrível, me sinto perseguida, sem dever um real a ninguém. Mas eu pego o cachimbo, fumo, olho pra o lado pro outro, parece que vai acontecer alguma coisa comigo. Já comeu meu juízo todo, num dá mais pra mim usar, mas eu não consigo não usar... Eu ainda tinha um controle. Hoje eu arrisco minha vida como você não tem ideia. Eu nem conheço um cara, diz assim: vamo ali fumar comigo em baixo do viaduto. Eu digo: demorou, bora. É um risco que eu corro, vou morrendo de medo, mas vou... Ali eu já tava entregue, e dali por diante foi assim. Deixei de sair, deixei de pagar site, saí da prostituição elitizada, fui pras ruas, que é mais fácil consumo de droga, é mais usuário também de droga na rua... Eu num me organizo. Eu trabalho como auxiliar de cozinha. Arrumei um emprego no buffet, maravilhoso. Eu fiquei aqueles dias tudinho sem usar droga, quando eu recebi o primeiro salário, a ideia que teve num foi ir no shopping, num foi de ir numa farmácia, eu fui numa boca, eu peguei um táxi, com meu salário de 1.200 reais, já comprei um monte de droga, passei, vi um amigo meu, já fui pra um hotel e fiquei lá três dias. Eu digo: meu Deus, eu fiquei trinta dias trabalhando pesado, lavei tanta panela, tanta verdura, fui pra tanta festa, pra acabar o dinheiro assim.

AMETISTA_TRA_36

Eu só pegava dinheiro pra fumar crack. Nunca comprava nada, só crack e cigarro, só crack e cigarro. Os boqueiros quer dinheiro, minha filha. Quanto mais ele tiver ganho dinheiro seu, quanto mais ele tá se levantando, ele tá se gloriando. Você tá se fudendo. Se afundando cada vez mais. Por isso que eu não quero mais essa droga do inimigo, que acabou com a minha alma, que acabou com a minha vida. Hoje em dia era pra eu tá transformada, perfeita.

DIAMANTE_TRA_23

Eu acho que é uma droga que mais me afetou, é o crack. O crack é uma pequena droga que destrói tudo que você tem. Num só destrói você. Destrói sua família também. Porque né só você que sofre, a família também sofre, e tem um tempo que ela toma conta de você. Você só quer saber da droga. O dinheiro que pega é a droga, o dinheiro que pega é a droga. Eu tenho pra mim que o crack depois que entra no sangue, é difícil pra sair. Até agora num... acho que tem cura não, você pode passar dois, três, quatro, dez anos sem usar. Tem um dia que você vai cair. Tem um dia que você... porque a carne é fraca. Um dia você recai. Quando ela entra no sangue, acabou. Você usa, a primeira vez, quer usar mais. Quanto mais tiver, mais você quer usar... Tem família que não entende isso, pensa que é safadeza sua, pensa que você tá ali porque quer. E não é, você sabe que ali é o sofrimento. Eu não tô no crack porque eu quero, queria eu que tivesse uma cura, um livramento de eu não usar mais isso, porque eu sei como é o objetivo, você pegar qualquer dinheiro já vai pra o crack. O que você tem de bom, você vende. Tem vez que você anda malamanhado na rua, anda sujo, anda fedendo, tudo se torna maior tragédia pra sua vida, maior tristeza.

ESMERALDA_MAS_21

Percebe-se nos relatos que o uso compulsivo do crack surge de forma rápida e avassaladora. Os entrevistados descrevem essa compulsão com muito pesar e demonstram arrependimento de ter experimentado o crack. Poucos participantes descreveram a possibilidade de um uso controlado do crack. A grande maioria afirma que depois do “tiro” do crack o descontrole é inevitável.

Porém é importante destacarmos que, apesar da concepção de um uso descontrolado, os participantes desse estudo descrevem várias estratégias que os possibilitam um uso contínuo de anos. Como chamar esse uso de descontrolado? A forma de consumo, as estratégias de proteção, de acesso a droga, as regras construídas para um convívios entre os pares e o próprio tráfico, entre tantos outros aspectos precisam ser consideradas.

4.5.2 Uso controlado

Em alguns estudos foi identificado a existência do uso controlado do crack (Domanico, 2006; Oliveira e Nappo, 2008a; Malheiros 2013), caracterizado como um uso a longo prazo, não diário e racional, onde, através de estratégias de autocontrole, a pessoa que usa crack não abre espaço para que a necessidade da droga governe sua vida. Apesar da identificação desse padrão de uso, os entrevistados, nesse estudo, tinham uma imagem de si como dependentes compulsivos da substância, sendo difícil a crença de um uso controlado do crack. Para Oliveira e Nappo (2008a) o uso controlado traria menor comprometimento à vida do usuário, pois se conciliaria às atividades sociais rotineiras.

Os entrevistados desse estudo são pessoas que vivem em situações de grande vulnerabilidade social. Muitos em situação de rua e com os vínculos familiares fragilizados ou rompidos. Perceber um uso controlado diante da precariedade vivida no cotidiano dessas pessoas, talvez, seja difícil, contudo precisamos levar em consideração suas percepções diante desse controle.

Minha irmã ela é controlada. Quando não tem dinheiro pra fumar final de semana, ela se controla... Você faz assim: todo final de semana você pode fumar, uma, duas ou três, cabou. Toma uma cervejinha, fica arrumando dentro de casa as suas coisas, até você amenizar mais um pouco. Criar uma estratégia de você nunca passar, pela aquela pessoa que vende, que fuma. Diminuir mais o uso... Também se você fumar maconha não dá vontade de fumar o crack, que ela é como se fosse um tranquilizante pra você, então você vai fumar maconha, já chega esquece o crack... Teve momentos que eu fumava só final de semana. Sábado pegava quatro, domingo pegava três e tomava uma cervejinha mais minha mãe. Só que eu fumava sem ela ver. Eu consegui dentro de uns três, quatro meses, fazendo isso, mas depois todo dia eu tava pegando, aí caí de novo.

ALEXANDRITA_TRA_32

Eu usava crack num dia, ou usava maconha, ou bebia, ou cheirava. Sempre separava o dia. Não botava todo dia não. Tinha dia que não tava nem conseguindo sentir o cheiro do crack, que eu já vomitava. Quando eu tava bem pra usar, eu

usava dois, três dias, quatro. O resto da semana eu parava, fazia outra coisa: bebia, cheirava, fumava maconha... O que eu faço às vezes é num ficar muito próximo dos usuários que tá usando. Eu me saio. Vou comer, vou fazer um lanche, fumar uma maconha às vezes. Quando eu tô me sentindo fissurado, eu não pego droga pra vender. Eu dou um tempo. Só pego quando eu tô de boa. Se pegar droga na hora da fissura, a tendência é usar. Se você usar a primeira, aí já era... Eu sou passivo, porque eu num sinto falta do crack. Hoje em dia eu penso em mim, na minha vida. Se a pessoa é um viciado, a pessoa só pensa em droga. Todo dia só pensa em droga. Eu não. Penso em um dia fazer minha família, melhorar minha vida, arrumar um trabalho, sair da vida errada do tráfico.

AVENTURINA_MAS_27

Agora eu tô mais maduro, eu me seguro. Se eu fumar uma pedra aqui agora, e só tiver ela e eu tiver com dinheiro, eu num vou atrás não, eu num vou atrás de jeito nenhum mais. Eu fumei aquela ali, cabou, pronto, já era... Eu procuro andar, conversar, sabe, tomar um banho. Até arrear aquela noia ali. Tomar um banho, comer alguma coisa, mesmo sem vontade, eu boto pra dentro. Se num conseguir mastigar, eu boto na boca e tomo água, mas eu procuro distrair a mente com alguma coisa pra aquela sensação sair.

JADE_MAS_26

Querendo ou não você não consegue durar o controle. Você se mantém por um certo período, depois você se descontrola. Você dá um tempo, dois, três, quatro meses sem usar, você se reergue, aí você cai de novo. Até que você fica assim, indo e voltando, se ergue e cai, se ergue e cai, se ergue e cai, fica num ciclo vicioso. Tô nisso há dois anos e até agora não tive resultado.

LODOLITA_TRA_20

Durante muito tempo eu consegui controlar o uso. Consegui trabalhar, consegui controlar o crack em algumas partes da minha vida. Não foram onze anos direto com tiro. Eu não uso crack todo dia, passo um mês, uma semana, duas três, aí recaio.

Não é direto, não faço uso direto... Eu conheço pessoas que usam e é controlada. Escolhe um dia pra usar e usa naquele dia. É possível sim, com certeza, tem muito isso.

ÁGATA_MAS_34

Apesar da descrição do uso controlado por alguns entrevistados, percebe-se que esse controle tem um risco eminente de ser perdido. Os relatos de controle no momento inicial da história de uso do crack é presente, porém a compulsividade aparece rapidamente, segundo a fala dos entrevistados.

Para Chavez, Sanchez, Ribeiro et al (2011) a existência do uso controlado do crack sugere que este fenômeno ultrapassa os efeitos farmacológicos dessa substância e pode ser influenciada por questões sociais, ambientais e emocionais.

Várias são as estratégias para manter o uso controlado do crack. Os entrevistados referem que precisam ocupar a cabeça, fazer outras coisas, circular em outros ambientes. O uso da maconha também é descrito por alguns do sentido de diminuir a fissura pelo crack. A próxima categoria vai descrever o uso de algumas substâncias para minimizar a fissura em decorrência do consumo de crack.

4.5.3 Associação com outras drogas

Para alguns usuários, o consumo de outras substâncias antes, durante ou depois do uso do crack se torna uma estratégia importante para a redução de alguns efeitos negativos como a fissura, a paranoia ou a sensação de medo e insegurança. Essas substâncias além de diminuírem a compulsão pelo crack, também possibilitam uma maior sociabilidade para os usuários que conseguem se manter em ambientes festivos, de trabalho, com alimentação, hidratação e uma boa noite de sono.

Alguns estudos já apontavam o álcool e a maconha como duas substâncias capazes de reduzir os efeitos estimulantes trazidos pelo crack, deixando o usuário mais calmo, reduzindo as forças do dependente para ir em busca da droga, bem como reduzindo a falta de apetite e a insônia (Ribeiro, Sanchez e Nappo, 2010).

Essa associação do crack com alguma outra substância depende da experiência vivenciada por cada usuário, que encontra em outras drogas o conforto de sentir o prazer advindo do crack, sem, necessariamente, vivenciar os efeitos negativos advindos desse consumo, na maioria das vezes abusivo.

4.5.3.1 Associação com o álcool: os dois lados de uma mesma moeda

O álcool, na narrativa dos usuários, pode ter a função de “calmante”, tranquilizando e reduzindo os efeitos negativos vivenciados pelos usuários de crack, ou de “gatilho”, impulsionando ainda mais para o uso, na maioria das vezes, nocivo do crack. Inicialmente, dialogaremos com os recortes que trazem a sensação de bem estar, relaxante, diminuindo os efeitos negativos do crack.

Na fala de *Ágata* e *Ametista* percebe-se a necessidade do uso de algumas substâncias para controlar a compulsão pelo crack, onde o álcool se destaca pela capacidade de “cortar” o efeito dessa substância, principalmente a paranoia. *Alexandrita*, acrescenta que com o álcool é possível “ficar alegre, sorrir, brincar, dançar e se divertir”, ajudando a sair do estado depressivo causado pelo crack.

Conheci o álcool também, devido ao uso do crack. Quando acabava o crack naquela hora que eu precisava usar alguma coisa, aí eu corria pra bebida alcoólica, corria pra comprimidos, corria pra lóóló, outros tipos de droga (...). Eu fumo ele e ao mesmo tempo eu tenho que tá com um copo, uma garrafa de cachaça do lado (...). Eu acho que no meu organismo ele combate mais o efeito. O álcool corta mais o efeito do crack, ele faz com que o efeito do crack não se exploda, pra não causar aquela paranoia de eu sair correndo tentando ver coisa.

ÁGATA_MAS_34

A cachaça me tranquiliza, me deixa normal, não tem baratinho nenhum, num tem bicho nenhum. Eu dou um pega, tomo uma dose, e tá tudo bem, entendeu? Eu tomo cachaça. A um ponto de invadir um bar e dizer: eu quero uma dose. Num tem, eu vou numa mesa e digo: mulher, paga uma dose pra mim que eu tô desbaratinada, eu fumei uma droga ali, eu tô toda me tremendo.

- Dê a ela um copo de cachaça. - Eu vou, pá, aí já saio tranquila. Muito obrigada, Deus lhe abençoe. Aí eu vou mimbora.

AMETISTA_TRA_36

O álcool para aquela sensação de ficar olhando pra um lado e pro outro. Para de você tá pensando que tem gente olhando, observando, que tem gente atrás de você, ou polícia, ou alguém que você tá devendo (...). Quando a gente tá fumando crack que passa rapidamente o efeito, a gente bebe a bebida, a gente já fica ligado. (...) já começa a ficar alegre, a sorrir, a brincar, a dançar, se divertir. O crack não. Dava frustramento. Eu comecei fumar o crack antes do álcool, aí eu percebi que quando eu ia beber saía aquele frustramento, começava a ficar feliz, brincando, sorridente (...). Agora eu tô todo dia tentando me segurar. Vem, dá ânsia, eu tomo banho, pra poder esquecer (...), toma um banho e vai se deitar.

ALEXANDRITA_TRA_32

Ribeiro, Sanchez e Nappo (2010) descreveram em seu estudo que o álcool foi a substância descrita pelos seus entrevistados com característica de reduzir os efeitos paranoides transitórios, capaz de amenizar o medo e a ansiedade. Também é empregado como “calmante” para a fissura, diminuindo a necessidade do usuário em buscar mais crack.

Para *Ouro* e *Coral*, além desse efeito tranquilizante, o álcool ajuda a disfarçar a aparência do efeito do crack. Descrevem que quando usam o álcool, ninguém percebe as características do “drogado” - sensação de medo, olhos arregalados e aparência assustada. Sob o efeito apenas do crack esse estereótipo fica muito evidente e causa muita vergonha.

A bebida corta mais o efeito do crack, ela deixa você mais alegre e tira mais as imaginações, das coisas, de coisas ruins. Você fica mais alegre, mas num fica ali internada. Quando você usa só o crack, você só quer ficar ali. Eu mesmo tenho vergonha de sair, vergonha das pessoas me verem eu drogada. Eu tenho muita vergonha das pessoas, porque eu tô sob o efeito do crack e eu acho muito feio.

OURO_FEM_32

Como o crack deixa a gente nervoso, ansioso, com medo, a bebida não, já deixa relaxado, mais calmo, tira a intensidade do crack. Aí fica no meio, assim, você pode andar normalmente que ninguém vai perceber, mas se você tiver só no uso do crack, onde você andar todo mundo percebe que você está drogado. Mas você usando os dois num dá pra perceber muito, pensa mais que você tomou uma. Num dá pra entender que seja só o crack. Agora você fazendo uso só o crack, você anda assustado, olhando pra um lado, olhando pra o outro, eu acho que, quando você bebe você ameniza aquela intensidade que você tem no uso do crack puro. Aí, por isso que eu uso os dois.

CORAL_FEM_24

Apesar desse efeito tranquilizante descrito por vários usuários existe um outro lado dessa mesma moeda. O uso do álcool pode servir de efeito “gatilho”, ou seja, pode estimular o uso de outras drogas, principalmente, o crack. O álcool é uma droga que se associa ao consumo de crack, sob a justificativa de uma diminuição dos efeitos indesejáveis, mas também devido a um prolongamento dos efeitos prazerosos. A composição farmacológica da cocaína, em presença de álcool, tem seu metabolismo alterado com a formação de cocaetileno, o qual tem um efeito muito semelhante à cocaína, prolongando dessa forma os efeitos dessa droga, no caso, o crack (Macance, Price, Kosten et al,1995).

Para alguns usuários, o uso do álcool tem as duas funções, causando um ciclo vicioso que termina mantendo o usuário em um consumo intenso e prejudicial. Ao consumir o álcool os entrevistados descrevem a necessidade de consumir o crack. Este consumo traz efeitos negativos e paranoides que os levam mais uma vez ao uso do álcool para sentirem-se melhor. Esse ciclo, muitas vezes dura dias, deixando as pessoas envolvidas nessa ritual bem mais vulneráveis às consequências nocivas dessas substâncias. Esse aspecto é percebido na fala de *Granada, Onix e Aventurina*.

Toma umas duas, três lapada de cachaça e já corta mais aquela adrenalina, aquela sensação de medo. A cachaça que corta o efeito. A bebida vem depois do crack, mas assim também, às vezes eu tomo anteriormente uma cachaça, aí bate aquela

vontade e vou fumar o crack, aí quando eu fumo, tomo a cachaça, corta o efeito.

GRANADA_MAS_27

O cara toma o álcool já pra abaixar a neurose, porque se num tomar, o cara fica naquela, no pânico, sabe, o álcool não, o cara toma uma lapada, toma outra, e já vai acalmando mais, porque o coração já tá a mil, a mente já tá daquele jeito, com álcool não, o cara já dá manerada. Tem tempo de pensar um pouco e tal, “eu num vou não” e tal, tá ligado? Eu mesmo sou assim. Também se eu tiver bom do jeito que eu tô aqui, se eu tomar álcool, boy, eu desando. Ah é, tanto ela chama você pra fumar como, um exemplo, eu tô de boa, sem eu fumar, se eu beber, vou querer fumar, se eu fumei, tô na lorosa, num tenho mais pra onde correr.

ONIX_MAS_27

Tranquiliza, não fica aquela paranoia. Diminui a paranoia, você fica mais suave, ou antes de fumar, depois de fumar eu tenho que beber, um dos dois; se eu beber primeiro eu fumo, ou se eu fumar primeiro eu tenho que beber.

AVENTURINA_MAS_27

O uso do álcool combinado com o uso da cocaína (em qualquer de suas formas de administração) é uma associação considerada frequente no uso de drogas. Essa combinação resulta na constituição de um novo composto, o cocaetileno cujos efeitos fisiológicos são muito semelhantes ao da cocaína - potencializando a euforia - porém com maior toxicidade cardíaca e hepática. O consumo associado dessas duas drogas pode gerar uma maior perda do controle do consumo, problemas sociais e condutas violentas que levam a comportamentos de risco, sendo a base de quadros clínicos de maior gravidade observados (Prior, Payá, Company et al 2006)

Dessa forma, o uso do álcool também é trazido como um “gatilho” para o uso do crack. Na experiência de alguns usuários usar álcool significa usar o crack logo em seguida. Na narrativa dos usuários eles descrevem que com o uso do álcool eles perdem completamente o controle diante do uso do crack.

No estudo desenvolvido por Ribeiro, Sanchez e Nappo (2010), essa função de “gatilho” do álcool já foi identificada. Na narrativa de *Água-marinha*, *Lápis-lazúli* e *Zircônia* percebe-se claramente a necessidade de usar o crack depois da ingestão do álcool.

Pra dormir na rua o cara tem que beber e eu não posso beber: quando eu bebo eu endoio, tenho problema sério com álcool. Se eu beber meu Deus do céu, enquanto eu não bebo eu não uso droga, e pra dormir na rua, só dorme bebo mesmo, porque bom ninguém dorme na rua não. Porque se morrer, o cara dorme e não sente (...). Só uso depois que bebo, eu normal não tenho vontade. Né a toa que uso há onze anos e não pareço (...) Ninguém diz que eu uso crack. Se eu passar três dias aqui, tomando banho, fazer minha barba, ninguém diz que eu uso droga.

ÁGUA-MARINHA_MAS_30

Quando eu fumo maconha passa a vontade de eu fumar o crack. Agora se eu tiver na rua bebendo, eu só fumo o crack. Se eu beber eu tenho que fumar o crack, se eu tô bebendo hoje você pode dizer pra mim: hoje tu vai fumar crack. Porque o álcool puxa muito, em mim dá uma vontade imensa de fumar.

LÁPIS-LAZÚLI_TRA_24

O álcool ele muda a personalidade do ser humano né. O álcool ele é um, uma droga muito viciante e como é que se pode dizer, excitante, não sei a palavra adequada que eu deveria usar. Mas o álcool ele é o começo de tudo, porque eu começava as vezes, final de semana, na minha casa eu assava um peixe ou uma carne e começava a ingerir a bebida com finalidade de comer aquele peixe. Às vezes eu só beliscava aquele peixe, mas quando chegava de madrugada numa determinada composição de álcool na minha mente, eu mudava o meu pensamento pro crack. Eu como era viciado nos dois, e só usava o crack se tivesse o álcool, se eu usasse uma pedra de crack, tivesse dez pedras, eu usava uma e tomava duas, três doses de álcool pra poder usar a segunda, entendeu? Quem é viciado só na pedra não, ele tem que usar uma em cima da outra.

ZIRCÔNIA_MAS_46

Em alguns momentos o uso de múltiplas drogas é descrito pelos usuários. O álcool e a maconha aparecem, mesmo nesse consumo variado, como substâncias que reduzem os efeitos negativos do crack, principalmente a fissura. A narrativa de *Opala* traz esse uso de múltiplas drogas e a função relaxante do álcool e da maconha.

Às vezes quando dá uma paradinha, que eu num consigo arrumar os programas, que eu vejo que eu tô lisa mesmo, que num vai ter jeito, eu começo a beber pra dá uma aliviada no uso do crack. O álcool deixa você mais relaxado e se fumar maconha, pronto. Se eu fumar maconha eu desisto de fumar pedra, dá uma bola, já passa a vontade de fumar a pedra, e também se a maconha arrear, a lombra da maconha arrear, aí dá vontade de fumar pedra de novo.

OPALA_FEM_29

4.5.3.2 Associação com a maconha

Vários são os estudos que apontam a maconha como uma substância capaz de diminuir a fissura do crack, possibilitando ao usuário o controle deste uso. Labigalini, Rodrigues e Silveira (1999), descreveram esse uso em 68% de seus entrevistados que consumiram o crack e conseguiram ficar abstêmios, relatando com o uso da maconha, alívio dos sintomas desagradáveis causados em função da fissura e da paranoia.

No estudo de Oliveira e Nappo (2008a), a maconha foi apontada como importante atenuante aos efeitos negativos do crack, sendo o uso adotado como estratégia no tratamento da redução de danos por diminuir a fissura e os outros sintomas associados à abstinência, a longo prazo, permitiria ao usuário o retorno à sua vida familiar, social e laborativa.

Em outro estudo Ribeiro, Sanchez e Nappo (2010) também apontaram entre seus entrevistados o uso da maconha como aliada no alívio da fissura do crack. A maconha a médio prazo, é capaz de substituir o uso do crack, podendo ser ela considerada como menos danosa ao organismo que o crack, sendo assim considerada como estratégia para redução de danos.

Para Raupp (2011) na mistura do crack com a maconha haveria um primeiro momento de efeitos intensos trazidos pelo crack, seguidos de uma diminuição dos mesmos, e da compulsão pela droga devido aos efeitos relaxantes da maconha. A presença desta

substância também induziria a fome, reduzindo a anorexia causada pelos efeitos do crack. Segundo Andrade e Santiago (2008) fumar “pitolho”, para nós o mesclado, não é propriamente um tratamento de substituição do crack pela maconha, mas pode ser considerada uma forma mais econômica, segura e menos prejudicial de usar crack, reduzindo a exclusão social dos usuários.

Esta estratégia é bem conhecida na cultura de uso do crack e descrita por vários usuários como importante no controle da fissura. Os usuários podem fazer a opção de usar o mesclado ou mesmo usar a maconha logo após o uso do crack. Algumas narrativas caracterizam bem esse consumo.

Quando eu fumo maconha eu fico aérea, eu fico alegre, eu fico divertida, dá fome em mim, dá sono. Pra dormir tranquilamente com meu amor, tá ótimo. É um santo remédio, passa na hora.

DIAMANTE_TRA_23

Só uso maconha pra diminuir o efeito do crack. Quando eu tô vendo que eu tô demais, se eu tiver uma coisinha eu vou e fumo, aí já corta o meu efeito. Eu já relaxo, eu relaxo quando fumo, eu fico calmo, tranquilo, tomo banho, me ajeto, aí começo a pensar, aí vem o arrependimento, essas coisas, depressão. Fumo a maconha, aí parece que cai a ficha. (...) Dessa vez agora vai fazer praticamente um mês que eu num uso o crack. Tava só fumando maconha. Se eu pegasse em dez reais, eu corria logo pra pegar maconha. Porque sem a maconha, no dia na rua, eu num consigo ficar sem usar não.

HEMATITE_MAS_24

Num estudo recente Gonçalves e Nappo (2015) identificaram os motivos, descritos pelos usuários, para combinarem o uso de crack com a maconha. Dessa forma, os usuários apontaram a redução dos efeitos negativos do uso de crack; a redução do comportamento de busca pelo crack; a redução da agressividade; a melhora da qualidade de vida; e a economia de dinheiro por diminuir bastante a compulsão pelo crack foram os principais motivos apontados pelos usuários desse estudo.

Percebe-se nas narrativas das pessoas entrevistadas a busca pela tranquilidade e, acima de tudo, a busca pela cessação dos efeitos desagradáveis do crack. *Jade* e

Ágata fazem a comparação da maconha como um remédio. Usar a maconha reduz os efeitos desagradáveis da paranoia sentida em decorrência do consumo do crack.

Lodolita e Ouro descrevem a sensação de tranquilidade, não sente vontade de usar o crack. Com o uso da maconha, consegue comer e reduzir a compulsividade pelo uso, a fissura, bem característica do consumo nocivo do crack.

Quando eu fumo o crack que eu fumo a maconha, a nóia do crack foge, vai simhora. É como se tivesse, é como se fosse, eu tô com dor de cabeça, eu vou tomar um dorflex, tá entendendo? É assim.

JADE_MAS_26

Quando eu tava fumando muito, muito e eu me sentia muito, assim sabe... com medo, tipo que tivesse alguém atrás de mim, ou medo de polícia me pegar, ou medo de minha esposa vê eu fumando. Aí pra não dá aquele efeito tão forte, eu misturava ela na maconha, que é o famoso melado. (...) A maconha é tipo um calmante pra gente, nem dava tanto aquele estímulo do crack, aquela loucura do crack, que é a maior, e nem tanto a da maconha, ficava tipo no meio, legal.

ÁGATA_MAS_34

A maconha é ótimo porque ela tranquiliza, se eu tiver com vontade de eu fumar crack e eu fumar maconha passa, até minha lombrá já passa a vontade, eu não fumo. Eu só uso uma droga. Eu não sou assim de misturar as drogas, eu não gosto de fumar crack, depois fumar melado, depois fumar pedra, cheirar cola. Não sou dessas. A maconha, pra mim tranquiliza, e dá fome pra eu poder comer, porque depois que eu dou tiro eu não sinto fome mais nenhuma, só venho comer no outro dia de manhã, nove, oito horas da manhã. Se eu sair daqui, acordar de tarde de três horas, se eu der um tiro agora de três e meia, eu só vou comer amanhã de oito horas da manhã.

LODOLITA_TRA_20

Na maconha, quando eu fumei, oxe, aquilo relaxou. A vontade de usar passou, e eu fui dormir, depois fui pra casa. Ele: aí tá melhor? Tô! Acabou a fissura? Acabou! Fui embora pra casa dormir, pronto.

OURO_FEM_32

Para *Turmalina*, usar a maconha traz uma tranquilidade que o ajuda a pensar e fazer coisas construtivas como ler, desenhar e conversar. *Aventurina* já traz a possibilidade de trabalhar, dormir bem, além de perceber que a maconha também reduz o comportamento de busca pelo crack. O uso da maconha aumenta a qualidade de vida dessas pessoas que percebem nessa associação uma condição de vida mais digna, podendo, inclusive, ter controle sobre o uso que faz do crack.

Essa tranquilidade relatada pelos entrevistados nos remete, também, à redução da agressividade. Nas narrativas percebe-se que os usuários ressaltam a possibilidade de poder ficar quieto, no seu canto, podendo pensar na vida e nas consequências da compulsividade do consumo nocivo do crack.

Eu gostava de usar a maconha, depois. Pra relaxar, pra pensar nas besteiras que eu tinha feito, pra me dar fome. (...) Porque, assim, no efeito da maconha sou tranquilo, entendeu? Eu me concentro mais nas coisas (...) Eu vou ler, desenhar, conversar.

TURMALINA_MAS_31

Se eu for fumar maconha, eu trabalho, eu como direito, durmo direito, me acordo direito. Não fico estressado, eu não me aperreio pra fumar mais, assim compulsivamente, fumar dois, três cigarro pra mim tá de boa. A maconha querendo ou não é uma droga, mas tenho autocontrole ainda. Agora o crack, a pessoa sempre descontrola.

AVENTURINA_MAS_27

A estratégia da associação do crack com a maconha vem minimizando, consideravelmente, as consequências nocivas do uso do crack. Porém, apesar desse contexto, os estudos nacionais desenvolvidos são empíricos e não existe autorização para um controle científico. A maconha, no Brasil, ainda é uma droga ilegal e os estudos que reportam algum benefício diante do seu consumo são extremamente limitados. Percebe-se que todos os resultados encontrados, em estudos anteriores,

apontam a fala dos usuários e a estratégia de substituição ou associação com a maconha acaba sendo a partir da experiência vivida por cada um.

Finalmente, chama a atenção que, dentre as narrativas deste estudo, *Turquesa* foi o único usuário que trouxe o uso da cola como substância que minimiza os efeitos da abstinência do crack. Para este usuário, além do álcool, a cola acalma impedindo o uso compulsivo do crack

A cola ali ficava controlando minha abstinência do crack, e o crack é dez real, e com dois real eu compro uma risca de cola, uma risca de cola, passo o dia todinho cheirando. Só fumo crack se tiver a cola. (...) Eu sempre compro minha cola, eu deixo aqui ó, guardado, aí depois eu fumo crack, aí quando eu fumo crack eu dou uns pega na cola. Aí fico calmo. Não vou pra o sinal, não vou pra canto nenhum. De vez em quando, se eu não tiver minha cola, eu tomo a cachaça, já pra arrear a lombra, porque a pessoa lombrada é muito feio.

TURQUESA_MAS_24

Antes de finalizarmos o diálogo com essa categoria é importante refletir que, tanto o álcool como a maconha e de forma bem específica nesse estudo, a cola, todos, são substâncias depressoras do sistema nervoso central e que agem de forma antagônica aos efeitos do crack. Nas narrativas dos entrevistados, o uso dessas substâncias minimiza a fissura e os efeitos paranoides temporários, bem característicos do crack, substância estimulante do sistema nervoso central.

O uso dessas substâncias é uma importante estratégia de proteção que os usuários encontraram, empiricamente, para diminuir ou mesmo evitar o uso compulsivo do crack e todas as consequências negativas que ele pode produzir. Essa possibilidade precisa ser considerada em alguns espaços de cuidado, onde a abstinência, em determinados momentos, é uma meta de difícil acesso.

4.6 As marcas no caminho das pedras preciosas

Ter claro todo o prejuízo que a dependência trouxe para esses usuários faz com que suas experiências venham repletas de muito sentimento, muito sofrimento. Todos os usuários descrevem essas perdas de forma intensa, singular. As marcas deixadas pelo uso compulsivo do crack vão desde perdas afetivas como o distanciamento da família e uma separação conjugal até perdas materiais. Diante da fissura, os entrevistados relatam que não medem as consequências para manter o uso do crack.

4.6.1 Perdas afetivas e materiais com o uso do crack

Uma vez que o crack adquiriu lugar de extrema importância na vida do indivíduo, na urgência em consumi-lo são realizadas atividades que colocam em risco sua integridade moral e física, pois o que está em foco é o uso de mais crack. Para a pessoa em fissura, perder a família, descuidar do próprio corpo, gastar altas quantias em dinheiro em um único dia de uso intenso, nada parece tão ruim quanto não usar crack. (Almeida, 2010)

Para Raupp (2011) essa situação de precariedade das condições da vida na rua tende a se agravar ainda mais nos usuários compulsivos de crack, pois, devido à prioridade conferida a compra da droga, qualquer dinheiro ou pertence vira moeda de troca para conseguir a pedra

A perda desses laços familiares é trazida com muito sofrimento e vem muito próxima ao sentimento de que esses parentes não mais o respeitam, muito menos confiam em suas atitudes e escolhas atuais, mesmo nas promessas de se manter abstinência. O isolamento também é um sentimento muito presente. Os amigos, a alegria de viver, os projetos de vida, tudo desaparece. Não são mais respeitados enquanto pessoas, enquanto cidadãos. Se sentem sozinhos. Não têm outros prazeres na vida, só vivem em função da droga.

A gente só procura amizade de droga, a gente não procura mais coisa boa da vida não. O crack atrapalhou no convívio da vida totalmente. Eu tinha amizade massa, tinha família boa, tinha

minha família toda por mim. Hoje, eu tenho vergonha de ir em casa, eu tenho vergonha de falar com minha família, eu tenho vergonha de falar com minha mulher, eu tenho, não vou mentir. (...) Quando você tá usando o crack, você se junta com muitas pessoas ruins, atrai muita coisa negativa pra você também. Se você não rouba, daqui a pouco você tá roubando, se você não matava, daqui a pouco você tá fazendo, então, vai juntando muita coisa ruim. Você queimou na rua já é ruim e você vai passando muito veneno, vai ficando sem sentimento, vai ficando frio. Chega uma hora que você não sente mais nada, não sente mais nada, pra mim eu tô assim, se eu morrer: de boa. Quando tá fazendo uma coisa, eu também não sinto mais nada. Eu tô vendo que eu tô perdendo meu lado ser humano e antes que isso aconteça eu tenho que sair.

ÁGUA-MARINHA_MAS_30

Comecei a fumar mesclado, escondido dos meus amigo pra eles não saber. Só que depois eles começaram saber, começaram a se afastar de mim. Aí começaram, sabendo que eu tava usando pedra também. Aí pronto, eu comecei a furtrar, roubar, por longe, aí eles davam valor. Aí chegou uma época que eu tava sem dinheiro, sem nada, aí fui furtrar dentro da minha comunidade que não podia. Aí pronto: era eu e mais quatro, daí mataram um. A única coisa que minha mãe disse: vai timbora que tais ameaçado de morte, se pegar tu aqui vai te matar. Aí eu peguei e saí pelo meio do mundo afora. Fui pra rodoviária, peguei o ônibus sem destino.

CRISTAL_MAS_22

A perda do vínculo com o trabalho também é uma situação trazida com muita frequência. Perder o emprego porque não conseguiu controlar o uso da droga traz uma sensação de fracasso, de devastação na vida de cada pessoa que enfrenta essa problemática. Quando se chega ao uso compulsivo é quase impossível conseguir conciliar com alguma atividade que requeira maior responsabilidade. Assim as faltas, o descompromisso e, às vezes, o envolvimento com pequenos furtos dentro desse ambiente faz com que esses usuários não consigam manter sua atividade laboral.

Acabou com a minha vida. Hoje em dia era pra eu ser tão bem de vida. Era pra eu tá vivendo uma vida saudável, que nem qualquer um cidadão, com a sua casa, sua casa mobiliada, ter tudo, trabalhando, como uma vida normal. Por causa do crack me afundei, perdi tudo. Meu tio me deu já oportunidade de

trabalhar com ele, mas por causa do crack eu num abracei. Já tive várias oportunidades de ir pra Itália, de viajar pela Europa, mas o crack minha filha, o crack é uma desgraça mesmo. Acaba com a vida da pessoa.

DIAMANTE_TRA_23

Eu ainda era bonita. Eu trabalhava e tinha minhas coisas, e o que me destruiu foi o crack. Agora eu fiquei feia, magra, o cabelo perdeu vida, a beleza sumiu um pouco, os dentes não é mais a mesma coisa. O crack só piora, e a gente sabe disso e continua, porque até ontem eu fumei.

LODOLITA_TRA_20

Vendi muita coisa da minha família, da minha irmã, fiz muita coisa errada também. A minha primeira filha mesmo, foi de um estupro. Eu tava com o cara fumando, num quis transar com ele, aí ele me pegou a força, e a minha filha nasceu disso aí (...) O crack destruiu minha vida todinha pô. Eu tinha meu trabalho, eu estudava, já era pra eu ter acabado meus estudos. Num quero mais voltar a estudar, num sinto mais vontade de trabalhar, num vou mais num shopping, num vou numa pizzaria, eu num vou ver minhas filhas, que é a coisa que eu mais amo no mundo. Eu num consigo ir visitar minhas filhas. Eu num consigo ir visitar minhas filhas.

OPALA_FEM_29

A perda dos bens materiais aparece como consequência do que estão vivendo. Não têm mais trabalho, família, amigos. Começam a vender grande parte de seus bens para poder conseguir a droga e se deparam com um vazio de objetos e pessoas que traz muito sofrimento e culpa. Esses bens materiais vão desde pequenos objetos como celular, roupas, eletrônicos até móveis e carros. Tudo perde a importância, o crack passa a ser o centro de suas atitudes. Além da venda dos objetos, os entrevistados também referem que são capazes de fazer qualquer coisa para ter o crack. Roubo, assaltos e participação de atividades ilícitas começam a fazer parte da rotina desses usuários.

O crack leva você a roubar, leva você a destruir o que você tem, você vende tudo. Eu comecei a vender minhas coisas, minhas roupas. A família se tocou que eu tinha entrado no crack, perguntou a minha. Aí começou a correr atrás de uma cura, mas eu acho que o crack num tem cura não.

ESMERALDA_MAS_21

Num vai dizer que a droga é ruim. Quem dizer que o crack é ruim tá mentindo, mas só que é uma droga devastadora. Arrumei muita confusão, inimizade com traficante, já botei minha vida em risco. Na força do crack você vai, sabendo que pode tá arriscado a morrer ali. Ir e num voltar, mas mesmo assim você vai na fissura, afim de fumar a droga, você vai. Acho assim, o crack é uma droga que mudou a minha vida, destruiu a minha família, perdi o vínculo com meu filho, com meus tio, com as minha tia, com meu irmão. Fala e tal, mas a confiança num é mais a mesma.

GRANADA_MAS_27

Eu era puta bonita. Era pra eu viajar, era pra eu tá bem de vida, era pra eu tá com minha glotes, era pra eu tá com minha bunda, com toda derrota, que Deus num gosta, mas era pra eu tá de bem. Num era pra eu tá usando isso...

MALAQUITE_TRA_27

O crack tirou tudo que eu tinha. Só não tirou minha vida, mas quase tirou minha vida também. Fui presa, roubei pra sustentar meu vício, a minha família, perdi, afastou a minha família de mim. Os meus amigos que não usava crack, minha dignidade, minha identidade ... sem contar os bens materiais também.

OURO_FEM_32

Além das perdas materiais e efetivas decorrentes do uso compulsivo do crack, os entrevistados também descrevem o estigma social vivenciado diante do preconceito da sociedade. Para esses usuários, o uso do crack faz com que eles deixem de ser cidadãos, percam a identidade e se tornem, apenas, “noiados”. A próxima categoria descreve bem esse movimento de estigmatização das pessoas que fazem uso compulsivo do crack.

4.6.2 Lá vem o “noiado”: um estigma social, a perda da identidade

Ser usuário de crack em nossa sociedade é uma função um tanto quanto difícil. Esses usuários são estigmatizados e segregados como pessoas sem valor, como se não merecessem estar no convívio social junto com os outros (Almeida, 2010). Dessa

forma o usuário de crack se considera uma pessoa desacreditada, com características desqualificantes e evidentes ao olhar do outro. Nesse contexto, outros atributos que estes sujeitos possam carregar consigo ficam inviabilizados de se mostrar para outros com quem interajam. (Alves, 2016)

Para Rozani, Noto e Silveira (2014, p 09) “o estigma é uma construção social que representa uma marca a qual atribui ao seu portador um status desvalorizado em relação aos outros membros da sociedade.” Esse processo acontece quando algumas pessoas são identificadas a partir de alguma característica indesejável que possuem. Nesse momento, são discriminadas e desvalorizadas pela sociedade.

A caracterização do “noia” surge apontando para aquele que está no nível mais baixo, de alguém sem controle e sem limites em sua busca de uso do crack. O “noia” não é confiável nem para os outros usuários. Esta nomenclatura, extremamente estigmatizada, em muitas situações leva à segregação, impedindo a pessoa que usa crack de forma compulsiva de retornar à sua região de pertencimento, por conta de problemas ali. Quando passam a ser vistos como “noias”, em algum momento são levados a buscar outro espaço (Gomes e Adorno, 2011). Dessa forma, para esses autores o “noia”, *é percebido como aquele que desrespeita as normas sociais e os parâmetros éticos em busca da pedra de crack, é visto com desconfiança e não consegue estabelecer relações de outra forma com as pessoas.* (Gomes e Adorno, 2011)

A gente perde a identidade, passa a ser chamada por noiada. Aí já vai, a pedra, a cinza, a lata, a gente perde totalmente a identidade.

OURO_FEM_32

Eu chegar nos cantos assim, o povo olhar pra mim de lado, tinha as racha que bota a mão, acelera os paço, pensa que a pessoa vai roubar. Fica aquele mau cheiro, que tu sabe, quando a pessoa fica sem tomar banho, no crack você fica entregue às baratas, aí pronto, já olha pra você assim, com um olhar diferente, já olha assim de lado, já fica aquele aspecto, é uó.

DIAMANTE_TRA_23

Atrapalha porque a sociedade já olha você com outros olhares, num olha você com o mesmo olho. Você que é usuário dependente químico, você num tá no meio da sociedade mais, a sociedade já vê você com outros olhos: olha, já vai o noiado ali, num sei o que. Só faz desgraçadeira mesmo.

GRANADA_MAS_27

Se eu dou um tiro na esquina, num saio da esquina de jeito nenhum. Pra comprar cigarro, pra comprar cachaça, eu mando alguém comprar pra mim. Eu não quero, passar no meio das pessoas, eu não quero ninguém vendo eu noiada, horrível, e suja às vezes. No Galo da Madrugada, o cabelo feio, eu num gosto.

LODOLITA_TRA_20

Eu sinto que eu tô ficando feia, acabada, porque eu sou travesti, então ninguém ia me querer eu noiada. Quero poder chegar assim na sociedade, o povo gostar de mim dizer: tá é bonita, num sei o que.

MALAQUTE_TRA_27

Porque assim, é uma droga que, é uma droga assim que você fica debilitado né, você perde peso, fica desfigurado, ali onde você passa, esse cara, todo mundo tá olhando pra você, tá falando de você, porque é o efeito da droga que tá na sua mente, tá no seu pensamento, se eu for usar ela aqui agora, se eu andar daqui pra ali todo mundo tá olhando pra mim, tá falando de mim, você fica olhando pra trás, tá entendendo, se torna assim, uma pessoa assustada, com medo, anda com medo, assustado.

ESMERALDA_JAB_MAS_21_4

Em São Paulo, os usuários de crack também são chamados de “noias” e são vistos de forma pejorativa pela sociedade, a qual os relaciona a ameaças à segurança pública e clama por ações repressivas. (Raupp e Adorno 2011)

Na imprensa brasileira, a grande maioria das matérias abordando a questão do uso de crack, representa esses usuários como violentos e degradados, disseminando repúdio e medo entre a população, reproduzindo esse estigma em outros países (Hartman e Gollub, 1999; Reinerman e Levine, 1997). Domanico, (2006) usa o

conceito de Pânico Moral para descrever a relação estabelecida pela sociedade brasileira com os usuários de crack.

Em várias situações as pessoas que usam drogas, em especial de crack, tomam consciência das visões negativas que as outras pessoas da sociedade têm sobre seus comportamentos. Diante dessa percepção direta do estigma construído pela sociedade, esses usuários podem concordar com essa visão negativa e introjetar os estereótipos negativos a si próprios, caracterizando um estigma internalizado (Rozani, Noto e Silveira, 2014).

No relato dos entrevistados, esse estigma foi internalizado. A maioria tem a concepção de que usuário de crack não presta, é feio e não é digno de viver em sociedade. Esse processo o torna cada vez mais vulnerável e longe de espaços institucionais de cuidado por achar que não é merecedor desse direito.

4.7 Caminhos para conseguir o crack

Diante do uso abusivo do crack, na maioria das vezes, é inevitável o envolvimento com atos ilícitos para obter a droga. Por não conseguir controlar o uso intenso passam a fazer coisas antes nunca pensadas. Pequenos furtos, roubos, uso do corpo em troca da droga, envolvimento com o tráfico passam a fazer parte de suas vidas. Para Oliveira e Nappo (2008b) sob efeito de fissura e com fins de continuar o uso, é comum que os usuários de crack se dediquem à realização de atividades ilícitas de rápido retorno financeiro, gerando, além de significativo comprometimento moral e social, importante risco à vida do usuário.

Em vários momentos os usuários de crack vivem situações bem vulneráveis e suas vidas ficam por um fio diante de tantos riscos. A vida passa a não ter muito valor durante a compulsão e essas pessoas não conseguem avaliar os riscos a que estão submetidos quando usam o crack ou quando estão agindo de alguma forma para conseguir a pedra (Almeida, 2010). As consequências dessas atitudes aparecem com a crescente morte dos usuários de crack por fatores externos, principalmente o homicídio (Duailibi, Ribeiro e Laranjeira, 2008).

A gente faz de tudo, de tudo que você imaginar de ruim, a gente procura fazer pra ter o dinheiro pra usar o crack, roubar, pedir, se prostituir, fazer um biscoite, uma ôia como o pessoal fala, é roubar alguma coisa pra fazer troca. A gente faz de tudo pra ter o uso do crack.

ÁGATA_MAS_34

Daí quando arreou a noia do crack, fui roubar de novo. Me acostumei a roubar, roubando, comprando crack, roubando, comprando crack, e cola. A última vez que eu usei crack, eu ajudei no tráfico... Quando eu tava lá em Boa Viagem, eu dormia na beira da praia. Já chegou mulher pra me pegar, pra curtir com ela ali em Boa Viagem mesmo, mulher dos prédio lá, eu dormia na beira da praia, a mulher fazendo caminhada, se exercitando, aí eu conversava, parava pra conversar: ô moça, você tem como me ajudar, uma roupa, uma comida? Aí eu pegava amizade, daquela amizade ali surgia aquela intimidade, aí me envolvia e ela me bancava, sabe? Aí ela sabia que eu era usuário e me bancava, dizia: num vá usar agora não, se controle, compre uma comida, uma chinela pra você. Eu dizia: tá bom, tá bom, vou. Aí quando ela ia pra casa eu corria pra boca.

JADE_MAS_26

Compro, faço favor, roubo, me prostituo, várias coisas. Já, vendi. Eu era o aviãozinho do traficante né. Fazia o programa, quando o home tirava o dinheiro pra me pagar, o tanto que eu dizia que era meu preço, eu via que tinha mais, roubava, dava uma de homem na hora tomava, puxava a chave do carro, pra ele num ligar carro, pra ele num sair de lá, saía com o dinheiro todinho, então era isso.

ALEXANDRITA_TRA_32

Para alguns usuários qualquer atividade para conseguir dinheiro, ou objetos ou o próprio corpo para troca pela droga vale a pena. Não existe nenhuma avaliação dos riscos que podem correr na execução dessas atividades. O que importa é o crack, o que importa é diminuir a fissura, o sofrimento causado pelo forte desejo de usar a pedra de crack.

Outros entrevistados selecionam algumas atividades específicas para conseguir o crack. Algumas categorias foram identificadas logo a seguir.

4.7.1 A prostituição: meu corpo pela pedra

O uso de substâncias psicoativas na atividade da prostituição é um fenômeno inerente que sofre interferências de diversos fatores, como o incentivo por parte dos clientes, traficantes e proprietários dos estabelecimentos. Essa situação potencializa a vulnerabilidade das prostitutas às situações de violência, a DST e outros agravos. (Dourado, Melo, Silva Júnior et al 2013)

Oliveira, Paiva e Valente (2007), apontaram que o fácil acesso ao *crack* no mercado local de drogas, bem como o valor de compra e a grande aceitação de troca de sexo por droga são fatores facilitadores para o consumo de *crack* por mulheres. A entrada das mulheres na dependência geralmente é acompanhada pela falta de condições financeiras para adquirir as drogas, o que pode levá-las à atividades ilícitas ou a praticar sexo em troca de drogas ou de dinheiro, submetendo-se ao risco de gravidez indesejada, de infecção pelo HIV/ AIDS ou outras doenças sexualmente transmissíveis (DST) (Nappo et al., 2004; Yamaguchi, Cardoso, Torres e Andrade, 2008).

Um estudo desenvolvido por Nappo, Sanchez, Oliveira et al. (2004), com 75 mulheres envolvidas com o sexo comercial em São Paulo e São José do Rio Preto, revelou que 23% possuíam menos de 20 anos e que as que estavam envolvidas com o uso de drogas ilícitas, em especial o *crack*, colocavam-se em situações de maior vulnerabilidade e apresentavam maior dificuldade para se proteger das DST/AIDS por meio do uso de preservativos. A entrada das mulheres na dependência geralmente é acompanhada pela falta de condições financeiras para adquirir as drogas, levando-as a praticar sexo em troca de drogas ou de dinheiro (Yamaguchi, Cardoso, Torres et al 2008).

Outro estudo qualitativo com 26 prostitutas, realizado em Foz do Iguaçu, identificou que as mulheres entrevistadas residiam em comunidades com baixo nível econômico, controladas por narcotraficantes, permeadas por uma rotina de violência e baixo apoio social em que o acesso às drogas é facilitado. Entre o grupo de mulheres investigado, é relatado o abuso de álcool e *crack*, conseqüentemente, as relações sexuais sob influência dessas substâncias é algo frequente. A prática sexual com o objetivo de adquirir a droga é constante e dificulta a negociação para o uso do preservativo,

tornando-as vulneráveis às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). Apesar das prostitutas terem conhecimento sobre DST, este não é suficiente para adoção de comportamentos mais seguros, considerando a influência de fatores comerciais, culturais e financeiros envolvidos nesta relação.

Pra gente que é travesti, ou mulher, sempre tem homem que quer a companhia, e nem sempre a gente paga pela droga, a gente ganha, em troca do sexo.

AMETISTA_TRA_36

Aí ele faz assim: eu só tenho dois reais pra tu chupar. Aí sobe uma mágoa na mente, ele é mole e ainda puxa da perna. Quando, ele me dá dois real... aí ele: vai menino, eu num te dei dois real. Olha pra isso, eu me humilhando, aí eu faço assim pra ele abrir a carteira de novo: me dê mais dois real, que agora eu boto de uma vez. Aí quando ele abre eu dou um bote.

MALAQUITE_TRA_27

Eu não faço programa por pedra não, eu faço programa por dinheiro, porque o pessoal pra se passar pra sair por uma pedra, é que você não tem mais valor pra nada. Eu faço dois, três programas na noite, o resto da noite é as meninas que me dão, é os meninos que me dão, os traficantes que me dão, passa que me vê me dá... [roubar] é só um refúgio quando eu tô desesperada por dinheiro, quando eu não quero mais fazer programa, quando eu não aguento mais vê macho, eu deitando com macho, quando eu não aguento, eu não tenho mais paciência, aí sim, eu passo pra roubar.

LODOLITA_TRA_20

Ah filha, de primeiro em Recife eu me prostituía muito. Quando eu saí do tráfico, eu sempre me prostituí mesmo. Não tenho mais paciência de vender pra fumar. Eu recebia dinheiro em troca da transa. Se não eu ia pra um hotel com um rapaz, ele levava uma certa quantidade de pedra, eu usava, depois tem a relação, entendesse? Agora tá pior que eu nem isso tô fazendo, tô roubando pra consumir. Piorou agora que eu tô roubando pra fumar, agora eu tô roubando... Esses tiros que eu levei sábado é porque eu tava roubando, e a peixeira foi outra pessoa.

RUBI_FEM_32

A troca de sexo pelo crack também esteve muito presente nos relatos dos entrevistados. A maioria que descrevia essa atividade eram mulheres e travestis, porém, apesar de menor proporção o homens também referiram lançar mão dessa negociação para conseguir o crack.

4.7.2 Roubos e atividades ilícitas: tudo pelo crack

Muitos usuários esgotam muito rápido seus recursos legais para consumo de drogas, dessa forma, diversas modalidades de delitos para levantar recursos começam a fazer parte de suas rotinas. Os assaltos a transeuntes, a ônibus, a postos de combustíveis ou a casas lotéricas fazem parte das atividades ilícitas desenvolvidas por alguns usuários de crack. Isso pode acontecer várias vezes em uma semana ou, até mesmo, várias vezes no mesmo dia (Beato Filho, 2001).

A partir de um estudo desenvolvido em quatro capitais brasileiras (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador), em 2006, com 738 usuários abusivos de drogas, em tratamento especializado, foi identificado que existia uma participação em atividades ilegais e violentas, como furto e roubo (23%) ou (32%), ameaças e agressões entre usuários de crack (Kessler, Barbosa, Faller et al., 2012).

Num estudo recente em cenas abertas de uso de crack, identificou-se que muitas pessoas que usam drogas, principalmente o crack, vivem em situação de exclusão social. O estigma e o preconceito, aliados à forte repressão do Estado relacionada ao uso de drogas em espaços públicos, somados ao pouco acesso à saúde e apoio social, potencializa um contexto em que as práticas ilícitas como os pequenos roubos/furtos podem fazer parte do dia a dia dessas pessoas, vulnerabilizando, ainda mais, o usuário (Toledo, Góngora e Bastos, 2017).

Em Pernambuco, num estudo epidemiológico com 1.062 usuários de crack que participavam do Programa ATITUDE, 28,4% dos participantes relataram o roubo ou outras atividades ilícitas como forma para adquirir a droga nos últimos 30 dias anteriores a pesquisa. (Santos, Almeida e Brito, 2016)

Em nosso estudo, os relatos dos entrevistados corroboraram com a literatura, identificando o quanto esta prática está presente na rotina desses usuários. A necessidade de consumir a droga, além da precariedade no entorno de suas vidas acabam por induzir essas pessoas a esse tipo de atividade.

Acabou o crack, eu me demonio, que o corpo pede. Eu fico descontrolado, fico despaciente, me dá logo aquela ansiedade. Deus me perdoe, mas eu acho que é a coisa ruim que tá dentro de mim. Vou roubar logo: com revólver, sem revólver, tomo na tora. Vendo, pra consumir o crack, e isso não tem dia, não tem hora, não tem momento. Não tem dinheiro, eu vou roubando, roubando. Isso é bicicleta, é relógio, é celular, faço arrombamento de casa, de loja, comigo é sem pano.

ANDALUZITA_MAS_36

Não tem pra onde correr, porque não tem ninguém pra dar, não trabalha, como é que vai arrumar dinheiro? Ou se prostituir, ou rouba, como eu não sou mulher.

ÁGUA-MARINHA_MAS_30

Roubo muito. A maioria das vezes eu vendia e vou fumar uma, e acabava baratinando e tinha que pagar a dívida. Chega uns cara e chama nas boate que tem lá, chama pra pessoa fazer programa, a pessoa vai e faz, ganha dinheiro pra usar crack.

HEMATITE_MAS_2

Roubava as mariconas [cliente velho]. Tinha que roubar as mariconas. Eu num tava pra fazer programa, eu tava ali pra azuelar [roubar], pra fumar crack. Entrou no carro, puxou a chave, puxou a faca, e já corre logo pra boca com a coisa da mariconas, e fuma o crack, e se amoita e se camufla em outro canto.

DIAMANTE_TRA_23

Percebe-se os roubos, furtos ou alguma outra atividade ilícita bem presente como recurso para conseguir o crack. No momento da fissura, os entrevistados descrevem a necessidade de usar a droga e que, não tendo outro recurso acabam se envolvendo

nessas situações. Na maioria das vezes não avaliam os riscos se colocando em situações de violência podendo ser preso ou mesmo chegar a óbito.

Para Ribeiro, Sanchez e Nappo (2010) enquanto alguns afirmam que a realização dessa prática depende mais da índole do sujeito do que da fissura, outros responsabilizam a fissura pela transformação de caráter que tornaria o sujeito capaz de roubar para assim comprar crack. Essas situações potencializam riscos, pois se trata de atividades que incitam a violência.

4.7.3 Tráfico: uma ajuda pela pedra

Segundo Zaconne (2014) existem vários tipos de traficantes. Os que prevalecem no imaginário social como alguém destemido, que comanda as favelas e enriquece rapidamente; mas também, aquele negro, pobre, economicamente desfavorecido e morador de locais com pouca assistência do Estado que é o mais comum, na realidade. Esses traficantes são conhecidos como “mulas”, “boca” ou “aviõezinhos” e ficam com apenas uma pequena parcela do dinheiro do narcotráfico para manter, muitas vezes, seu consumo de crack.

Para os entrevistados a participação no tráfico é uma atividade importante para conseguir a droga. Nos relatos, o traficante pagava pelo serviço com pedras de crack o que causava um ciclo vicioso entre venda e consumo. Na negociação, o traficante disponibiliza uma certa quantidade para venda e uma menor parte para o consumo do usuário. Para Chaves, Sanchez, Ribeiro et al (2011) o sujeito em fissura por crack muitas vezes contrai dívidas com os traficantes e corre sério risco de morte caso não consiga efetuar o pagamento no tempo estabelecido. Segundo alguns entrevistados, os traficantes têm interesse em incentivar o uso de crack para continuar lucrando.

Só traficando mesmo. Ganho minha parte tudo em droga. Se eu quiser fazer por dinheiro eu faço. Já precisei fazer furto. Eu sempre tive o tráfico como meio pra eu sobreviver, usar a droga. Nunca tive esses de prostituição não.

AVENTURINA_MAS_27

No começo: não, quero vender não. Depois o vício falou mais alto e eu parti pra vender, vendia todo dia, me acordava seis, sete, oito horas da manhã já tava na boca lá vendendo crack,

vendendo e fumando, vendendo e fumando. Nesse tempo eu fumava muito capeta, fumava na lata não, fumava muito capeta mesmo, aí pronto, cheguei a vender pra fumar.

GRANADA_MAS_27

No começo eu vendia, eu vendia de grama pro cara. Mataram ele já, esse traficante. Eu vendia pra ele, a cada dez gramas que eu vendia eu só ganhava uma, eu vendia pra ele assim. Ah, recebo dinheiro, às vezes recebo droga, depende, quando a gente encontra um traficante que tá afim de ficar com uma mulher, aí ele paga em droga, dá umas três, quatro pedra, a gente faz, dá uma transa e pronto.

OPALA_FEM_29

O envolvimento das mulheres no tráfico de drogas ainda é um aspecto que precisa ser melhor investigado nos estudos científicos. Há ainda pouco interesse acadêmico acerca da criminalidade feminina. Apesar do crescente aumento da participação das mulheres no tráfico de drogas essas traficantes permanecem invisíveis, tendo suas particularidades apagadas em função do papel primordial desempenhado pelos homens em suas trajetórias no mundo do crime. (Souza, 2009; Barcinski, 2012)

Chama atenção que Brilhante foi o único de nossos entrevistados que descreveu não desenvolver nenhuma atividade ilícita para a obtenção do crack. Ele destaca que sempre comprou a droga com o dinheiro, fruto de seu trabalho. Este relato coloca Brilhante numa condição diferenciada, onde as atividades de trabalho não foram comprometidas pelo uso da droga. Um uso controlado pode trazer menor comprometimento à vida do usuário. A conciliação entre as atividades de rotina no trabalho e nas suas relações sociais não comunga com o uso compulsivo do crack (Oliveira e Nappo, 2008a).

Eu compro. Eu compro com meu dinheiro, dinheiro que não é ilícito, com dinheiro que vem do trabalho mesmo. Eu sempre trabalhei, eu sou promotor de vendas, eu sempre trabalhei em diversas empresas grandes, de nome até, e através do meu trabalho é que eu fazia meu uso.

BRILHANTE_MAS_36

Para a maioria dos entrevistados, não importa a forma como conseguirão o crack. Diante da escassez de recurso e a intensidade da fissura as atividades ilícitas passam a fazer parte da rotina de cada um. Nos relatos percebe-se que não existe avaliação das consequências diante dos atos para conseguir o crack. Muitos se colocam em situação de risco e violência onde a morte acaba sendo uma realidade.

4.8 Acessibilidade ao crack

Levantamentos epidemiológicos veem apresentando um aumento do consumo de crack pela população geral. Esses estudos apontaram que o uso alguma vez na vida foi de 0,4% em 2001 e de 0,7% em 2006, nas 108 maiores cidades do país (Carlini, Galduróz, Noto et al 2002; Carlini et al., 2006). O *II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD II)* indica que o uso do crack nos 12 meses anteriores às entrevistas chegou a 2% no Brasil (Laranjeira, 2013). Oliveira e Nappo (2008b) sugerem que esse aumento pode estar relacionado ao aparente baixo custo da pedra de crack, associado à facilidade de ter acesso a droga. Nessa pesquisa desenvolvida por Oliveira e Nappo (2008b), os autores descreveram que a acessibilidade dos usuários ao crack é muito facilitada. A venda da droga se dá em qualquer local, tanto assim que um dos entrevistados neste estudo afirmou: *E mais fácil entrar no mercado e não encontrar feijão do que não achar crack para comprar.*

4.8.1 A pedra de crack: em todo lugar tem!

O fácil acesso ao crack foi descrito pela grande maioria dos participantes da pesquisa. Conseguir esta droga, para eles, é muito fácil, em todo lugar se encontra e, tendo dinheiro, a facilidade para comprar é equivalente à compra de qualquer objeto numa feira livre.

A aquisição de crack é simples, rápida e notoriamente pública, mediante o contato com pontos especiais de distribuição, denominados por “tráfico de asfalto” e “bocas, bocadas ou biqueiras” (Oliveira e Nappo, 2008b). Os relatos abaixo descrevem essa facilidade:

Hoje em dia o crack tá em toda comunidade, em toda favela que você vai tem o crack. Antigamente, logo no começo que o crack chegou aqui em Pernambuco, eu me lembro que tinha favelas que adotava o termo de “Aqui na minha favela não rola crack”, os traficante. Porque os dependente de crack, noiado, como eles falam, procura roubar as coisas e isso causa problema pra gente: trás polícia aqui e empata, inibe o tráfico. Mas hoje não. Hoje em dia, o que tá dando mais dinheiro ao traficante é o crack, então todos eles procuram vender o crack. Em cada favela aqui ao redor que você imaginar tem crack, na beira da praia tem crack. Às vezes até na porta do shopping mesmo, porque eles sabem que tem vários dependentes. Tem vários usuários que não se tornaram dependente químico ainda, que trabalham e procuram o crack, e vendem.

ÁGATA_MAS_34

É mais fácil que você comprar desodorante. Porque se você tá no lugar, se você souber onde é as bocas meu amor, a qualquer hora, essa hora que a gente tá conversando, eles já tão vendendo crack. Amanhecendo, eles já tão vendendo crack.

LODOLITA_TRA_20

Primeiro era escondido, pra você achar pedra ali em Recife, você andava quilômetros, entrava num beco, entrava numa casa, pulava muro, era lá no fundo do quintal, hoje em dia até nos camelódromos do Recife, uma pessoa vende celular e uma pedra junto, hoje em dia é fácil, onde tem bocada vende pedra.

RUBI_FEM_32

Muito fácil, muito fácil, em toda esquina tem, na feira livre é o que mais tem é o crack, qualquer canto que você chega. As vezes tem algumas barracas lá, que vendem a bebida, mas por trás tem o crack, entendeu?

ZIRCÔNIA_MAS_46

Percebe-se, a partir dos relatos, que no início era difícil encontrar o crack. Por um tempo, o próprio tráfico não permitia a circulação dessa droga nas bocas de fumo para não causar problemas. A fissura pelo crack acaba por induzir alguns usuários a cometer atos ilícitos para conseguir dinheiro para comprar a pedra.

Atualmente, o crack passa a ser a droga com o melhor retorno financeiro do tráfico. A boa aceitação da substância por parte dos usuários diante do baixo custo aparente e a intensidade dos efeitos decorrendo do uso da droga fez com que o crack circulasse com muita facilidade nos diversos espaços da comunidade.

Nesse processo de compra e venda, o funcionamento do tráfico também se adequou às necessidades dos consumidores e estabeleceu formas e regras para a compra e venda do crack como veremos no próximo tema apresentado.

4.8.2 As estratégias de funcionamento do tráfico

Para que o crack continue uma droga acessível para quem a procura, o tráfico reinventa diariamente a forma para que o usuário possa comprar seu produto. São várias as estratégias e as formas de venda do crack. Uma das principais estratégias de venda do crack nas comunidades é com a ajuda do próprio usuário. Os traficantes ou transformam eles em aviões, ou incentivam os usuários a trazerem outras pessoas para comprar na boca. Nessas duas opções, o usuário ganha sua pedra para consumo e passa o dia todo nesse ciclo entre venda e consumo.

Em Recife é fácil, é só ir lá, de todo jeito, ou se prostituindo, ou roubando, e tem uma forma melhor, melhor não, fácil, a gente somos vários na esquina, a gente espera outros usuários, a gente escolhe o traficante pra levar o usuário pra ele, a gente leva três usuários, ele dá cinco, seis pedras, se levar dois usuários, ele dá uma, duas, isso a gente faz um pouco isso. Como se diz aviãozinho, invés do aviãozinho vender, ele tá levando usuário pra consumir e eu ganhar minha parte.

RUBI_FEM_32

Aqui vende todo tipo de droga. Aonde vende o crack, vende a maconha, aonde vende a maconha vende, comprimidos, êxtase, rupinol... A concorrência tá sendo muito grande. Hoje em dia não tem um só traficante, tem o traficante e tem os aviões dos traficante. Tipo, eu sou o traficante, eu boto cinco pessoa pra vender pra mim, então aquelas cinco pessoas tá tipo concorrendo. É tipo uma empresa, tipo uma loja de concorrência,

eles tão concorrendo ali pra vender, devido a isso cria muito recalque, um fica com inveja do outro porque o outro vende mais, o outro vende menos, aí cria aquele hábito de um matar o outro... Eles [os traficantes] se organiza de todo tipo. Tem pessoas que vai comprar na boca, tem pessoas que já tem o telefone, o contato do traficante, a gente liga eles vêm trazer em casa. Tem traficante que a gente já procura ele na casa dele, mas já sabendo que se levar a polícia pra lá ou se levar alguém que não conhece, morre. O mais comum é a gente ir diretamente ao traficante, porque aí a gente vai pegar uma promoção. Digamos que se a gente for comprar cinco pedra de crack, a gente ganha uma.

ÁGATA_MAS_34

Para os entrevistados outra estratégia de venda utilizada é a compra dentro da própria boca. Porém, segundo os relatos, a compra na boca normalmente é feita em grande quantidade, em grama. Nenhum usuário vai na boca para comprar uma pedra de crack. Essas pequenas quantidades são vendidas pelos aviõezinhos, na rua, nas calçadas, becos ou feiras.

Para Leite, Oliveira e Cruz (2015) os usuários com melhor poder aquisitivo ou quando conseguem uma boa quantia em dinheiro a compra do crack é feita em grama. O crack vendido em gramas denota uma grande quantidade da droga, pois, segundo as informações dos sujeitos pesquisados, um grama corresponde a cerca de oito pedras de crack revelando em suas falas que o uso por peso é bastante abusivo.

Outro aspecto importante descrito pelos entrevistados é que na boca só compra quem conhece o traficante, ou o “patrão” como eles chamam. Ninguém se arrisca a ir numa boca sem nenhum conhecimento na área. Essas estratégias são bem descritas nos relatos abaixo. Fica muito claro a facilidade e as diversas formas para se conseguir comprar o crack nas comunidades.

Em outro estudo alguns participantes relataram preferir comprar a droga em pontos conhecidos para evitar confusões com traficantes nos primeiros encontros; já outros preferem variar os pontos de compra para garantir o anonimato do uso. Para a escolha do melhor horário para comprar a droga, alguns entrevistados dizem contar com ajuda de informantes (pessoas que conhecem a dinâmica do tráfico ou traficantes) para saber o momento mais conveniente. (Ribeiro, Sanchez E Nappo, 2010)

A forma que é mais vendida é em boca. Vai lá e compra. Entrega aqui, mas só em quantidade grande. Pequena, a turma não entrega não. Geralmente, quem vende crack não quer vender outra droga, porque crack tem um volume pequeno e é uma droga cara, e o dinheiro entra rápido. Geralmente tem quem venda perto maconha também, mas geralmente é só crack.

ÁGUA-MARINHA_MAS_30

Tem um mói de gente vendendo. É muito, aí vem robozinho [aviãozinho]. Traficante bota na mão, e o robô que faz os corre... se arrisca vendendo. O patrão que bota na mão dele, pra ele vender. O patrão não se arrisca em nada, só quem se arrisca é quem vende... Lá é 24 horas onde eu vendo. Só o crack, maconha já tem um lugar só pra vender maconha.

AVENTURINA_MAS_27

Depende de você, se você conhece os local certo, você vai diretamente, se você não conhecer vai nos avião. Tanto faz, depende da pessoa.

CORAL_FEM_24

A compra por telefone também é uma opção para quem quer ter acesso ao crack. Nos relatos, normalmente essa compra é feita, ou por pessoas de uma classe mais favorecida financeiramente, ou por ser uma compra em grande quantidade. Nesse último caso, o traficante faz questão de levar em casa as gramas solicitadas.

Ribeiro, Sanchez e Nappo (2010) também encontraram em seus estudos esta forma de comercialização do crack. Segundo as autoras existe a forma de compra conhecida como *delivery*. Essa modalidade de compra acontece quando as pessoas têm dinheiro suficiente para pagar pelo serviço de entrega da droga.

O disk droga eu acho que serve mais pra população de nível alto, que é o consumo da cocaína. Com relação ao crack, eu acho que o usuário tem que se deslocar mesmo até a boca. No caso dos aviõezinhos eles estão dentro da boca... lá vende crack, vende maconha, vende lóól. Em algumas bocas, em

outras não. Hoje em dia o tráfico da maconha tá muito escasso, eu acho que hoje a maconha se enquadra mais no disk droga, porque tem muito índice de pessoas que tão se envolvendo com crack, tem crescido muito. Assim, como eu, elas abandonam o uso da maconha. Quem só permanece no uso da maconha, tá ficando mais difícil de encontrar uma maconha de qualidade.

BRILHANTE_MAS_36

Quando tem conhecimento dos traficantes, você dá uma ideia, faz uma ligação e pronto. Chega... A maioria das bocas vende maconha e crack, e o pozinho de virado.

DIAMANTE_TRA_23

De primeiro era muito raro você encontrar. Hoje em dia até no meio da rua, você andando, é ofertado. Tem por telefone. Você telefona, vem trazer na sua porta... meia noite, uma hora da manhã, a pessoa não precisa nem andar atrás dela, ela vem atrás da gente... Você dentro do ônibus tem pessoa que reconhece o usuário. Às vezes você nem tem o jeito de usuário, tá limpinho, bonitinho, vestidinho, ele reconhece. Não sei como é isso não, eles reconhecem o usuário... É raro você encontrar outras drogas junto, um dia desse ainda encontrava, maconha encontrava, lóló encontrava, pó, lança perfume. Hoje em dia é mais a pedra. Você vai numa boca, nem maconha tem, só tem pedra. Aí você diz: "puxa, num tem outra droga, vou levar um pedra mesmo". Hoje em dia é mais pedra. Pra você encontrar maconha, você tem que andar. Boca de pedra é uma em cima da outra. Você entra num beco, em uma favela, você encontra mais de dez avião daqui pra o final, e boca de fumo pra você encontrar é raro.

RUBI_FEM_32

Tem até pela internet, pelo facebook, whatsapp. Do jeito que quiser encontra. O traficante, de fato, ele não vende. Se chegar na casa do traficante, perguntando se lá tem crack, capaz de meter um tiro na sua.

TOPÁZIO_MAS_31

Chamou a atenção que em vários relatos os entrevistados afirmam a dificuldade de se encontrar maconha nas comunidades. Para muitos, onde se vende crack não vende outra droga. A justificativa para essa situação é a maior lucratividade advinda do crack. Para os traficantes, não é mais tão rentável a venda da maconha ou de

alguma outra droga. Apesar de vários relatos acerca desse contexto, outros relatos também referem a venda de múltiplas drogas numa mesma boca.

Percebe-se as várias formas de acesso ao crack. O tráfico funciona de acordo com a necessidade do usuário da área. Na compra com os aviõezinhos, a pedra de crack é melhor comercializada, dentro das bocas a compra em grama é mais presente e em maior quantidade. Para quem não quer se expor, o disk crack também vem funcionando para aqueles com melhor poder aquisitivo ou mesmo para aqueles que querem a compra de uma grande quantidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.*

*Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra
(Carlos Drummond de Andrade)*

A realização desta pesquisa teve como objetivo estudar a cultura de uso de crack no Estado de Pernambuco para que novas intervenções possam ser pensadas a partir das experiências dos usuários entrevistados em nossa região. Não houve, porém, nenhuma intenção de que essas experiências pudessem ser generalizadas, contudo, acreditamos que a singularidade possa relacionar-se com outros envolvidos na mesma problemática. Assim, compreendemos que as experiências desses usuários, ainda que singulares, possam produzir ressonância para profissionais que atuam nessa área. Esse é um desafio a ser enfrentado por todos que trabalham com usuários de drogas, principalmente, o crack, no sentido de garantir a estes um cuidado adequado para suas demandas.

Os resultados desse estudo revelaram como os aspectos relacionados ao contexto social do consumo do crack têm estreita relação com o aumento de situações de vulnerabilidade vividas por esses usuários. As dimensões individuais, sociais e programáticas podem ser relacionadas nesse estudo a partir das categorias identificadas para descrever a cultura de uso de crack em Pernambuco.

O início do consumo tem associação direta com a experimentação de outras substâncias psicoativas, principalmente as lícitas como o álcool e o cigarro, além do fácil acesso e o baixo preço da droga. Vários são os fatores que levam as pessoas a usarem o crack. Nas experiências de muitos dos usuários desse estudo, o uso dessa substância foi motivado, principalmente, pela curiosidade e pela influência dos amigos. Para os entrevistados, usar o crack, muitas vezes, está diretamente

relacionado ao sentimento de pertencimento a um determinado grupo de amigos. O ambiente social com experiências de uso abusivo, seja na família ou entre os amigos, também foi motivador deste uso.

Apesar de um prazer indescritível nas primeiras experiências de consumo de crack, os efeitos negativos, como a fissura e a paranoia, são mais presentes e interferem diretamente nas formas de uso dessa droga. Nos relatos desse estudo, os entrevistados descreveram preferir usar o crack sozinhos, em cachimbos artesanais, sem a mistura com outras drogas. Relataram sentir prazer mais rápido com o crack puro, o que eles denominam de “tiro”. A utilização de cachimbos para o consumo do crack, de forma pura, tem levado os usuários a um padrão de uso compulsivo.

Esse padrão compulsivo pode estar relacionado as situações de vulnerabilidade vivida pelos entrevistados, uma vez que o uso controlado do crack sugere que este fenômeno ultrapasse os efeitos farmacológicos dessa substância e pode estar diretamente associado a questões sociais, ambientais e emocionais de cada um que consume essa substância.

A dependência do crack é vivenciada por quase todos os entrevistados. Várias são as implicações no âmbito pessoal, afetivo e profissional que acabam por marginalizar uma grande parcela desses usuários. Suas perdas não são só de ordem material, são perdas afetivas e de valores fundamentais na vida de cada um. Poucos participantes acreditam na possibilidade de um uso controlado do crack. A compulsão é uma característica bem presente nos relatos. Apesar dessa dificuldade de controle, alguns relatam que a mistura do crack com a maconha e/ou o álcool possibilita um consumo menos abusivo.

Diante do consumo abusivo do crack percebeu-se o grande envolvimento com atos ilícitos para obter a droga. A falta de controle exige dos usuários o envolvimento em pequenos furtos, roubos, além de fazerem uso do corpo em troca da droga, e envolverem-se com o tráfico. Sob efeito da fissura e com o objetivo de continuar esse uso, foi comum a descrição de atividades ilícitas de rápido retorno financeiro, gerando, além de significativo comprometimento moral e social, importante risco à vida dos entrevistados. Durante a compulsão essas pessoas têm dificuldade de avaliar os riscos a que estão submetidas quando usam o crack ou quando estão agindo de alguma forma para conseguir a pedra.

No que se refere aos ambientes de uso, não foram identificadas cracolândias em Pernambuco. Pequenas cenas de uso são nossos territórios psicotrópicos com todas as características e riscos advindos do uso abusivo do crack. Os entrevistados apontaram para espaços públicos abandonados e insalubres com pouca movimentação e muita violência. Terrenos baldios, casas abandonadas, motel, espaços oferecidos pelo traficante entre outros são referenciados pelos participantes do estudo. Qualquer espaço é adequado desde que seja escondido, discreto e que não chame atenção. Situações conflitantes entre os usuários e riscos eminentes de morte ou prisão estiveram presentes em vários relatos, apontando para a necessidade de intervenções do poder público. É necessário identificar os espaços sociais em que consumo de crack se apresenta, para se identificar possibilidades de intervenção condizentes com a realidade vivida por essas pessoas.

A ausência de cracolândias foi um dos diferenciais da cultura de uso de crack em Pernambuco. Esse consumo mais isolado e escondido é dissonante de outros estudos já desenvolvidos no Brasil. Essa característica é importante para que políticas públicas locais sejam pensadas e organizadas no sentido de conseguir atender a esse público em ambientes mais privados ou escondidos.

Outro diferencial que precisa ser destacado foi a identificação do uso de crack na forma do virado. Alguns aspectos importantes foram identificados com esta nova forma de uso de crack. O consumo do virado tem uma caracterização mais social, sendo utilizado principalmente em ambientes de festas e comemorações, não estigmatizando tanto que o consume. Tem um efeito mais prolongado não causando tanta compulsividade como o crack fumado. Apesar desses aspectos positivos, o virado causa significativo sangramento nasal e, por compartilharem o canudo na hora do uso, aumenta a probabilidade de doenças infecciosas.

As pesquisas qualitativas relacionadas ao consumo de crack no Brasil para a compreensão do comportamento e das situações de vulnerabilidade vividas pelas pessoas que fazem uso abusivo dessa substância ainda são escassas. Diante da complexidade dessa problemática, maiores investimentos científicos precisam ser prioritários para que políticas públicas de atenção aos usuários de crack possam ser repensadas e melhor elaboradas para atender todas as particularidades relacionadas à atenção integral dessas pessoas.

REFERÊNCIAS

6. REFERÊNCIAS

- Almeida, BFA. O caminho das pedras: Conhecendo melhor os usuários de crack do município de Recife-PE. Dissertação (mestrado em psicologia clínica) – Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, 2010.
- Alves, Y.D.D. O uso do *crack* como ele é: o cachimbo, o “bloco” e o usuário. *Etnográfica*. 2016. Vol. 20 (3): p. 495-515
- Ayres, JRJM; Calazans GJ; Saletti Filho, HG et al. Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. *In: Campos, G.W.S. et al (orgs). Tratado de saúde coletiva. São Paulo, Hucitec, 2006. p.375-417.*
- Andrade, TM e Santiago, L. The social pharmacology of crack: the use of. Barcelona: IHRA'19th International Conference, 2008.
- Barcinski, M. Mulheres no tráfico de drogas: a criminalidade como estratégia de saída da invisibilidade social feminina. *Contextos Clínicos*, vol. 5, n. 1, janeiro-junho 2012.
- Bardin, L. *Análise de Conteúdo* (3ª edição). Lisboa: Edições 70 (223 p), 2004.
- Bardin L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70. 2011.
- Bassols, AMS. Adolescência e infecção pelo HIV: situação de risco e proteção, autoestima e sintomatologia psiquiátrica [tese de doutorado]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- Bastos, F. I.; Cotrim, B. C. O consumo de substâncias psicoativas entre os jovens brasileiros: dados, danos e algumas propostas. *In: JOVENS acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD. v.2. p.645-670, 1998.
- Bastos, F.I. Bertonni, N. Pesquisa Nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? quantos são nas capitais brasileiras? – Rio de Janeiro: Editora ICICT/FIOCRUZ, 2014
- Beato Filho, CC; Assunção, RM; Silva, BFA; et al (2001). Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 17(5):1163-1171, set-out, 2001.
- Becker, HS *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- Boni, V. e Quaresma, S.J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC* Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.
- Bourgois, P. *In search of respect: selling crack in El Barrio*. New York: CUP, 1996.
- Bucher, R. e Lucchini, R. *Drogas e Drogadição no Brasil*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

Câmara, RH. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais e aplicadas às organizações. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 6 (2), 179-191, jul - dez, 2013.

Carlini, EA; Galduróz, JCF; Noto, AR et al. I Levantamento domiciliar nacional sobre uso de drogas psicotrópicas no Brasil. São Paulo: SENAD/CEBRID, 2002.

Carlini, EA; Nappo, SA; Galduróz, JCF et al. Drogas psicotrópicas – o que são e como agem. Revista IMESC, nº 3, 2001. p.9-35.

Carneiro, CBL e Veiga, L. O conceito de inclusão, dimensões e indicadores. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Coordenação da Política Social, 2004.

Carneiro, H. As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX. Outubro – Revista do Instituto de Estudos Socialistas, v.6, 2002, p.115-128.

Carneiro, H. Transformações do significado da palavra “droga”: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo. In: Venâncio, RP; Carneiro, H; Gonçalves, AL (orgs.). Álcool e drogas na história do Brasil. São Paulo: Alameda, 2005.

Chaves, T; Sanchez, ZM; Ribeiro, LA et al S.A. Fissura por crack: comportamentos e estratégias de controle de usuários e ex-usuários. Rev. Saúde Pública vol.45 no.6 São Paulo dez. 2011 Epub 02-Set-2011.

Creswell JW. Research desing: Qualitative, quantitative and mixed methods approaches. 3 ed. USA: Sage Publications, 2009.

Cruz MS, Andrade T, Bastos FI, et al Key drug use, health and socio-economic characteristics of young crack users in two Brazilian cities. Int J Drug Policy 2013; 24(5): 432-8.

Dias AC, Ribeiro MA, Dunn J, et al. Mortality rate among crack/cocaine-dependent patients: A 12-year prospective cohort study conducted in Brazil. J Subst Abuse Treat. 2011;4(3):273–8.

Domanico, A. Craqueiros e cracados – bem vindo ao mundo dos noias. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Salvador. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2006.

Dourado, GOL; Melo, BMS; Silva Junior, FJG et al. Prostituição e sua relação com o uso de substâncias psicoativas e a violência: revisão integrativa. Rev enferm UFPE on line., Recife, 7(esp):4138-43, maio., 2013.

Duailibi, LB, Ribeiro, e Laranjeira, R. Perfil dos usuários de cocaína e crack no Brasil. Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas (UNIAD) – Depto de Psiquiatria – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) Boletim eletrônico ABEAD 41ª edição 2008. Disponível em: http://www.abead.com.br/artigos/arquivos/perfil_usuario_coca_crack.pdf. Acesso em 10 de julho de 2014.

Duarte, PCAV e Dalbosco, C. A política e a legislação brasileira sobre drogas. In: Formigoni, MLOS (orgs.) O uso de substâncias psicoativas no Brasil: módulo 1. – 7. ed. – Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2014

Epele, M. Sujetar por la herida: uma etnografia sobre drogas, pobreza y salud. Buenos Aires: Paidós, 2010.

Escohotado, A. Las Drogas. De los orígenes a la prohibición, Madri, Alianza Editorial, 1994.

Escohotado, A. Historia elemental de las drogas. Barcelona, Editorial Anagrama, 1996.

Fernandes, L e Pinto, M. El espacio urbano como dispositivo de controle social: territórios psicotrópicos y políticas de la ciudad. In: uso de droga e Drgodependências, Monografias Humanitas, n.5. Barcelona: Fundación Medicina y Humanidades Médicas, 2004

Fernandes, L.; Ramos, A. Exclusão social e violência quotidianas em “bairros degradados”: etnografia das drogas numa periferia urbana. Revista Toxicodependências, Porto, v.16, n.2, 2010.

Fernandez, OFRL Redes Juvenis, subcultura da droga injetável e o HIV/AIDS. Revista USP – Dossiê AIDS, São Paulo, n.33, 1997.

Ferreira, TCD; Sanchez, ZVM; Ribeiro, LA et al. Perceptions and attitudes among public school teachers towards the topic of drugs. Interface - Comunic., Saude, Educ., v.14, n.34, p.551-62, jul./set. 2010.

Fischer B, Cruz MS, Bastos FI, et al. Crack across the Americas - a massive problem in continued search of viable answers: exemplary views from the North (Canada) and the South (Brazil). Int J Drug Policy 2013; 24(6): 631-3.

Flick, U. Introdução à Coleção Pesquisa Qualitativa. In: GIBBS, G. Análise de dados qualitativos. Tradução: Roberto Cataldo Costa; supervisão, consultoria e revisão técnica desta edição: Lorí Viali. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Fontanella, BJB; Ricas, J. e Turato, ER. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 24(1):17-27, jan, 2008.

Franco Netto, FA. O problema do crack: emergência, respostas e invenções sobre o uso do crack no Brasil. Dissertação (Mestrado) –Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2013.

Galduróz, JCF; Noto, AR; Nappo, SA et al. I Levantamento domiciliar nacional sobre uso de drogas psicotrópicas – parte A: estudo envolvendo as 24 maiores cidades do estado de São Paulo. São Paulo: FAPESP/CEBRID, 1999.

Garcia, LSL. Apresentação. In: Souza, J. Crack e exclusão social. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Política sobre Drogas, 2016.

Gibbs G. *Qualitative Data Analysis: Explorations with NVivo*. New York: Open University Press. 2007.

Gibbs, G. *Análise de dados qualitativos*. Tradução: Roberto Cataldo Costa; supervisão, consultoria e revisão técnica desta edição: Lorí Viali. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Gomes, BR. E Adorno, RCF. Tornar-se 'noia': trajetória e sofrimento social nos 'usos de crack' no centro de São Paulo. *Etnográfica*. Lisboa: CRIA, vol. 15, nº 3, 2011.

Gonçalves, JR e Nappo, SA. Factors that lead to the use of crack cocaine in combination with marijuana in Brazil: a qualitative study. *BMC Public Health* (2015) 15:706 DOI 10.1186/s12889-015-2063-0

Grandesso, M. Prefácio. In: SILVA, E.A.; ZUGMAN, D.K. e MOURA, Y,G. (Orgs). *Vulnerabilidade, Resiliência e Redes: Uso, Abuso e Dependência de Drogas*. São Paulo: Red Publicações, 2015.

Gruskin, S; Tarantola, D. Um panorama sobre saúde e direitos humanos. In: Paiva, V.; Ayres, JR; Buchalla, CM. *Vulnerabilidade e direitos humanos: prevenção e promoção de saúde*. Curitiba: Juruá, 2012. v.1,p.23-41.

Hartman DM e Golub A. The social construction of the crack epidemic in the print media. *J Psychoactive Drugs*. 1999;31(4):423-33.

Iniciardi, J. Crack cocaine in the Americas. In: MONTEIRO, M.G., Iniciardi, J.A. (Eds.) *São Paulo: Brazil/United States Binational Research, Cebrid*, 1993, p.63-75.

Jorge M S B, Quinderé P H D, Yasui S, et al. The ritual of crack consumption: socio-anthropological aspects and impacts on the health of users. *Ciênc. saúde coletiva* [Internet]. 2013 Oct [cited 2017 Jan 14]; 18(10): 2909-2918. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013001000015&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013001000015>.

Kessler FHP, Woody G, Portela LVC, et al. Brain injury markers (S100B and NSE) in chronic cocaine dependents. *Rev. Bras. Psiquiatr.* [Internet]. 2007 June [cited 2017 Jan 14];29(2):134-139. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462007000200009&lng=en. Epub Feb 23, 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462006005000029>.

Kessler,FHP; Barbosa, TM; Faller, S et al. Crack users show high rates of antisocial personality disorder, engagement in illegal activities and other psychosocial problems. *Am J Addict* 2012; 21(4):370-380

Labigalini E; Rodrigues, LR e Silveira, DX. Redução de danos no uso de maconha por dependentes de crack. *Anais do S.O.S. Crack Prevenção e Tratamento*. São Paulo: 1999.

Lacerda, RB; Cruz MS e Nappo, AS. Drogas estimulantes (anfetaminas, cocaína e outros): efeitos agudos e crônicos. In: *Efeitos de substâncias psicoativas: módulo 2*. – 9. ed. – Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2016.

Laranjeira, R.(orgs). II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e Outras Drogas Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, 2014.

Leite, SC; Oliveira, MM e Cruz, VC. O encontro com o crack: início, tempo, quantidade diária e formas de uso. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. abr.-jun. 2015;11(2):97-104

Lima, IS; Paliarin,MM; Zaleski, EGF; et al. História oral de vida de adolescentes dependentes químicos, internados no setor de psiquiatria do hospital regional de Mato Grosso do Sul para tratamento de desintoxicação . SMAD. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português), Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 01-11, feb. 2008. ISSN 1806-6976. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/smad/article/view/38663>>. Acesso em: 08 jan. 2017.

Macance EF, Price LH, Kosten TR, et al. Cocaethylene: pharmacology, physiology and behavioral effects in humans. J Pharmacol Exp Therap 1995;274:215-23.

Macrae, E. A subcultura da droga e a prevenção. Texto Apresentado ao Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Disponível em: http://www.neip.info/downloads/t_edw5.pdf. Acesso em dez. de 2016.

Magnani, J G C. Os circuitos dos jovens urbanos. Tempo soc., São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, Nov. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200008&lng=en&nrm=iso>. Access on 14 Jan. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702005000200008>.

Malchy L, Bungay V, Johnson J. Documenting practices and perceptions of “safer” crack use: A Canadian pilot study. International Journal of Drug Policy 19:339-341. 2008.

Malheiros, LS “Entre *Sacizeiro, usuário e patrão*”: Um estudo etnográfico sobre consumidores de crack no Centro Histórico de Salvador. Monografia. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia e Etnologia, 2010.

Malheiros, LS. “Entre sacizeiro, usuário e patrão”: Um estudo etnográfico sobre consumidores de crack no Centro Histórico de Salvador. In: MacRae, E. *Crack: contextos, padrões e propósitos de uso*. Salvador: EDUFBA. 2013. pp. 154-227.

Manual diagnóstico e estatístico de transtorno5 DSM-5 / [American Psychiatric Association, tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli... [et al.]. - . e. Porto Alegre: Artmed, 2014. xlv, 948 p.; 25 cm.

Marangoni, SR e Oliveira, MLF. Uso de crack por multipara em vulnerabilidade social: História de vida. Ciênc. Cuid. Saúde, 11(1), 166-172. 2012.

Marques, ACP. Cocaína e crack: dos fundamentos ao tratamento. Rev. Bras. Psiquiatr, São Paulo , v. 21, n. 1, p. 82-83, Mar. 1999 .

Manzini, EJ. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: Marquezine MC; Almeida, MA; Omote; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.

Mckeganey N. Quantitative and qualitative research in the addictions: an unhelpful divide. *Addiction* 90:749-751. 1995.

Medeiros, R. Redes sociais: Reflexões sobre as redes informais dos usuários de álcool e de crack. Belo Horizonte: Sigma, 2008.

Medeiros, KT. As mulheres no fenômeno das drogas: Representações sociais de usuárias de crack (Dissertação de mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB. 2014.

Minayo, MCS e Sanches, O. Quantitativo-qualitativo: Oposição ou complementariedade? *Cadernos de Saúde Pública*, 9 (3), 239-262, 1993.

Minayo, MCS. O Desafio do Conhecimento- Pesquisa Qualitativa em Saúde, São Paulo/Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO,1999.

Ministério da Saúde (BR). Elaboração de proposta para normalização de serviços de atenção a transtornos por uso e abuso de substância psicoativa: exposição de motivos. Brasília. 1998. 17 p. Mimeo.

Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. SVS/CNDST/AIDS. A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas. Brasília: MS, 2004.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Orientações Técnicas: Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2011.

Morgan, JP e Zimmer, L. The social pharmacology of smokeable cocaine: not all it's cracked up to be. In: REINARMAN, C.; LEVINE H.G. (eds.). *Crack in America: demon drugs and social justice*. London: University of California Press, 1997.

Moura, YG; Silva, EA e Noto, AR. Redes sociais no contexto de uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua. *Psicologia em Pesquisa | UFJF | 3(01) | 31-46 | janeiro-junho de 2009*.

Murphy, S e Rosenbaum, M. Two women who used cocaine too much: class, race, gender, crack and coke. In: Reinarmann,C e Levine, HG. *Crack in American: Demon drugs and social justice*. Berkeley: University of California Press, 1997.

Nappo, S A “Baquêros” e “Craquêros: um estudo sobre o consumo de cocaína na cidade de São Paulo. Tese (doutorado). Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina, 1996.

Nappo SA, Galduróz JC, Noto AR. Crack use in São Paulo. *Subst Use Misuse* 1996; 31: 565-79.

Nappo, AS; Sanchez ZM; Oliveira LG et al. Comportamento de Risco de Mulheres Usuárias de Crack em relação às DST/AIDS. São Paulo: CEBRID, 2004.

Nappo, SA; Sanchez, ZM, Rameh-de-Albuquerque, RC et al. Virado: a new method of crack consumption in Brazil. *American Journal on Addictions*, Washington, v. 21, n. 6, p. 574, 2012.

Nappo, SA; Rameh-de-Albuquerque, RC; Almeida, RBF et al. Essa Ciranda não é minha só, Ela é de Todos Nós: Reflexões sobre as vulnerabilidades das Pessoas que Usam Crack. In: SILVA, E.A.; ZUGMAN, D.K. e MOURA, Y.G. (Orgs). Vulnerabilidade, Resiliência e Redes: Uso, Abuso e Dependência de Drogas. São Paulo: Red Publicações, 2015.

Nery Filho, A., MacRae, E e Tavares L A et al. orgs. Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas [online]. Salvador: EDUFBA; Salvador: CETAD, 2009, 308 p. Drogas: clínica e cultura collection. ISBN 978- 85-232-0566-9. Available from SciELO Books.

Noto, AR; Galduróz, JCF; Nappo, SA et al FONSECA, A.M.; CARLINI, C.M.A.; MOURA, Y.G.; CARLINI, E.A. Levantamento nacional sobre uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras. São Paulo: SENAD / CEBRID, 2003.

Oliveira, JF; Paiva, MS e Valente, CML. A interferência do contexto assistencial na visibilidade do consumo de drogas por mulheres. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 15, n. 2, p. 247-252, apr. 2007. ISSN 1518-8345. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/2423>>. Acesso em: 08 jan. 2007.

Oliveira, LG. Avaliação da cultura do uso de crack após uma década de introdução da droga na cidade de São Paulo. Tese (doutorado). Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina. Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia, 2007.

Oliveira LG e Nappo SA. Characterization of the crack cocaine culture in the city of São Paulo: a controlled pattern of use. *Rev. Saúde Pública* [Internet]. 2008a Aug [cited 2017 Jan 14]; 42(4): 664-671. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000400012&lng=en. Epub July 11, 2008. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-891020080005000039>.

Oliveira, LG e Nappo, SA. Crack na cidade de São Paulo: acessibilidade, estratégias de mercado e formas de uso. *Rev Psiq Clín*. 2008b;35(6):212-8

Organização Mundial da Saúde. Classificação Internacional de Doenças e problemas relacionados à saúde: décima revisão. São Paulo: Centro Colaborador da OMS para Classificação de Doenças em Português; 1993

Paiva, V. Fazendo Arte com a Camisinha. Sexualidades Jovens em Tempos de Aids. São Paulo: Summus, 2000.

Patton MQ. Qualitative research and evaluation methods. Sage Publications, 3a edição; 598 p. 2002.

Pechansky F, Kessler FHP, Diemen LV et al. Brazilian female crack users show elevated serum aluminum levels. Rev. Bras. Psiquiatr. [Internet]. 2007 Mar [cited 2017 Jan 14]; 29(1): 39-42. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462007000100012&lng=en. Epub Feb 28, 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462006005000034>.

Prior NP, Payá JM, Company ES, et al. Transcendencia del cocaetileno en el consumo combinado de etanol y cocaína. Rev Española Drogodependencias. 2006;31(3y4):254-70.

Rameh-de-Albuquerque, RC; Almeida, RBF e Campos, AR. Encontros e desencontros: dimensões entre drogas e religiosidade. In: Freire, L. (Org). Terapia e Espiritualidade: Reflexões e Práticas. Recife: Libertas, 2013. p. 231-249.

Ratton, JL (Coord.) Políticas de Drogas e Redução de Danos no Brasil: o Programa Atitude em Pernambuco. Recife: NEPS, UFPE, 2016.

Raup, LM. Circuitos de uso de crack nas cidades de São Paulo e Porto Alegre: cotidiano, práticas e cuidado. Tese de doutorado do Programa de Pós graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

Raup, LM e Adorno, RCF. Circuitos de uso de crack na região central da cidade de São Paulo (SP, Brasil). Ciência & Saúde Coletiva, 16(5):2613-2622, 2011.

Reinarman, C e Levine, HG. Crack in American: Demon drugs and social justice. Berkeley: University of California Press, 1997.

Ribeiro, L A; Sanchez, ZM e Nappo, S.A. Estratégias desenvolvidas por usuários de crack para lidar com os riscos decorrentes do consumo da droga. São Paulo: UNIFESP, 2010.

Ribeiro M, Nappo AS e Sanchez ZVDM. Aspectos socioculturais do consumo de crack. In: Laranjeira R, Ribeiro M, organizadores. O tratamento do usuário do crack. Porto Alegre: Artemed; 2012. p. 50-56.

Ribeiro M, Dunn J, Sesso R, et al. Causes of death among crack cocaine users. Rev. Bras. Psiquiatr. [Internet]. 2006 Sep [cited 2017 Jan 14]; 28(3): 196-202. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000300010&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462006000300010>.

Rocha, WS; Alves, ERP; Vieira, KFL et al. Concepções dos usuários de crack sobre os fatores que influenciam o uso e a dependência. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. 11(3):129-35 jul.-set. 2015.

Rocha, D e Deusdará, B. Análise de Conteúdo e Análise de Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. ALEA Volume 7. Número 2. JULHO – DEZEMBRO p. 305-322, 2005.

Rosenbaum, M. Women: Research and policy. In: Lowindson, J; Ruiz, P; Millman, R, et al (Eds). Substance abuse: a comprehensive textbook. (3ªed). Baltimore: Williams and Wilkins, 1997.

Ronzani, TM; Noto, AR e Silveira, PS. Reduzindo o estigma entre usuários de drogas: guia para profissionais e gestores. Juiz de Fora : Editora UFJF, 2014.

Roy, E e Arruda, N. Exploration of a Crack Use Setting and Its Impact on Drug Users' Risky Drug Use and Sexual Behaviors: The Case of *Piaules* in a Montréal Neighborhood. *Substance Use & Misuse*, 50:630–641, 2015.

Rui, TC. *Corpos Abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack*. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2012.

Sanchez ZM e Nappo SA. Progression on drug use and its intervening factors among crack users *Rev. Saúde Pública* [Internet]. 2002 Aug [cited 2017 Jan 14]; 36(4): 420-430. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102002000400007&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102002000400007>.

Sanchez, ZM e Nappo, S.A. A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas *Ver. de Psiquiat Clín.* 34, supl 1; 73-81, 2008.

Sanchez, ZM e Nappo, SA. A Sequência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes. *Revista de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.36, n.4, p.420-430, 2002.

Sanchez, ZM; Oliveira, LG e Nappo, SA. Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(1):43-55, 2004.

Sanchez, ZM.; Nappo, SA. Intervenção religiosa na recuperação de dependentes de drogas. *Rev Saúde Pública* 2008;42(2):265-72

Santos, NTV. *Vulnerabilidade e prevalência de HIV e sífilis em usuários de drogas, Recife, 2009: resultados de um estudo respondente-drivensampling*. Tese (doutorado) Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2013.

Santos, NTV; Almeida, RBF e Brito, AM. *Vulnerabilidade de usuários de crack a HIV e outras doenças transmissíveis: estudo sócio comportamental e de prevalência no estado de Pernambuco*. Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2016.

Sapori, L.F. e Medeiros, R. (orgs). *Crack: um desafio social*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2010.

Scivoletto S e Morihisa RS. Conceitos básicos em dependência de álcool e outras drogas na adolescência. *Jornal Brasileiro de Dependência Química* 2001; 2 (Supl 1): 30- 33.

Soares, C B. Consumo contemporâneo de drogas e juventude: a construção do objeto na perspectiva da saúde coletiva. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem, 2007.

Sodelle, M. Vulnerabilidade, Resiliência e Redes Sociais: Uso, Abuso e Dependência. In: SILVA, E.A.; ZUGMAN, D.K. e MOURA, Y,G. (Orgs). Vulnerabilidade, Resiliência e Redes: Uso, Abuso e Dependência de Drogas. São Paulo: Red Publicações, 2015.

Souza, KOJ. A pouca visibilidade da mulher brasileira no tráfico de drogas. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, n. 4, p. 649-657, out./dez. 2009.

Souza, J. Ralé Brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

Souza, J. Crack e exclusão social. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Política sobre Drogas, 2016.

Strauss, A. e Corbin, J. Basics of qualitative research: Techniques to developing grounded theory (3rd Ed.). Los Angeles, CA: Sage. 2008.

Taylor SJ, Bodgan R. Introduction to Qualitative Research Methods. New York: John Wiley & Sons Inc.; 337 p.1998.

Toledo, L; Góngora, A e Bastos, FIPM. À margem: uso de crack, desvio, criminalização e exclusão social – uma revisão narrativa. Ciência & Saúde Coletiva, 22(1):31-42, 2017.

Triviños, ANS. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

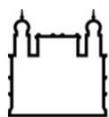
Yamaguchi, ET; Cardoso, MMSC; Torres, MLA, et al. Drogas de abuso e gravidez. Rev. Psiq. Clín., 35(1), 44-47. 2008.

WHO: World Health Organization. WHO initiative on cocaine. Meeting of project advisers. WHO/PSA/92.8, pp 1-17, 1992.

Zaccone, O. Acionistas do nada: quem são os traficantes de drogas. Rio de Janeiro: Revan; 2014.

Zaluar, A. Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas. Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. 2004.

APÊNDICE A



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Estamos convidando você a participar da pesquisa **“Taxas de infecção de HIV, sífilis, hepatites (B e C) e tuberculose; conhecimento, atitudes e práticas relacionadas às infecções sexualmente transmissíveis e cultura de uso de crack e outras drogas entre usuários de Pernambuco”** que será realizada nos serviços do Programa ATITUDE, entre usuários de drogas com 18 anos de idade ou mais. Os objetivos principais deste estudo são conhecer as formas de uso de crack e práticas relacionadas ao risco de infecções sexualmente transmissíveis; e as taxas de HIV, sífilis, hepatites e tuberculose.

As informações obtidas nesta pesquisa serão úteis para a elaboração de melhores programas de atenção aos usuários de drogas e de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/aids, beneficiando toda a sociedade e, particularmente, os usuários de drogas.

Para participar do estudo você deverá responder um questionário sobre o uso de drogas e de conhecimento acerca de doenças sexualmente transmissíveis e, se quiser, realizar testes rápidos para saber se você tem infecção pelo HIV, sífilis, hepatites B e C e tuberculose, oferecidos de forma gratuita. Um profissional de saúde treinado irá orientá-lo a coletar o escarro para o teste de tuberculose e depois irá fazer um pequeno furo na ponta do seu dedo da mão, com um instrumento apropriado, devidamente esterilizado e descartável, e irá colher algumas gotas de sangue para fazer os outros exames (HIV, sífilis, hepatites B e C). Você poderá sentir um desconforto mínimo e passageiro na ponta do dedo aonde for feita a coleta de sangue.

Os resultados dos seus exames serão fornecidos até duas horas após seu sangue e escarro terem sido colhidos. Um profissional de saúde qualificado irá entregar os resultados dos testes a você e, no caso de serem negativos, irá orientá-lo sobre as formas de prevenção dessas doenças.

Se algum dos testes realizados for positivo, você será encaminhado a unidade de saúde da família ou a serviços especializados do seu município de residência, para receber acompanhamento e tratamento gratuito.

Você poderá também ser convidado para a segunda fase da pesquisa, na qual será realizada uma entrevista sobre sua história de uso de drogas, as formas de uso de

crack, as relações desse uso com a violência e outras situações de risco. A entrevista será gravada e algumas respostas poderão ser anotadas pelo pesquisador.

Será garantido o total sigilo das informações que você fornecer, assim como de sua identidade (anonimato). Seu nome não será relacionado às respostas que você der quando responder ao questionário, a entrevista ou aos testes realizados. Questionários e testes serão identificados somente com um número.

Você poderá solicitar esclarecimentos sobre a pesquisa a qualquer momento, bem como interromper sua participação por qualquer motivo, sem prejuízo na sua relação com o pesquisador ou com o Programa ATITUDE.

Em caso de dúvida, você poderá procurar as pesquisadoras responsáveis pelo Projeto: Ana Maria de Brito, Naíde Teodósio Valois Santos e Renata Barreto de Almeida, nos telefones (81) 21012614 ou (81) 21012603.

Essa pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz. Sua aprovação poderá ser verificada através do endereço eletrônico comiteetica@cpqam.fiocruz.br.

Eu, _____ declaro que compreendi este termo e aceito participar do estudo.

Assinatura do participante: _____

Polegar Direito

Assinatura do entrevistador: _____

Recife, ____/____/____

(1ª via do entrevistador e 2ª via do participante)

Campus da UFPE - Av. Moraes Rego, s/n - Cx. Postal 7472 -Fone: 0XX81 3012500 - Fax: 0XX81 4531911 - CEP: 50670-420Recife - PE - Brasil - <http://www.cpqam.fiocruz.br>

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA

I. Histórico de drogas

Gostaria que você começasse a falar um pouco de tua história com as drogas. Você usou outras drogas antes do crack? Teve algum problema com alguma delas?

Dentre as drogas experimentadas, houve alguma droga de maior impacto (marcante), seja esse motivo positivo ou negativo? Porque?

II. Uso de crack (primeira vez)

Há quanto tempo você usa crack? Fala um pouco sobre teu uso de crack

Por que você acha que começou a usar crack e como conseguiu a droga nessa primeira vez?

Poderia descrever a sensação quando usou o crack pela primeira vez? Teve algum problema com o crack nessa primeira vez?

Nessa primeira vez, como usou o crack? só a pedra, ou misturada ou associada a outra droga?

III. Uso de crack (continuidade de uso)

Porque você acha que continuou usando o crack?

Qual a forma que você mais gosta de usar o crack (só a pedra, associado a outra droga- pitilho, na forma de virado, etc? Porque?

Você ainda sente os mesmos efeitos que sentiu no início? Você pode descrever os efeitos (positivos e negativos) que sente atualmente?

Você usa alguma droga para potencializar ou minimizar (aumentar ou diminuir) o efeito do crack?

Você já Usou o crack em forma de virado? Porque?

Você prepara ou compra o virado? Como faz o virado?

IV. Ambiente de uso

Você poderia descrever como é o ambiente de consumo de crack?

Você tem alguma preferência, quando utiliza o crack, em ficar sozinho, com alguém, com grupo, ou outra condição? Qual é o motivo?

Existem regras para usar a droga em companhia de outros e não ter brigas? Os usuários fazem alguma coisa para evitar? Você se inclui nessas regras?

V. Cachimbo

Qual é o tipo de cachimbo que você utiliza? Qual é o material? Onde vc consegue?

Você troca o cachimbo com alguém que usa crack? As pessoas trocam o cachimbo mesmo quando estão com feridas na boca?

VI. Estratégias para sobreviver ao crack

O que você faz para diminuir ou evitar os efeitos desagradáveis do crack (ex: paranoia, fissura, etc)

Se usa virado, considera uma estratégia para diminuir esses efeitos?

VII. Estratégias para conseguir o crack

Como você consegue a droga? Que atividades você desenvolve para conseguir a droga (programas sexuais, trabalha, faz bicos, assalta, rouba, trafica etc)

VIII. Acessibilidade/preço/ formas de venda

É fácil conseguir crack? Fala um pouco sobre isso.

Você considera barato? Como é vendido?

IX. Tráfico

Como é o tráfico de crack em Pernambuco? Como funciona?

O local que vende crack, vende outras drogas também?

Há violência ao redor do tráfico? Por que?